

ÓRGÃO CENTRAL
DO
PARTIDO COMUNISTA
PORTUGUÊS

Director
António Dias Lourenço



Ano 49 — Série VII — N.º 350
2 de Outubro de 1980

Preço: 12\$50

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

SEMANÁRIO

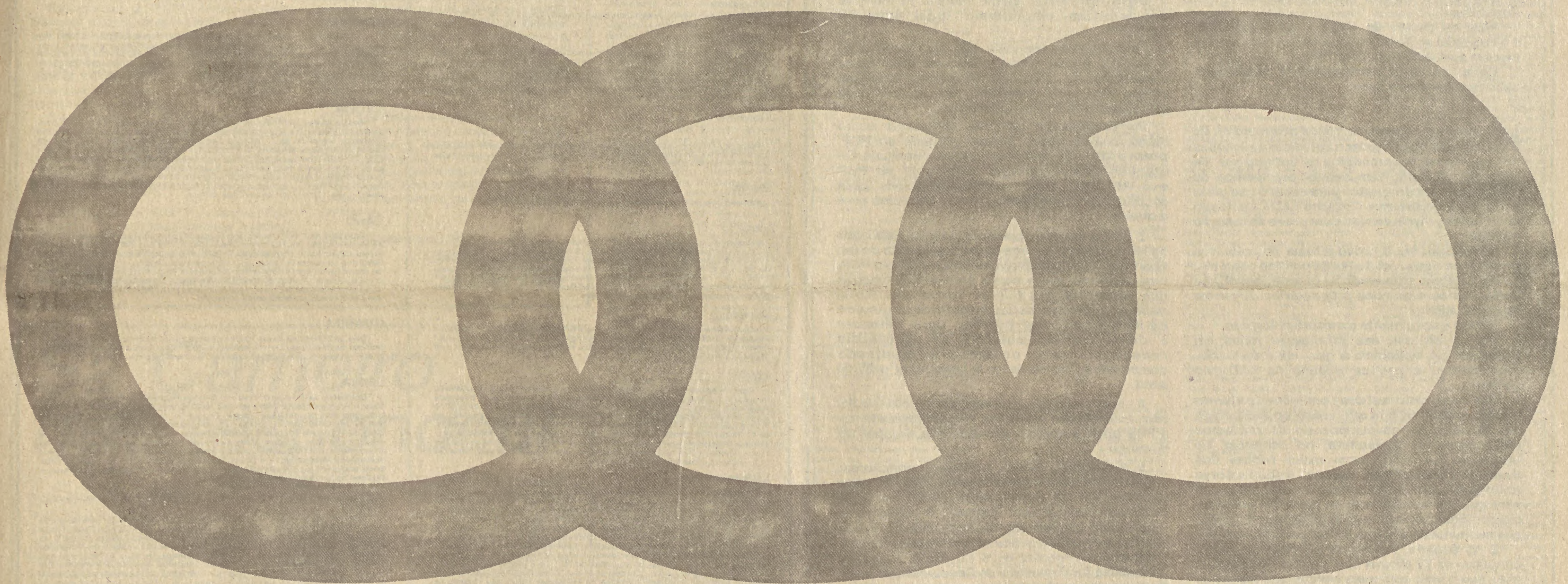
Propriedade do Partido Comunista Português

Dir./Red. — R. Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 25 — Telex 18390

Composição e impressão — Heska Portuguesa

Distribuição — CDL, R. Pedro Nunes, — 1000 Lisboa

VOTA APU!



POVO UNIDO

A "AD" VAI FICAR EM MINORIA!

A "AD" VAI PERDER!

ABRIL VAI VENCER!

Editorial

ESTÁ NA TUA MÃO, AMIGO!

Editorial

ESTÁ NA TUA MÃO, AMIGO!

DOMINGO, Amigo, é um dia importante da tua vida, da nossa vida nacional. Um daqueles dias em que a tua vontade somada a outras vontades pode decidir por muito tempo dos destinos do teu País, do nosso País.

É um dia histórico o 5 de Outubro. Nesse mesmo dia, há 70 anos, portugueses decididos e corajosos, fizeram avançar páginas da nossa História pátria.

Eram talvez um pouco românticos, talvez não soubessem muito bem o que queriam. Talvez tenham querido simplesmente desalojar da rota do futuro um poder tradicionalista e reacçãoário que bloqueava o avanço, conquistar a liberdade...

Mas no domingo, Amigo, sabemos o que queremos — é preciso reacender as esperanças de Abril!

Porque o que vai decidir-se neste 5 de Outubro de 1980 não é uma simples «alternância de governo» como alguns interesseiramente pretendem inculcar, nem seria nunca uma simples continuação do Governo actual e da política actual.

Tem de ser uma clara opção de fundo este voto de domingo para a eleição de deputados à Assembleia da República.

O que vamos decidir no acto eleitoral de 5 de Outubro pode-se exprimir assim:

Democracia ou fascismo.

25 de Abril ou regresso ao passado.

Os inimigos da democracia, da Revolução, do 25 de Abril têm desta opção uma nitida consciência. E dizem-no sem tibiezas.

O loquaz engenheiro Amaro da Costa, locatário actual do departamento da Defesa, ninho do «Directório», baptiza mesmo o quimérico sonho da reacção de... «IV República»!

Para os chefes da «AD» a «IV República» é o regresso ao 24 de Abril de 1974 e para alguns mesmo ao 4 de Outubro de 1910.

Como se vê, a extrema-direita governante sabe também o que quer...

NO domingo, Amigo, tu, todos nós maiores de 18 anos vamos fazer o veredicto de 9 meses de gestão antidemocrática e antipopular de Portugal de Abril. Nem sequer precisamos de aguardar a hora do «parto» para saber o que pariu ao fim de 9 meses este Governo «AD» — o nosso povo fez na própria carne a dura prova da reacção no Poder.

Sobretudo, fez a prova directa do valor das promessas e das realidades, da política concreta, de um Governo enfeudado ao grande capital, aos latifundiários e grandes proprietários de terras, ao imperialismo.

E tirou naturalmente conclusões lógicas.

Foi a antítese das promessas feitas em Dezembro ao eleitorado o que, em substância, materializou a prática política da «AD» no governo.

O agravamento real das condições de vida do povo trabalhador, dos que vivem do seu salário nas fábricas e nos campos, ou de modestos rendimentos na agricultura, no comércio, na indústria, ou ainda com maior rudeza dos desempregados, dos velhos trabalhadores reformados, dos pensionistas idosos, de todos para quem a subsistência do dia-a-dia constitui uma dolorosa incógnita é um facto incontroverso que nenhuma demagogia barata pode desmentir.

E no entanto, Amigo, aí os viste na «zona ocupada» da TV afirmar com o maior cinismo que não; que a vida está mais barata; que nunca se construíram tantas casas para os habitantes dos bairros de lata; que nunca se fizeram tantas reformas sociais, principalmente tantos projectos, projectos, projectos...

E na sua inexpugnável trincheira do pequeno quadrado luminoso, ninguém lhes podia secar o riso na boca, ninguém os podia contestar, ninguém lhes podia dizer que era mentira.

Ninguém lhes podia logo ali ler os boletins da Estatística — mesmo da sua manipulada Estatística — que lhes daria um desmentido formal às suas afirmações mentirosas.

Em 6 meses, de Janeiro a Julho, a Alimentação foi mais cara 21 por cento, o Vestuário e Calçado mais 35%; a Habitação mais 25,6%; os Diversos mais 26,2%. Apesar da quebra de 29,3% nas bebidas, a alta geral do custo de vida atingiu os 20 por cento. Diz o Boletim do INE.

E ninguém lhes podia ali dizer que a carne de vaca estava em Maio deste ano 82\$80 mais cara e a de carneiro 36\$70 mais em quilo do que em Maio do ano passado...

O favoritismo, a corrupção, a imoralidade, a fraude, são a marca característica deste Governo, a ética dos governantes e dos altos funcionários da «AD» no aparelho de Estado.

São os interesses parasitários de classe do grande capital que determinam os critérios de política social e financeira do Governo Sá Carneiro/Freitas do Amaral.

A fraude à banca nacionalizada, aos dinheiros que a Constituição pôs sob a custódia do Povo, imputada ao Primeiro-Ministro, é apenas uma manifestação num mar de escândalos do Governo da «AD».

Os gastos sumptuosos dos ministros e de certos gerentes municipais como Abecasis; as caras passeatas de altos dirigentes da «AD»

à custa do Orçamento, como o senhor Leonardo Ribeiro de Almeida; as chorudas «ajudas de custo»; os compadrios no MAP; a descarada cortina com que o Governo da «AD» quis ocultar o regabofe das «indenizações» — 60 milhões de contos para 800 tubarões e apenas 4 milhões para 120 000 pequenos accionistas, etc, etc, tudo isto e muito mais define o carácter e a moral de classe dos que ocupam a máquina governativa desde Janeiro deste ano.

E é tudo isto, Amigos, que tem de estar presente em nossas mentes quando no domingo através do voto, os actos dos governantes vão ser politicamente julgados pelo povo.

E é por tudo isto, por toda esta dura experiência vivida, que o veredicto popular se vai exprimir pela derrota da «AD» nas eleições de domingo.

É imperioso e urgente «desempregar» este Governo que ganha tão bem e faz tão mal ao Povo português; é preciso afastar a «AD» da área do Poder; é necessário reconduzir a de maneira ainda mais expressiva à minoria na Assembleia da República.

É verdade, Amigo. Pôr na rua o Governo fascizante Sá Carneiro/Freitas do Amaral, recolocá-lo em minoria na AR, implica a eleição de uma maioria democrática e a formação de um governo democrático com base social e parlamentar de apoio largamente maioritário — condição necessária para opor ao Governo e à política actual uma alternativa democrática viável.

Na base desta alternativa deveria estar o entendimento entre todas as forças democráticas, em primeiro lugar entre PS e o PCP.

Os dirigentes da FRS, que apontaram a si próprios e aos seus eleitores uma falsa perspectiva de obtenção da maioria absoluta, sabem que estão mentindo não só aos seus eleitores como ao Povo português.

Na propaganda da FRS, dirigentes como Mário Soares fazem soezes ataques ao PCP, põem a APU na fileira dos inimigos principais. Os ataques dos dirigentes socialistas ao PCP e à APU são uma «cortina de fumo» para esconderem e justificarem novos conluios com a direita.

É com o mesmo objectivo que o PS pela boca de Mário Soares avança agora a proposta de um aberrante «pacto de regime» com o PSD e o PCP, uma proposta que procura desviar as atenções dos socialistas das que os comunistas de há muito vêm avançando na direcção de um acordo de Governo e de política para defender a democracia, corrigir os atentados reacçãoários à ordem e à legalidade democráticas, estabelecer e consolidar o 25 de Abril.

As propostas de um «pacto de regime» do PS são a confissão clara da impossibilidade de a FRS obter a maioria absoluta nas eleições de domingo.

E a questão, Amigo, coloca-se com força: o voto de intenção democrática na FRS não seria um voto útil na democracia — seria um voto destinado a servir uma intenção inconfessável — e até meio confessada — de entendimentos com a direita para uma política objectivamente contra a democracia, contra o 25 de Abril, contra as conquistas fundamentais da Revolução por parte de dirigentes socialistas dos mais destacados.

E na mesma direcção, embora por outros caminhos, apontam os votos nos esquerdistas da FUP e da UDP, cujo anticomunismo veio mais uma vez abertamente a lume nos últimos dias.

E é por isso, Amigo, que nós dizemos:

O voto na APU é o voto útil, seguro, certo e necessário na democracia e no 25 de Abril.

O voto na APU é o voto num grande projecto unitário e democrático cuja força está galvanizando massas cada vez mais vastas de portugueses.

A campanha da APU encontra cada vez mais um profundo eco no seio das massas populares.

A força da verdade impregna a campanha e as propostas políticas da APU ao Povo português.

O voto maciço no PCP e na APU é a condição necessária para a derrota da «AD» e a vitória das forças democráticas.

A convicção de um resultado vitorioso da APU nas urnas cresce à medida que se aproxima o dia das eleições.

Com o voto na APU

— A derrota da «AD»;
— A defesa das liberdades;
— A garantia das conquistas de Abril;
— A formação de um governo democrático e a possibilidade de uma alternativa democrática viável.

Tudo isto, Amigo, está na tua mão. No domingo que vem, com uma renovada confiança, Amigo,

VOTA APU!

Avante!

Edição especial na 3.^a feira — dia 7

Na próxima terça-feira, dia 7 de Outubro, o «Avante!» publicará uma edição especial dedicada aos resultados das eleições para a Assembleia da República.

As organizações do PCP deverão informar com a devida antecipação para a CDL (Avenida Santos Dumont, 57-2. Dt.º — 1000 LISBOA, telefones 77 98 28/77 98 25) a quantidade de exemplares que desejam.

Agenda

Dia 2

Aveiro

Anta (Espinho), às 21 h no Salão do Liceu, com Jaime Serra • Gafanha do Carmo (Ilhavo), às 21 h na Escola Primária, com Manuel Matos • St.ª Justa de Cepelões (Vale do Cambal), às 21 h com António Silva • Espargos (Feira), às 21 h na Escola Primária, com Manuela Vaz Serra e Mário Vaz • Paradelas (Sever do Vouga), às 21 h na Junta de Freguesia com Virgílio Loureiro • Argoncelhe (Feira), às 21 h na Escola Primária do Gavaihal, com Strecth Monteiro • Fanhões (Oliveira de Azeméis), às 21 h na Escola Primária, com Flávio Laranjeiro e Valdemar Costa • Olá (Oliveira do Bairro), às 21 h no Centro Social • Arada (Ovar), às 21 h no Clube Desportivo de Arada • S. Jacinto (Aveiro), às 21 h no Refeitório dos Estaleiros, com Neto Brandão • Silvade Contacto com a população, com Jaime Serra • Espinho Contacto com a população, com Jaime Serra • Mouselos (Feira), mini-comício • Lamas Mini-comício • Ponte Nova 21 h Associação Cultural e Recreativa, com Vital Moreira e Fernando Moreira • Ovar Vital Moreira e M. Freire, às 12-30 h, visita à F. Ramada. A tarde, visitas à SICOR e à Lusotul • Esmoriz 18-30 h, contactos com a população, com Vital Moreira •

Beja

Santa Vitória (Beja), às 21-30 h na Casa do Povo • Cabeça Gorda (Beja), às 21-30 h na Casa do Povo • S. Marcos de Alagoa (Castro Verde), às 21-30 h na Casa do Povo • Fernandes (Almodovar), às 21 h na Escola • Corte Zorrinha (Almodovar), às 21 h na Escola • Alcaria Ruiva (Mértola), às 21 h na Casa do Povo • Espírito Santo (Mértola), às 21 h na Casa do Povo • S. Sebastião dos Carros (Mértola), às 21 h na Casa do Povo • Moura (Mértola), às 21 h no Cine-Mourense •

Braga

Cabeceiras (Abradim), às 21-30 h na Escola Primária • Rulvães (Famalicão), às 21-30 h na Escola Primária • Pedome (Famalicão), às 21-30 h na Escola Primária • Vila Chã (Espadense), às 21-30 h na Escola Primária com Alfredo Cardoso • Soutelo (Vila Verde), às 21-30 h na Escola Primária da Cruz • Ribas d'Ave (Famalicão), às 21-30 h no Teatro Narciso Ferreira • Póvoa de Lanhoso • Foz de Várzea, distribuição de propaganda • Barcelos (Feira), de tarde, distribuição de propaganda •

Bragança

Vilas Boas às 21-30 h com Modesto Navarro e Alfredo Vieira •

Castelo Branco

Aldela de S. Francisco (Covilhã), às 21 h sessão • Vila Velha de Rodão às 21-30 h com João Amaral • Boleiros às 15 h sessão • Penamacor às 21 h, com José Paulo Gasção • Peraboa (Covilhã), às 21-30 h com Neto Rebelo • Feno (Covilhã), às 21-30 h sessão • Lardosa (Castelo Branco), às 21-30 h com Carlos Vale • Escalos de Baixo (Castelo Branco), com Alzira Mendes • Castelo Branco porta-a-porta • Minas da Pansqueira Sardinha-convívio •

Coimbra

Botão às 21-30 h no Clube Académico de Paço • S. Paulo de Frades às 21-30 h na Escola Primária • Carvalhal de Azóia (Condeixa), às 21 h no Clube • Casa Velha (Soure), às 21 h na Escola Secundária •

Évora

Vendas Novas às 12 h na Baptista Russo com Mário Barnadas •

Faro

Barão de S. João (Lagos), às 21-30 h na Escola Primária • Espiche (Lagos), às 21-30 h na Escola Primária • Monchique às 21-30 h na Casa do Povo com Margarida Tengerinha • Loulé às 21-30 h com José Manuel Tengerinha e Baltazar Pereira • Vila do Bispo às 21-30 h, com Luis Catanio e José Veloso • Barrocal às 21-30 h, sessão • Faro às 18 h contatdo com a população • Matosinhos de Carregação às 12-30 h contacto com os trabalhadores da UCAL, com Margarida Tengerinha • Portimão Grande caravana seguida do baile e canto livre •

Guarda

Cabeça (Seia), às 21 h na Junta de Freguesia • S. Romão (Seia), às 21 h na Junta de Freguesia • Escóthão (Figueira de Castelo Rodrigo), às 21 h na Casa do Povo • St.ª Amaro (Foz Coa), às 21 h na Escola Primária • Vilarformoso (Almeida), às 21 h na Escola Secundária •

Leiria

Valado de Frades às 21-30 h na Escola Primária, com Jaime Félix • Castanheira de Pera às 21 h no Sport Castanheirense • Corredoura (Porto de Mós), às 21 h sessão • Nadadouro (Caldas), às 21-30 h na Escola Primária • Geráldez (Peniche), às 21-30 h na Escola Primária • Leiria às 18 h na Baptista Russo e Gavaihal • Castano • Regueira de Penha (Leiria), às 21-30 h no Clube Recreativo Lis. e Lena • Amieira (Marinha Grande), às 21-30 h na Colektividade • Figueiras (Marinha Grande), às 21-30 h na Colektividade • Santiago de Litem às 21 h na Escola Secundária • Leiria às 21 h na Casa do Povo • Odivos às 21 h na Sociedade Recreativa, com Joaquim Gomes • Patães às 21 h na Cimpor • Boavista às 21 h no Clube •

Lisboa

Lisboa às 21-30 h, no Grupo Recreativo 21 de Março, com Carlos Lapa • Lisboa às 21-30 h na Escola n.º 1, R. do Saco, com Jorge Moraes • Lisboa às 21 h no Alto da Eira-Torres, com Maria Alda Nogueira • Lisboa às 21 h em Palma com Jorge Mira • Lisboa às 20 h no Largo das Pimentas, com António Rodrigues • Lisboa às 21 h na Quinta do Cine-Estrela da Charneca, com Adalberto Ribeiro • Lisboa às 21 h no Clube do Ourives, Clube Recreativo 11 Unidos, com Pedro Maia • Lisboa às 17 h, Caixa Geral de Contribuições, R. Marechal Saldanha, com Octávio Teixeira • Lisboa às 17 h Coop. dos Trabalhadores de Portugal, com Jorge Lemos • Lisboa às 18 h na Coop. Eio, Império, com Manuel Pedro e Manuel Silva • Lisboa às 13 h na Direcção Geral do Plan. Urbanístico, com Jorge Lemos • Cascais às 21 h na Sociedade 1.º de Maio com Zita Seabra • Sintra na Sociedade Recreativa de Fontes e Goutas • Colares às 21-30 h, no Sport União Colarense • Louras às 21-30 h, com Severiano Falcão • Montelavar às 18 h na Fábrica Portugal • Sintra às 18 h sessão • Lisboa às 12-30 h, no Est. Port. de Oncologia, com Manuel Pedro • Pinheiro Lourenço às 21 h na Sociedade Filarmónica • Cachoeira às 20-30 h em St.ª Estevão • Arranhal às 21-30 h, com José António Vensismo • Macrussa às 21-30 h, na Sociedade com Carlos Amaro • Quelhas às 21-30 h, no Salão Paroquial, com Martins Coelho • Remalhães às 21-30 h, na Casa do Povo, com Álvaro Mateus • Ruma às 21-30 h, na Casa dos Bombeiros • Helder Pinheiro • Bordinheira às 21-30 h, sessão • Lisboa às 17-30 h, no Marquês de Pombal • Sacavém às 21-30 h no Sacavense com Octávio Pinto • Lisboa das 17 às 24 h, desfiles, mini-comícios, em vários locais • Galinheiras porta-a-porta, com Lurdes Gomes • Lisboa às 12 h mini-comício, no Beato, com Helder Pinheiro • Lisboa às 12 h mini-comício, à porta da Soc. Nac. Sabões, com Artur Rodrigues • Lisboa às 17 h no Pogo do Bispo, com Artur Rodrigues • Lisboa às 20-30, no Mercado do Povo, jantar convívio, com Abom Inglês, Luis Francisco Riebel, Anselmo Pinhal, Veiga de Oliveira • Lisboa às 21 h, no Largo das Pimentas, com José Manuel Silva • Lisboa às 21 h, no Largo das Pimentas, com José Manuel Silva • Lisboa às 22-30 h, no Bairro da Palma, com GIC • Lisboa às 21-30 h, Cine-Estrela da Charneca, Palhaços Emilianos • Musgueira Sul às 21-30 h, Brigada Povo Unido • Pires às 21 h Fado de Alorna • Sacavém às 21-30, Fado de Abril • Mina às 21 h Rock UHF • Tires às 21 h com António Martins • Oeiras às 21 h no Parque dos Anjos, Cegada • Cavitas às 21-30, «Praça Pública» •

Portalegre

Fronteira às 21-30 h, com António Murtiera e Palmira Matos • Arronches às 21-30 h, com Domingos Lopes e Dr. Menezes • Crato às 21-30 h, com Joaquim Miranda e João Gaita • Castelo de Vide às 21-30 h, com Florindo Madeira • Montalvão às 21-30 h, com José Luís e José Manuel de Paço • Fortões (Portalegre), às 17 h com Joaquim Miranda • S. Bartolomeu porta-a-porta •

Porto

Povoa do Varzim às 21-30, comício-festa, no Cine-Povoa • Paredes Viaduros às 9-30 h sessão • Marco de Canaveses às 9-30 sessão • S. (Porto), às 21-30 h na Junta de Freguesia •

Setúbal

Sines no Clube Recreativo, com Domingos Abrantes • Palmela na Sociedade «Os Loureiros», com José Vitoriano • Abela na Casa do Povo, com José Maia • Canal Cavelra no Centro de Trabalho, com Ercília Talhadas • Laranjeiro no Clube Portões Espadina • Quinta da Lomba na Sociedade Recreativa, com Rogério Brito • Almada no Bairro do Matadouro, com Odete Santos • Lagoada Patha com Daniel Cabrita • Setúbal na União Sexviense, com Matos Gago • St.ª Isidro de Pegões com Manuel Guerreiro • Cova da Piedade no Largo do Chagadinho, com Conceição Moraes • Almeda com Luisa Araújo •

Santarém

Montanto às 21 h na Casa do Povo, com Madeira Lopes • Perofinho às 21 h na Escola Primária • Advogor às 21 h no SFC, com Ramundo Cabral • Reguengo Valada às 20 h na Escola Primária, com António Basílio • Lameiras às 21 h em casa particular • Minhoelinho às 21 h no Centro Recreativo • Carrascal às 21 h na Escola Primária, com Custódio Ferreira • Carvalhos Figueiredo às 21 h na Escola Primária, com Carlos André • Colegial às 21-30 h, no Pavilhão da Feira, com Dias Lourenço • Francisco Nuno • Abranço às 21 h no Salão Paroquial, com José Vasco • Mordelras às 21-30 h na Escola Primária, com José Cravinho • Ferreira do Zêzere às 21-30 h na Casa do Povo, com Helder Teixeira • Torres Novas às 18 h distribuição de propaganda no Centro Metálgico • Monsanto às 18 h na empresa Gregório e Filhos, contacto com os trabalhadores •

Viana do Castelo

Aguaí (Arcos de Valdevez), às 21-30 h na Escola da Igreja • Melgaço às 21-30 h no Pavilhão do Liceu • Oleiros (Ponte da Barca), às 21 h na Escola Primária • Refoitos (Ponte de Lima), às 21-30 h na Escola Nova • Valença, às 21-30 h, no Salão da Escola Nova • Moreira de Cereix (Viana do Castelo), às 21-30 h na Escola Primária • Gondar (Vila Nova de Cerveira), às 21 h na Escola Primária •

Vila Real

Torgueda (Vila Real), às 21-30 h na Escola Primária • Vila Marim (Vila Real), às 21-30 h na Escola Primária • Moreira às 20 h na Escola Primária • Ervedo às 20 h na Escola Primária • Cabril (Montalegre), às 21 h na Escola Primária • Rendufe (Valepaços), às 20 h na Escola Primária • Cidadelas às 21 h na Escola Primária • Carpião (Aiy), às 21-30 h na Escola Primária •

Viseu

Mionês às 21-30 h na Escola Primária • Mundião (Viseu), às 21-30 h na Escola Primária • Cepões (Viseu), às 21-30 h na Casa do Povo • Medelo (Lamego), às 20 h na

Largo • Destriz (Oliveira de Frades), às 21-30 h na Escola Primária • Fargelinhos (Castro d'Aire), às 21-30 h na Escola Primária • Souzelo (Crinfaes), às 20 h na Escola Primária • Melchede (Tarouca), às 19 h na Escola Primária • Passos (Moimenta da Beira), às 21 h na Junta de Freguesia •

DIA 3

AVEIRO

Aveiro, às 21 horas no Pavilhão do Beira Mar, sessão Festa, com todos os candidatos e com os artistas José Viana e Dora Leal • Costa Nova (Ilhavo), às 21 horas na Escola Primária, com Mário Vaz • S. Tiago de Riba Ul. (Oliveira de Azeméis), às 21 horas no salão da Junta com Manuel Freire • Roga (Arouca), às 21 horas na Escola Primária, com António Silva e Carlos Azevedo • Pinhalrai. (Oliveira de Azeméis), às 21 horas na Escola Primária, com Flávio Laranjeiro • Passos (Sever do Vouga), às 21 horas na Escola Primária, com Virgílio Loureiro • Águeda de Cima, (Águeda), às 21 horas na Casa do Povo • Águeda, às 21 horas na Escola Primária, com Conceição Dias, Sousa, Neto Brandão e Matos • Feira (Figueira), às 21 horas no Pavilhão da Casa do Povo • Oliveira de Azeméis, às 19 horas no refeitório da Escola Industrial.

BEJA

Beja, às 21 horas no salão dos Bombeiros Voluntários • Casével, (Castro Verde), às 21-30 horas na Casa do Povo • Mértola, às 21-30 horas na Casa do Povo • Ourique, (Castro Verde), às 21 horas na Casa do Povo.

BRAGA

Esposende, às 21 e 30 horas na Cantina Escolar • Arco de Baúlhe, às 21 e 30 na Casa do Povo • Braga, às 18 e 30 na Grundig, com a participação de vários candidatos • Guimarães, às 21 horas encerramento, com desfile • Braga, às 21 horas no Largo do Paço, festa de encerramento.

BRAGANÇA

Vila Flor, às 21 e 30 comício com Modesto Navarro, Alfredo Mira e Fernando Cunha.

CASTELO BRANCO

Fundão, às 21 horas com José Paulo Gasção • Belmonte, às 21 horas com Américo Carvalho • Oleão, às 21 horas com Armando Moraes • Unhais da Serra, comício-festa, com o conjunto Sinfonia • Telxoso, comício-festa, com o conjunto Sinfonia • Aldeia do Carvalhal, comício-festa, com o conjunto Sinfonia • Tordosendo, comício-festa, com o conjunto Sinfonia • Covilhã, às 21 e 30 comício com João Amaral, Carlos Pinhal e o Rancho Folclórico Fandangueiros do Ribatejo • Castelo Branco, comício com João Amaral e o Grupo Trovante.

COIMBRA

Penacova, às 21 horas sessão festa • Miranda, Corvo, às 21 horas festa, com «Juvenil 4-0» e intervenção política por Jaime Serra • Baliz Montado, toda a tarde, caravanas pelos concelhos • Figueira da Foz, às 18 e 30, comício no Largo da Constituição • Coimbra, de tarde, caravanas, Zés Perreiras, bandas e Grupo de Cantares Populares. A noite, na Universidade, comício com Jaime Serra, e Brigada Vitoriosa e Conjunto Caminhões.

ÉVORA

Vendas Novas, às 21 horas no cinema • Curvo Semedo, (Montemor), às 21 horas sessão • Portel, às 21 horas na Sociedade Portelense • Beja, às 21 e 30, na Biblioteca • Redondo, às 21 horas na Casa do Povo • Reguengos, às 21 horas na Sociedade Artística • Arraiolos, às 21 horas nos Bombeiros • Mourão, às 21 horas na Casa do Povo • Vila Vicosa, às 21 horas no cinema • Alentejo • Redondo, com porta-a-porta • Évora, às 21 horas festa de encerramento na Escola Técnica, com Ernesto • Borba, às 21 horas comício no ginásio do ex-Círculo, com Mário Barradas • Arcos, (Estremoz), às 21 horas comício, com horas comício na Casa do Povo com Josefina Andrade • Pavia, (Mora), às 21 e 30, baile na Casa do Povo.

FARO

Odeixeiro, às 21 e 30 no salão, com Margarida Tengerinha • Benarrim, às 21 e 30 na escola • Aljezur, às 21 e 30 no Centro Cultural, com Luis Catanio • Amora, na escola velha • Alvor, (Portimão), às 11 e 30, com os trabalhadores da Torralta, com Margarida Tengerinha • Tavira, às 21 e 30 no cinema, comício • Faro, às 21 e 30, festa de encerramento, com Carlos Brito, no ginásio da Escola Secundária • Redondo, com Zeca Alonso e o conjunto Popes 71 • Vila Real de Santo António, às 21 e 30 festa de encerramento com Viljo Neto, seguido de canto livre, com Luisa Basto • Faro, às 10 horas no mercado, contactos com a população.

GUARDA

Seia, às 21 horas na Escola Técnica • Loriga, (Seia), às 21 horas na Cooperativa • Gouveia, às 20 e 30 no cinema • Mantelgas, às 21 horas nos Bombeiros • Guarda, às 21 e 30, no cinema, com Helena Cidade Moura e Aurélio Santos.

LEIRIA

Bombarral, às 21 horas no Teatro Ad. Brazão • Figueiró dos Vinhos, às 21 e 30 na Casa do Povo, com Jaime Félix • Macieira, às 21 horas na Casa do Pessoal, seguida de caravanas • Alcanide, com Joaquim Gomes • Nazaré, às 21 e 30 no cinema, comício • Alcanide da Rainha, às 21 e 30, baile, no ginásio da Escola Secundária • Leiria, às 21 e 30, baile, na Casa da Rodoviária Nacional • Marinha Grande, às 21 e 30, no Embra, festa de encerramento com Joaquim Gomes • Vieira de Leiria, na Biblioteca festa de encerramento com Joaquim Gomes • Amadora, às 18 e 30, desfile anti-comício com motorizada • Pombal, às 21 e 30 nos Bombeiros, encerramento com Jaime Félix • Bombarral, porta-a-porta • Batalha, às 21 horas encerramento, na Escola Secundária • Peniche, às 21 horas na Associação, encerramento.

LISBOA

Tençagem, às 21 e 30 na Sociedade Cabreira • Calhandriz, às 21 horas na sala do Grupo Desportivo, com Daniel Branco • Alcabide, às 21 e 30, sessão • Cascais • Azambuja, às 21 e 30, no Celheiro com Octávio Teixeira • Vale do Paraíso, às 21 e 30, na Associação Desportiva Recreativa, com José António Veríssimo • Matra, às 21 e 30, com Fernando Vaz • Algueirão, às 21 e 30, com Vinhos, às 21 e 30, no clube, com encerramento com Joaquim Gomes • Grande, às 18 horas comício • Calhandriz, às 17 horas, no Jardim • Lisboa, às 10 horas, em Alcântara, caravanas • Cascais, às 12 horas, na Caixa dos Migrantes à Junqueira, com Maria d'Aires • Amadora, na estação da CP, com Jorge Lemos, Helder Pinheiro • Amadora, às 18 e 30, desfile anti-comício com Anselmo Anibal • Foz de Casa, às 21 e 30, com Henriqueta Maia • Alga, às 11 e 30 com José Mendes • Lisboa, às 10 horas, em Alcântara, caravanas • Cascais, às 17 horas, no Jardim • Lisboa, às 10 horas, em Alcântara, caravanas • Cascais, às 12 horas, na Caixa dos Migrantes à Junqueira, com Maria d'Aires • Amadora, na estação da CP, com Jorge Lemos, Helder Pinheiro • Amadora, às 18 e 30, desfile anti-comício com Anselmo Anibal • Foz de Casa, às 21 e 30, com Henriqueta Maia • Alga, às 11 e 30 com José Mendes • Lisboa, às 10 horas, em Alcântara, caravanas • Cascais, às 17 horas, no Jardim • Lisboa, às 10 horas, em Alcântara, caravanas • Cascais, às 12 horas, na Caixa dos Migrantes à Junqueira, com Maria d'Aires • Amadora, na estação da CP, com Jorge Lemos, Helder Pinheiro • Amadora, às 18 e 30, desfile anti-comício com Anselmo Anibal • Foz de Casa, às 21 e 30, com Henriqueta Maia • Alga, às 11 e 30 com José Mendes • Lisboa, às 10 horas, em Alcântara, caravanas • Cascais, às 17 horas, no Jardim • Lisboa, às 10 horas, em Alcântara, caravanas • Cascais, às 12 horas, na Caixa dos Migrantes à Junqueira, com Maria d'Aires • Amadora, na estação da CP, com Jorge Lemos, Helder Pinheiro • Amadora, às 18 e 30, desfile anti-comício com Anselmo Anibal • Foz de Casa, às 21 e 30, com Henriqueta Maia • Alga, às 11 e 30 com José Mendes • Lisboa, às 10 horas

Nos dez anos da CGTP-IN

O MELHOR PRESENTE: DERROTAR A «AD»

A Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses - Intersindical Nacional (CGTP-IN) iniciou ontem, com uma sessão solene na Voz do Operário em Lisboa, as comemorações milénicas do décimo aniversário da sua fundação. Dirigentes sindicais que em 1970 participaram na formação da Intersindical, activistas sindicais e personalidades de relevo na vida cultural, diplomática e política foram convidadas para esse acto de importância singular num período em que os trabalhadores portugueses, como salienta o secretariado nacional da CGTP-IN, "se encontram profundamente empenhados na batalha eleitoral para derrotar as forças do grande patronato e da reacção que se agrupam na chamada AD".

Derrotar a AD e afastar os seus partidos definitivamente da zona do Poder constituirá a melhor forma que os trabalhadores portugueses têm de comemorar o décimo aniversário da CGTP-IN, sublinha um

comunicado da Central distribuído juntamente com o programa vasto e diversificado das comemorações que se prolongarão por todo o mês de Outubro nos distritos de Aveiro, Beja, Braga, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Faro, Guarda, Leiria, Lisboa, Portalegre, Porto, Santarém, Setúbal, Viana do Castelo, Viseu, Bragança e Vila Real.

Em todos os distritos do continente realizaram-se (e alguns ainda decorrem) encontros de dirigentes e delegados sindicais em que participaram já cerca de 4 mil activistas.

Durante o mês em curso prosseguirão as centenas de reuniões de empresa. Tanto aí, como nos encontros, tem sido historiada a evolução do movimento sindical desde a fundação da Inter.

Em todo o lado, afirma o secretariado nacional da CGTP-IN, os trabalhadores e os seus representantes sindicais "têm reafirmado os

seus sentimentos unitários e saudados com carinho a sua Confederação pela passagem deste aniversário".

Nestes primeiros dias de Outubro, que tanta importância adquirem para a vida nacional, deve recordar-se, embora esteja vivo e cada vez mais forte, o papel de relevo desempenhado pela CGTP-IN no processo revolucionário iniciado em 25 de Abril de 1974.

Deve continuar também na memória e na militância da classe operária e de todos os trabalhadores que a Intersindical apareceu em consequência da necessidade de os trabalhadores darem uma resposta coordenada e global aos ataques que o fascismo desenvolvia contra os seus direitos, como forma de unir e organizar as lutas que eles empreendiam, quer nos seus locais de trabalho, quer no seio dos sindicatos, cujas direcções progressivamente iam conquistando.

O PCP saúda a CGTP

O Secretariado do Comité Central do PCP envia as mais cordiais saudações à CGTP-Intersindical Nacional por ocasião da passagem do seu 10.º aniversário.

Saudamos a CGTP-Intersindical Nacional e por seu intermédio o movimento sindical unitário dos trabalhadores portugueses que tem desenvolvido uma importante actividade e obtido grandes vitórias na defesa dos interesses e dos direitos da classe operária e dos trabalhadores em geral.

Saudamos a CGTP-Intersindical Nacional que, no quadro da liberdade sindical, se afirmou como exemplar defensora da unidade dos trabalhadores, fazendo frente com combatividade e firmeza às constantes tentativas de divisão.

Saudamos a CGTP-Intersindical Nacional, com o seu carácter unitário, democrático e de massas, o sólido baluarte que tem sido na defesa das liberdades e do regime democrático, ao saber conjugar numa unidade inseparável a defesa dos

interesses dos trabalhadores e dos interesses nacionais.

Ao dirigir esta saudação à CGTP-Intersindical Nacional, em vésperas de importante batalha política para os destinos da democracia no nosso país — as eleições para a Assembleia da República — o Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Português salienta a importante contribuição que o movimento sindical unitário tem dado para a derrota da reacção e exprime a sua confiança na vitória das forças democráticas, que abrirá seguramente melhores condições para que se fortaleça a unidade do movimento sindical português, a unidade da classe operária e de todos os trabalhadores, factor decisivo para a consolidação e aprofundamento da democracia portuguesa rumo ao socialismo.

Lisboa, 30/Setembro/1980

O Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Português

Sá Carneiro não respondeu!

1. Acusado frontalmente e com base em documentos incontestes de dever muitos milhares de contos à Banca e de ter tentado anular essa dívida por processos fraudulentos, Sá Carneiro recusou-se, até hoje, a vir a público prestar contas da sua actuação.

Tal recusa demonstra à evidência o nenhum respeito que o povo português merece ao actual Primeiro-Ministro; mas demonstra também que Sá Carneiro não tem a consciência limpa e manifestamente não dispõe de argumentos convincentes e capazes de o ilibarem das fortes acusações que sobre ele pesam.

2. O pertinaz mutismo do visado e o inqualificável silêncio sobre o caso imposto pelo Governo «AD» aos órgãos de comunicação social estatizados foram expedientes que não produziram os efeitos desejados. O «escândalo Sá Carneiro» é desde há muito um verdadeiro escândalo nacional, cujas repercussões ultrapassaram já as próprias fronteiras. É do domínio público que entre os potenciais eleitores da «AD» há hoje muita gente que claramente põe em causa a dignidade e a honestidade do Primeiro-Ministro.

Neste contexto, e tendo em conta a consabida propensão de Sá Carneiro para não olhar a meios para alcançar os fins, é de admitir que, ainda antes do termo da campanha eleitoral, ele venha a ter um desfecho de causa,

tentar alterar a situação insustentável em que se encontra perante milhões de portugueses. 3. Tal eventualidade, a concretizar-se, seria mais uma prova cabal de que nas relações com a Banca, tal como na vida pública, o recurso à fraude é algo que faz parte da natureza intrínseca de Sá Carneiro, à imagem e semelhança, aliás, dos processos políticos da aliança reaccionária que o escolheu como chefe.

Fraude seria, por exemplo, Sá Carneiro vir à Televisão tentar defender-se no fim da campanha eleitoral, numa altura em que, como ele muito bem sabe já não seria possível às forças democráticas rebater perante a mesma audiência a sua falsa argumentação e repor a verdade. Fraude seria, por exemplo, Sá Carneiro vir perante a opinião pública, numa ostensiva manobra de diversão, repetir monocórdicamente que não deve nada à Banca mas sem explicar clara e limpidamente como saldou a dívida.

Fraude seria também apresentar declaração de inexistência actual-mente de qualquer dívida, sem provar cabalmente que a pagou.

Foi tornado público que Francisco Sá Carneiro, actualmente Primeiro-Ministro, intentou um processo aos bancos nacionalizados, pretendendo obter destes a declaração de que nada se deve.

Pode acontecer que os bancos respondam não existirem responsabilidades no nome de

Francisco Sá Carneiro. Se tal declaração fosse apresentada à última hora como «prova» de que a dívida não existe, estaríamos perante uma nova e grosseira mistificação, porquanto a fraude de Francisco Sá Carneiro consistiu precisamente em apagar a dívida e pretender eliminá-la, transitando-a ilegalmente para uma outra conta e um outro nome, beneficiando da cumplicidade de um responsável do BESCL.

4. As acusações largamente fundamentadas em dezenas de documentos, cuja veracidade ainda ninguém pôs em causa, e já há largas semanas do conhecimento público, apontam sem sombras de dúvidas para o envolvimento de Sá Carneiro em operações bancárias de carácter fraudulento. Por alguma razão Sá Carneiro recusou um desafio do PCP para um debate na Televisão e a «AD» impediu a realização de um inquérito parlamentar. Não há truques de última hora que possam alterar a evidência dos factos.

Portugal não pode continuar a ser governado por especuladores da Bolsa, por devedores relapsos que contraem dívidas e cometem fraudes para as não pagar, por políticos sem escrúpulos que se servem do Estado para fins pessoais. É este o sentimento dos portugueses que no próximo dia 5 de Outubro o voto popular confirmará.

Lisboa, 30 de Setembro de 1980

A Secção de Informação e Propaganda do Partido Comunista Português

Em Lisboa

INTELECTUAIS APOIAM A APU

205 professores e técnicos de educação, 169 economistas, 117 trabalhadores de espectáculos, 84 escritores, 63 artistas plásticos, 56 investigadores científicos, 52 arquitectos, 39 técnicos agrários, 37 músicos, 29 engenheiros e 22 juristas assinaram um documento de apoio à Aliança Povo Unido, numa demonstração inequívoca da amplitude do movimento de apoio às posições democráticas mais consequentes.

O apoio à APU por parte desses 872 intelectuais foi divulgado no decorrer de uma conferência de imprensa realizada na passada sexta-feira, a que esteve presente uma comissão de intelectuais de diversas disciplinas — advogados, investigadores, artistas plásticos, professores, músicos, actores e encenadores, e economistas. Pelo alto significado de que se reveste o conjunto de assinaturas, publicamos na íntegra os nomes dos trabalhadores da cultura, das artes e da ciência que, além de apoiarem, apelam ao voto na APU nas eleições legislativas do próximo domingo.

No abaixo-assinado, os intelectuais comprometem-se a lutar pelo entendimento de todas as forças democráticas, e compreendem verdadeiramente o papel da arte, da ciência e da técnica, da educação e da cultura, no enraizamento da democracia e no desenvolvimento económico e político, social e cultural, no enriquecimento individual e colectivo, na libertação das capacidades criadoras do indivíduo e da sociedade.

Artistas plásticos: Álvaro Perdigão, Américo Silva, Ângelo de Sousa, António Carmo, António Pimentel, António Trindade, Armando Matos Simões, Artur Rosa, Carlos Botelho, Cipriano Dourado, Daciano Costa, Diogo Lindorfo, Eduardo Afonso Dias, Elsa Peixoto, Euclides Vaz, Eunício Gonçalves, Fátima Vaz, Gil Teixeira Lopes, Guilherme Casquilho, Helena Almeida, Helena Lapes, Hilário Teixeira Lopes, Humberto Lebroto, Ivone Baletta, Isabel Sabino, João Abel Manteiga, João Duarte, João Hogan, João Vieira, José António Flores, José Aurélio, José Cândido, José Júlio, José Ribeiro Farinha, Lima Carvalho, Manuel Armando Melo, Manuel Pilo da Silva, Manuel Jorge Barbosa, Marcelino Godinho, Marcelino Vespiera, Moniz Pereira, Maria Aldina Costa, Maria Barreira, Maria Keil, Maria Lourdes Ferreira, Teresa Das Coelhos, Teresa Magalhães, Vasco da Conceição, Virgílio Domingues, Vítor Palla.

Trabalhadores de espectáculos: Alcida Rodrigues, Álvaro Faria, Amélia Videira, António Cara d'Anjo, António Assunção, António Machado, Amílcar Botica, António Fartura Lourenço, António Feio, António Miteu, António Marques, António Monteiro, Arthur Duarte, Artur Ramos, Assis Pacheco, Augusta Costa, Barroso Lopes, Carlos Alberto Rodrigues, Carlos Avilez, Carlos Freixo, Carlos Gonçalves, Carlos Graça, Carlos Guia, Carlos das Neves Lourenço, Carlos Paulo, Carlos Pimenta, Carlos Vieira de Almeida, Costa Ferreira, Cremilda Gil, Dalila Rocha, Conceição Gabriel, Durado Ribeiro, Dora Leal, Emídio Silva, Emelinda Duarte, Esmeralda Amodeo, Eugénia Vasques, Eunício Muñoz, Fernanda Alves, Fernanda Coimbra, Fernanda Lapa, Fernando Correia Martins, Fernando Gonçalves, Fernando Ribeiro, Fernando Simões, Francisco Pestana, Garizo do Carmo, Gonçalves Preto, Helena Félix, Helena Ramos, Hermínio Martins, Ivone Silva, Isabel de Castro, João António Salema, João Maria Pinto, João Mota, João Perry, João Vasco, Joaquim Banite, Jorge Nascimento, José Eduardo Nunes dos Santos, José Vicente, José Gomes, José Luís Santos, José Morais e Castro, José Palma, José Peixoto, José Severino, José Viana, Júlia Félix, Leonel da Silva, Lia Gama, Linda Silva, Lúcia Maria, Luciano Santos, Luis Lima Barreto, Luis Almeida, Luis Alberto Rangel, Lúcia Maria Martins, Madalena Basso, Madalena Cardoso, Manuel Marcelino, Manuel Belito, Manuel Coelho, Manuel Pascoal, Manuela Cassola, Manuela Santos, Marcos Aparício, Margarida Varejão, Maria Albergaria, Maria do Céu Guerra, Maria Emilia Correia, Maria Dória, Maria Helena Silva, Marília Gama, Mário Alberto, Mário Jacques, Mário Pereira, Mário Viegas, Nuno Emanuel, Paula Guedes, Paulo Graça, Pedro Lemos, Pedro Osório, Rogério de Castro, Rogério Viegas, Rui Martins, Vicente Balaia, Vítor Ribeiro, Francisco Nicholson, Zita Duarte.

Escritores: Alberto Ferreira, Alexandre Babo, Alexandre Cabral, Alexandre Pinheiro Torres, Alexandre Vargas, Alice Salema, Álvaro Salazar, António Borges Coelho, António Lobo Antunes, António Pinho, António Torrado, Antunes da Silva, Armando da Silva Carvalho, Armando Rodrigues, Augusto Gonçalves (Carlos Miranda), Augusto Sobral, Baptista Bastos, Carlos Corinho, Carlos de Oliveira, Carlos Porto, David Carvalho, Dinis Machado, Eduardo Scarlati, E.M. Melo e Castro, Eduardo Olímpi, Ernesto Sampaio, Faure da Rosa, Fernando Grade, Fernando Gueiros, Fernando Luso Soares, Fernando Sylvan, Filipe Leandro Martins, Francisco Mata, Franco de Sousa, Gastão Cruz, Herberto Helder, João Apolinário, João de Melo, Joaquim Lagoeiro, Joaquim Resende, José Alberto Marques, José Barata Moura, José Cardoso Pires, José Carlos Ary dos Santos, José Carlos Gonzalez, José Correia Tavares, José Jorge Letria, José Saramago, José da Silva, Júlio Graça, Júlio Moreira, Leonor Santa Rita, Leonor Leite, Luís Pignatelli, Luíza Neto Jorge, Manuel Alberto Valente, Manuel Ferreira, Manuel da Fonseca, Manuel Geraldo, Manuel de Seabra, Manuel Sérgio, Manuela Gouveia Antunes, Maria Júlia de Carvalho, Maria Lamas, Maria Teresa Horta, Mário Castrim, Mário Ventura Henriques, Matilde Rosa Araújo, Miguel Franco, Miguel Urbano Rodrigues, Modesto Navarro, Nelson de Matos, Orlando Amaral, Orlando da Costa, Pedro Alvim, Raul de Carvalho, Ricarte Dácio de Sousa, Rogério Fernandes, Romeu Correia, Rui Nunes, Urbano Tavares Rodrigues, Vicente Campinas, Virgílio Martinho, Wanda Ramos.

Arquitectos: António Figueiredo Cardoso, António Matos Gomes, António Veloso, Ana Lebre, Amalido Araújo, Artur Rosa, Carlos Alberto dos Santos Gomes, Fernando Figueiredo, Fernando Torres, Francisco Pires Keil do Amaral, Francisco Silva Dias, Frederico George Rodrigues, Gustavo Marques, Helder de Almeida, Isabel Serra, João Simões, João Vasconcelos, Jorge Manuel Correia, José Barata Moura, José Borrego, José Norberto, Justino de Moraes, Leopoldo de Almeida, Manuel Mendes Tainha, Maria João Duarte, Maria José Estanco, Maurício de Vasconcelos, Pedro Cid, Pedro Vieira de Almeida, Pires Martins, Raul Chôrão Ramalho, Rui Mendes Paulo, Vera Malvar, Victor Manuel Teófilo, António Madeley de Portugal, Carlos dos Santos Ferreira, Costa Martins, Elísio Summavilla, Hugo Hugon, João José Tinoco, Joaquim Sampaio, José Almeida Segurado, José Carlos Ferreira de Almeida, Fernando Gomes da Silva, José Manuel Cruz Rodrigues, José Mota Carvalho, Jorge

Músicos: Alberto Soares, Alfredo Flores, Anabela Chaves, Aníbal Lima, António Jubilart, António Oliveira e Silva, Artur Flores, Catarina Latino, Carlos Gil, Celeste Amorim, Elisa Worm, Fernando Soares, Flóriana Teixeira, Francisco Bonetti, Flóriana Teixeira, Gilda Sá Leão, Irene Lima, Joaquim Lima, Jaime Lima, João Moga, Jorge Peixinho, Joseette Soares, José Lopes e Silva, José Maria Robert Lopes, José

Sá Marques, Lourdes Gomes, Luis de Almeida, Luísa de Vasconcelos, Manuel Morais, Manuela Santos, Mário Vieira de Carvalho, Maria João Sereno, Orlando Worm, Osvaldo de Sousa, Paulo Teixeira, Raquel.

Técnicos agrários: Ana Maria Fontes, Ana Maria Louro, Ana Moreira, Anabela Teixeira, António Bruto da Costa, António Espírito Santo, António Madeira Lopes, António Pereira Bica, Arlinda Franco de Oliveira, Arminia Bruno Soares, Carlos Alberto Teixeira, Carlos Borges Pires, Carlos Dantas Teixeira, Carlos Neves Amaro, Carlos Silva, Cecílio Gomes da Silva, David Pereira da Silva, Eduardo Alves da Silva, Fernando Vieira de Sá, Virgílio Ferreira, João Bruno Soares, Jorge Nogueira Silvestre, José Caetano Veloz, José Nunes de Freitas, Luísa Maria Campinas, Margarida Araújo de Sousa, Maria Adélia Ferreira, Maria Fátima Calouro, Maria Helena Araújo Alves da Silva, Maria Isabel Gaiharão, Maria do Loreto Maia, Maria Manuela Soares Batista, Maximino Alvarez, Pedro Vasco Vilaga, Pinho de Almeida, Pinto Cardoso, Renato Costa, Vasco Quintanilha, Zila Delfina Costa.

Investigadores científicos: Alberto Azevedo Gomes, Alcida Maria Clemente, Alexandre Rosa da Costa, Alfredo Pereira Gomes, António Coelho Madureira, António Ferreira da Silveira, António Pereira de Almeida, André Galvão, Artur Geraldes, Artur Pires Monteiro, Aura Ribeiro Cascalho, Carlos Borges Pires, Carlos Maria Nóbrega, Carlos Morais, Carlos Silva, Dulce Fernandes, Emygdio Landerslet Cadima, Fernando Correia da Costa, Fernando Vieira, Fernando Viegas, José Fialho Rodrigues, Francisco Fries de Barros, Francisco Palmilha, Frederico Gama de Calvalho, Gilberto Cardoso de Matos, Inácia de Paiva, Isabel Castro Viana, Jaime Meneses, Joaquim Sequeira, João Alvaro Bau, João Guerreiro, João Oliveira, João Seabra e Barros, João Santos Pereira, João Sousa Lopes, João Vasconcelos Costa, José Brito Folque, José Francisco Salgado, José Gaspar Teixeira, José Sousa, João Melo, Kolo Gomes da Silva, Lúcia Maria, Luciano Santos, Luis Lima Barreto, Luis Almeida, Luis Alberto Rangel, Lúcia Maria Martins, Madalena Basso, Madalena Cardoso, Manuel Marcelino, Manuel Belito, Manuel Coelho, Manuel Pascoal, Manuela Cassola, Manuela Santos, Marcos Aparício, Margarida Varejão, Maria Albergaria, Maria do Céu Guerra, Maria Emilia Correia, Maria Dória, Maria Helena Silva, Marília Gama, Mário Alberto, Mário Jacques, Mário Pereira, Mário Viegas, Nuno Emanuel, Paula Guedes, Paulo Graça, Pedro Lemos, Pedro Osório, Rogério de Castro, Rogério Viegas, Rui Martins, Vicente Balaia, Vítor Ribeiro, Francisco Nicholson, Zita Duarte.

Arquitectos: António Figueiredo Cardoso, António Matos Gomes, António Veloso, Ana Lebre, Amalido Araújo, Artur Rosa, Carlos Alberto dos Santos Gomes, Fernando Figueiredo, Fernando Torres, Francisco Pires Keil do Amaral, Francisco Silva Dias, Frederico George Rodrigues, Gustavo Marques, Helder de Almeida, Isabel Serra, João Simões, João Vasconcelos, Jorge Manuel Correia, José Barata Moura, José Borrego, José Norberto, Justino de Moraes, Leopoldo de Almeida, Manuel Mendes Tainha, Maria João Duarte, Maria José Estanco, Maurício de Vasconcelos, Pedro Cid, Pedro Vieira de Almeida, Pires Martins, Raul Chôrão Ramalho, Rui Mendes Paulo, Vera Malvar, Victor Manuel Teófilo, António Madeley de Portugal, Carlos dos Santos Ferreira, Costa Martins, Elísio Summavilla, Hugo Hugon, João José Tinoco, Joaquim Sampaio, José Almeida Segurado, José Carlos Ferreira de Almeida, Fernando Gomes da Silva, José Manuel Cruz Rodrigues, José Mota Carvalho, Jorge

Arquitectos: António Figueiredo Cardoso, António Matos Gomes, António Veloso, Ana Lebre, Amalido Araújo, Artur Rosa, Carlos Alberto dos Santos Gomes, Fernando Figueiredo, Fernando Torres, Francisco Pires Keil do Amaral, Francisco Silva Dias, Frederico George Rodrigues, Gustavo Marques, Helder de Almeida, Isabel Serra, João Simões, João Vasconcelos, Jorge Manuel Correia, José Barata Moura, José Borrego, José Norberto, Justino de Moraes, Leopoldo de Almeida, Manuel Mendes Tainha, Maria João Duarte, Maria José Estanco, Maurício de Vasconcelos, Pedro Cid, Pedro Vieira de Almeida, Pires Martins, Raul Chôrão Ramalho, Rui Mendes Paulo, Vera Malvar, Victor Manuel Teófilo, António Madeley de Portugal, Carlos dos Santos Ferreira, Costa Martins, Elísio Summavilla, Hugo Hugon, João José Tinoco, Joaquim Sampaio, José Almeida Segurado, José Carlos Ferreira de Almeida, Fernando Gomes da Silva, José Manuel Cruz Rodrigues, José Mota Carvalho, Jorge

Arquitectos: António Figueiredo Cardoso, António Matos Gomes, António Veloso, Ana Lebre, Amalido Araújo, Artur Rosa, Carlos Alberto dos Santos Gomes, Fernando Figueiredo, Fernando Torres, Francisco Pires Keil do Amaral, Francisco Silva Dias, Frederico George Rodrigues, Gustavo Marques, Helder de Almeida, Isabel Serra, João Simões, João Vasconcelos, Jorge Manuel Correia, José Barata Moura, José Borrego, José Norberto, Justino de Moraes, Leopoldo de Almeida, Manuel Mendes Tainha, Maria João Duarte, Maria José Estanco, Maurício de Vasconcelos, Pedro Cid, Pedro Vieira de Almeida, Pires Martins, Raul Chôrão Ramalho, Rui Mendes Paulo, Vera Malvar, Victor Manuel Teófilo, António Madeley de Portugal, Carlos dos Santos Ferreira, Costa Martins, Elísio Summavilla, Hugo Hugon, João José Tinoco, Joaquim Sampaio, José Almeida Segurado, José Carlos Ferreira de Almeida, Fernando Gomes da Silva, José Manuel Cruz Rodrigues, José Mota Carvalho, Jorge

Arquitectos: António Figueiredo Cardoso, António Matos Gomes, António Veloso, Ana Lebre, Amalido Araújo, Artur Rosa, Carlos Alberto dos Santos Gomes, Fernando Figueiredo, Fernando Torres, Francisco Pires Keil do Amaral, Francisco Silva Dias, Frederico George Rodrigues, Gustavo Marques, Helder de Almeida, Isabel Serra, João Simões, João Vasconcelos, Jorge Manuel Correia, José Barata Moura, José Borrego, José Norberto, Justino de Moraes, Leopoldo de Almeida, Manuel Mendes Tainha, Maria João Duarte, Maria José Estanco, Maurício de Vasconcelos, Pedro Cid, Pedro Vieira de Almeida, Pires Martins, Raul Chôrão Ramalho, Rui Mendes Paulo, Vera Malvar, Victor Manuel Teófilo, António Madeley de Portugal, Carlos dos Santos Ferreira, Costa Martins, Elísio Summavilla, Hugo Hugon, João José Tinoco, Joaquim Sampaio, José Almeida Segurado, José Carlos Ferreira de Almeida, Fernando Gomes da Silva, José Manuel Cruz Rodrigues, José Mota Carvalho, Jorge

Arquitectos: António Figueiredo Cardoso, António Matos Gomes, António Veloso, Ana Lebre, Amalido Araújo, Artur Rosa, Carlos Alberto dos Santos Gomes, Fernando Figueiredo, Fernando Torres, Francisco Pires Keil do Amaral, Francisco Silva Dias, Frederico George Rodrigues, Gustavo Marques, Helder de Almeida, Isabel Serra, João Simões, João Vasconcelos, Jorge Manuel Correia, José Barata Moura, José Borrego, José Norberto, Justino de Moraes, Leopoldo de Almeida, Manuel Mendes Tainha, Maria João Duarte, Maria José Estanco, Maurício de Vasconcelos, Pedro Cid, Pedro Vieira de Almeida, Pires Martins, Raul Chôrão Ramalho, Rui Mendes Paulo, Vera Malvar, Victor Manuel Teófilo, António Madeley de Portugal, Carlos dos Santos Ferreira, Costa Martins, Elísio Summavilla, Hugo Hugon, João José Tinoco, Joaquim Sampaio, José Almeida Segurado, José Carlos Ferreira de Almeida, Fernando Gomes da Silva, José Manuel Cruz Rodrigues, José Mota Carvalho, Jorge

Arquitectos: António Figueiredo Cardoso, António Matos Gomes, António Veloso, Ana Lebre, Amalido Araújo, Artur Rosa, Carlos Alberto dos Santos Gomes, Fernando Figueiredo, Fernando Torres, Francisco Pires Keil do Amaral, Francisco Silva Dias, Frederico George Rodrigues, Gustavo Marques, Helder de Almeida, Isabel Serra, João Simões, João Vasconcelos, Jorge Manuel Correia, José Barata Moura, José Borrego, José Norberto, Justino de Moraes, Leopoldo de Almeida, Manuel Mendes Tainha, Maria João Duarte, Maria José Estanco, Maurício de Vasconcelos, Pedro Cid, Pedro Vieira de Almeida, Pires Martins, Raul Chôrão Ramalho, Rui Mendes Paulo, Vera Malvar, Victor Manuel Teófilo, António Madeley de Portugal, Carlos dos Santos Ferreira, Costa Martins, Elísio Summavilla, Hugo Hugon, João José Tinoco, Joaquim Sampaio, José Almeida Segurado, José Carlos Ferreira de Almeida, Fernando Gomes da Silva, José Manuel Cruz Rodrigues, José Mota Carvalho, Jorge

Arquitectos: António Figueiredo Cardoso, António Matos Gomes, António Veloso, Ana Lebre, Amalido Araújo, Artur Rosa, Carlos Alberto dos Santos Gomes, Fernando Figueiredo, Fernando Torres, Francisco Pires Keil do Amaral, Francisco Silva Dias, Frederico George Rodrigues, Gustavo Marques, Helder de Almeida, Isabel Serra, João Simões, João Vasconcelos, Jorge Manuel Correia, José Barata Moura, José Borrego, José Norberto, Justino de Moraes, Leopoldo de Almeida, Manuel Mendes Tainha, Maria João Duarte, Maria José Estanco, Maurício de Vasconcelos, Pedro Cid, Pedro Vieira de Almeida, Pires Martins, Raul Chôrão Ramalho, Rui Mendes Paulo, Vera Malvar, Victor Manuel Teófilo, António Madeley de Portugal, Carlos dos Santos Ferreira, Costa Martins, Elísio Summavilla, Hugo Hugon, João José Tinoco, Joaquim Sampaio, José Almeida Segurado, José Carlos Ferreira de Almeida, Fernando Gomes da Silva, José Manuel Cruz Rodrigues, José Mota Carvalho, Jorge

Arquitectos: António Figueiredo Cardoso, António Matos Gomes, António Veloso, Ana Lebre, Amalido Araújo, Artur Rosa, Carlos Alberto dos Santos Gomes, Fernando Figueiredo, Fernando Torres, Francisco Pires Keil do Amaral, Francisco Silva Dias, Frederico George Rodrigues, Gustavo Marques, Helder de Almeida, Isabel Serra, João Simões, João Vasconcelos, Jorge Manuel Correia, José Barata Moura, José Borrego, José Norberto, Justino de Moraes, Leopoldo de Almeida, Manuel Mendes Tainha, Maria João Duarte, Maria José Estanco, Maurício de Vasconcelos, Pedro Cid, Pedro Vieira de Almeida, Pires Martins, Raul Chôrão Ramalho, Rui Mendes Paulo, Vera Malvar, Victor Manuel Teófilo, António Madeley de Portugal, Carlos dos Santos Ferreira, Costa Martins, Elísio Summavilla, Hugo Hugon, João José Tinoco, Joaquim Sampaio, José Almeida Segurado, José Carlos Ferreira de Almeida, Fernando Gomes da Silva, José Manuel Cruz Rodrigues, José Mota Carvalho, Jorge

Arquitectos: António Figueiredo Cardoso, António Matos Gomes, António Veloso, Ana Lebre, Amalido Araújo, Artur Rosa, Carlos Alberto dos Santos Gomes, Fernando Figueiredo, Fernando Torres, Francisco Pires Keil do Amaral, Francisco Silva Dias, Frederico George Rodrigues, Gustavo Marques, Helder de Almeida, Isabel Serra, João Simões, João Vasconcelos, Jorge Manuel Correia, José Barata Moura, José Borrego, José Norberto, Justino de Moraes, Leopoldo de Almeida, Manuel Mendes Tainha, Maria João Duarte, Maria José Estanco, Maurício de Vasconcelos, Pedro Cid, Pedro Vieira de Almeida, Pires Martins, Raul Chôrão Ramalho, Rui Mendes Paulo, Vera Malvar, Victor Manuel Teófilo, António Madeley de Portugal, Carlos dos Santos Ferreira, Costa Martins, Elísio Summavilla, Hugo Hugon, João José Tinoco, Joaquim Sampaio, José Almeida Segurado, José Carlos Ferreira de Almeida, Fernando Gomes da Silva, José Manuel Cruz Rodrigues, José Mota Carvalho, Jorge

Arquitectos: António Figueiredo Cardoso, António Matos Gomes, António Veloso, Ana Lebre, Amalido Araújo, Artur Rosa, Carlos Alberto dos Santos Gomes, Fernando Figueiredo, Fernando Torres, Francisco Pires Keil do Amaral, Francisco Silva Dias, Frederico George Rodrigues, Gustavo Marques, Helder de Almeida, Isabel Serra, João Simões, João Vasconcelos, Jorge Manuel Correia, José Barata Moura, José Borrego, José Norberto, Justino de Moraes, Leopoldo de Almeida, Manuel Mendes Tainha, Maria João Duarte, Maria José Estanco, Maurício de Vasconcelos, Pedro Cid, Pedro Vieira de Almeida, Pires Martins, Raul Chôrão Ramalho, Rui Mendes Paulo, Vera Malvar, Victor Manuel Teófilo, António Madeley de Portugal, Carlos dos Santos Ferreira, Costa Martins, Elísio Summavilla, Hugo Hugon, João José Tinoco, Joaquim Sampaio, José Almeida Segurado, José Carlos Ferreira de Almeida, Fernando Gomes da Silva, José Manuel Cruz Rodrigues, José Mota Carvalho, Jorge

Arquitectos: António Figueiredo Cardoso, António Matos Gomes, António Veloso, Ana Lebre, Amalido Araújo, Artur Rosa, Carlos Alberto dos Santos Gomes, Fernando Figueiredo, Fernando Torres, Francisco Pires Keil do Amaral, Francisco Silva Dias, Frederico George Rodrigues, Gustavo Marques, Helder de Almeida, Isabel Serra, João Simões, João Vasconcelos, Jorge Manuel Correia, José Barata Moura, José Borrego, José Norberto, Justino de Moraes, Leopoldo de Almeida, Manuel Mendes Tainha, Maria João Duarte, Maria José Estanco, Maurício de Vasconcelos, Pedro Cid, Pedro Vieira de Almeida, Pires Martins, Raul Chôrão Ramalho, Rui Mendes Paulo, Vera Malvar, Victor Manuel Teófilo, António Madeley de Portugal, Carlos dos Santos Ferreira, Costa Martins, Elísio Summavilla, Hugo Hugon, João José Tinoco, Joaquim Sampaio, José Almeida Segurado, José Carlos Ferreira de Almeida, Fernando Gomes da Silva, José Manuel Cruz Rodrigues, José Mota Carvalho, Jorge

Arquitectos: António Figueiredo Cardoso, António Matos Gomes, António Veloso, Ana Lebre, Amalido Araújo, Artur Rosa, Carlos Alberto dos Santos Gomes, Fernando Figueiredo, Fernando Torres, Francisco Pires Keil do Amaral, Francisco Silva Dias, Frederico George Rodrigues, Gustavo Marques, Helder de Almeida, Isabel Serra, João Simões, João Vasconcelos, Jorge Manuel Correia, José Barata Moura, José Borrego, José Norberto, Justino de Moraes, Leopoldo de Almeida, Manuel Mendes Tainha, Maria João Duarte, Maria José Estanco, Maurício de Vasconcelos, Pedro Cid, Pedro Vieira de Almeida, Pires Martins, Raul Chôrão Ramalho, Rui Mendes Paulo, Vera Malvar, Victor Manuel Teófilo, António Madeley de Portugal, Carlos dos Santos Ferreira, Costa Martins, Elísio Summavilla, Hugo Hugon, João José Tinoco, Joaquim Sampaio, José Almeida Segurado, José Carlos Ferreira de Almeida, Fernando Gomes da Silva, José Manuel Cruz Rodrigues, José Mota Carvalho, Jorge

Arquitectos: António Figueiredo Cardoso, António Matos Gomes, António Veloso, Ana Lebre, Amalido Araújo, Artur Rosa, Carlos Alberto dos Santos Gomes, Fernando Figueiredo, Fernando Torres, Francisco Pires Keil do Amaral, Francisco Silva Dias, Frederico George Rodrigues, Gustavo Marques, Helder de Almeida, Isabel Serra, João Simões, João Vasconcelos, Jorge Manuel Correia, José Barata Moura, José Borrego, José Norberto, Justino de Moraes, Leopoldo de Almeida, Manuel Mendes Tainha, Maria João Duarte, Maria José Estanco, Maurício de Vasconcelos, Pedro Cid, Pedro Vieira de Almeida, Pires Martins, Raul Chôrão Ramalho, Rui Mendes Paulo, Vera Malvar, Victor Manuel Teófilo, António Madeley de Portugal, Carlos dos Santos Ferreira, Costa Martins, Elísio Summavilla, Hugo Hugon, João José Tinoco, Joaquim Sampaio, José Almeida Segurado, José Carlos Ferreira de Almeida, Fernando Gomes da Silva, José Manuel Cruz Rodrigues, José Mota Carvalho, Jorge

Arquitectos: António Figueiredo Cardoso, António Matos Gomes, António Veloso, Ana Lebre, Amalido Araújo, Artur Rosa, Carlos Alberto dos Santos Gomes, Fernando Figueiredo, Fernando Torres, Francisco Pires Keil do Amaral, Francisco Silva Dias, Frederico George Rodrigues, Gustavo Marques, Helder de Almeida, Isabel Serra, João Simões, João Vasconcelos, Jorge Manuel Correia, José Barata Moura, José Borrego, José Norberto, Justino de Moraes, Leopoldo de Almeida, Manuel Mendes Tainha, Maria João Duarte, Maria José Estanco, Maurício de Vasconcelos, Pedro Cid, Pedro Vieira de Almeida, Pires Martins, Raul Chôrão Ramalho, Rui Mendes Paulo, Vera Malvar, Victor Manuel Teófilo, António Madeley de Portugal, Carlos dos Santos Ferreira, Costa Martins, Elísio Summavilla, Hugo Hugon, João José Tinoco, Joaquim Sampaio, José Almeida Segurado, José Carlos Ferreira de Almeida, Fernando Gomes da Silva, José Manuel Cruz Rodrigues, José Mota Carvalho, Jorge

Arquitectos: António Figueiredo Cardoso, António Matos Gomes, António Veloso, Ana Lebre, Amalido Araújo, Artur Rosa, Carlos Alberto dos Santos Gomes, Fernando Figueiredo, Fernando Torres, Francisco Pires Keil do Amaral, Francisco Silva Dias, Frederico George Rodrigues, Gustavo Marques, Helder de Almeida, Isabel Serra, João Simões, João Vasconcelos, Jorge Manuel Correia, José Barata Moura, José Borrego, José Norberto, Justino de Moraes, Leopoldo de Almeida, Manuel Mendes Tainha, Maria João Duarte, Maria José Estanco, Maurício de Vasconcelos, Pedro Cid, Pedro Vieira de Almeida, Pires Martins, Raul Chôrão Ramalho, Rui Mendes Paulo, Vera Malvar, Victor Manuel Teófilo, António Madeley de Portugal, Carlos dos Santos Ferreira, Costa Martins, Elísio Summavilla, Hugo Hugon, João José Tinoco, Joaquim Sampaio, José Almeida Segurado, José Carlos Ferreira de Almeida, Fernando Gomes da Silva, José Manuel Cruz Rodrigues, José Mota Carvalho, Jorge

Arquitectos: António Figueiredo Cardoso, António Matos Gomes, António Veloso, Ana Lebre, Amalido Araújo, Artur Rosa, Carlos Alberto dos Santos Gomes, Fernando Figueiredo, Fernando Torres, Francisco Pires Keil do Amaral, Francisco Silva Dias, Frederico George Rodrigues, Gustavo Marques, Helder de Almeida, Isabel Serra, João Simões, João Vasconcelos, Jorge Manuel Correia, José Barata Moura, José Borrego, José Norberto, Justino de Moraes, Leopoldo de Almeida, Manuel Mendes Tainha, Maria João Duarte, Maria José Estanco, Maurício de Vasconcelos, Pedro Cid, Pedro Vieira de Almeida, Pires Martins, Raul Chôrão Ramalho, Rui Mendes Paulo, Vera Malvar, Victor Manuel Teófilo, António Madeley de Portugal, Carlos dos Santos Ferreira, Costa Martins, Elísio Summavilla, Hugo Hugon, João José Tinoco, Joaquim Sampaio, José Almeida Segurado, José Carlos Ferreira de Almeida, Fernando Gomes da Silva, José Manuel Cruz Rodrigues, José Mota Carvalho, Jorge

Arquitectos: António Figueiredo Cardoso, António Matos Gomes, António Veloso, Ana Lebre, Amalido Araújo, Artur Rosa, Carlos Alberto dos Santos Gomes, Fernando Figueiredo, Fernando Torres, Francisco Pires Keil do Amaral, Francisco Silva Dias, Frederico George Rodrigues, Gustavo Marques, Helder de Almeida, Isabel Serra, João Simões, João Vasconcelos, Jorge Manuel Correia, José Barata Moura, José Borrego, José Norberto, Justino de Moraes, Leopoldo de Almeida, Manuel Mendes Tainha, Maria João Duarte, Maria José Estanco, Maurício de Vasconcelos, Pedro Cid, Pedro Vieira de Almeida, Pires Martins, Raul Chôrão Ramalho, Rui Mendes Paulo, Vera Malvar, Victor Manuel Teófilo, António Madeley de Portugal, Carlos dos Santos Ferreira, Costa Martins, Elísio Summavilla, Hugo Hugon, João José Tinoco, Joaquim Sampaio, José Almeida Segurado, José Carlos Ferreira de Almeida, Fernando Gomes da Silva, José Manuel Cruz Rodrigues, José Mota Carvalho, Jorge

Arquitectos: António Figueiredo Cardoso, António Matos Gomes, António Veloso, Ana Lebre, Amalido Araújo, Artur Rosa, Carlos Alberto dos Santos Gomes, Fernando Figueiredo, Fernando Torres, Francisco Pires Keil do Amaral, Francisco Silva Dias, Frederico George Rodrigues, Gustavo Marques, Helder de Almeida, Isabel Serra, João Simões, João Vasconcelos, Jorge Manuel Correia, José Barata Moura, José Borrego, José Norberto, Justino de Moraes, Leopoldo de Almeida, Manuel Mendes Tainha, Maria João Duarte, Maria José Estanco, Maurício de Vasconcelos, Pedro Cid, Pedro Vieira de Almeida, Pires Martins, Raul Chôrão Ramalho, Rui Mendes Paulo, Vera Malvar, Victor Manuel Teófilo, António Madeley de Portugal, Carlos dos Santos Ferreira, Costa Martins, Elísio Summavilla, Hugo Hugon, João José Tinoco, Joaquim Sampaio, José Almeida Segurado, José Carlos Ferreira de Almeida, Fernando Gomes da Silva, José Manuel Cruz Rodrigues, José Mota Carvalho, Jorge

Arquitectos: António Figueiredo Cardoso, António Matos Gomes, António Veloso, Ana Lebre, Amalido Araújo, Artur Rosa, Carlos Alberto dos Santos Gomes, Fernando Figueiredo, Fernando Torres, Francisco Pires Keil do Amaral, Francisco Silva Dias, Frederico George Rodrigues, Gustavo Marques, Helder de Almeida, Isabel Serra, João Simões, João Vasconcelos, Jorge Manuel Correia, José Barata Moura, José Borrego, José Norberto, Justino de Moraes, Leopoldo de Almeida, Manuel Mendes Tainha, Maria João Duarte, Maria José Estanco, Maurício de Vasconcelos, Pedro Cid, Pedro Vieira de Almeida, Pires Martins, Raul Chôrão Ramalho, Rui Mendes Paulo, Vera Malvar, Victor Manuel Teófilo, António Madeley de Portugal, Carlos dos Santos Ferreira, Costa Martins, Elísio Summavilla, Hugo Hugon, João José Tinoco, Joaquim Sampaio, José Almeida Segurado, José Carlos Ferreira de Almeida, Fernando Gomes da Silva, José Manuel Cruz Rodrigues, José Mota Carvalho, Jorge

Arquitectos: António Figueiredo Cardoso, António Matos Gomes, António Veloso, Ana Lebre, Amalido Araújo, Artur Rosa, Carlos Alberto dos Santos Gomes, Fernando Figueiredo, Fernando Torres, Francisco Pires Keil do Amaral, Francisco Silva Dias, Frederico George Rodrigues, Gustavo Marques, Helder de Almeida, Isabel Serra, João Simões, João Vasconcelos, Jorge Manuel Correia, José Barata Moura, José Borrego, José Norberto, Justino de Moraes, Leopoldo de Almeida, Manuel Mendes Tainha, Maria João Duarte, Maria José Estanco, Maurício de Vasconcelos, Pedro Cid, Pedro Vieira de Almeida, Pires Martins, Raul Chôrão Ramalho, Rui Mendes Paulo, Vera Malvar, Victor Manuel Teófilo, António Madeley de Portugal, Carlos dos Santos Ferreira, Costa Martins, Elísio Summavilla, Hugo Hugon, João José Tinoco, Joaquim Sampaio, José Almeida Segurado, José Carlos Ferreira de Almeida, Fernando Gomes da Silva, José Manuel Cruz Rodrigues, José Mota Carvalho, Jorge

Arquitectos: António Figueiredo Cardoso, António Matos Gomes, António Veloso, Ana Lebre, Amalido Araújo, Artur Rosa, Carlos Alberto dos Santos Gomes, Fernando Figueiredo, Fernando Torres, Francisco Pires Keil do Amaral, Francisco Silva Dias, Frederico George Rodrigues, Gustavo Marques, Helder de Almeida, Isabel Serra, João Simões, João Vasconcelos, Jorge Manuel Correia, José Barata Moura, José Borrego, José Norberto, Justino de Moraes, Leopoldo de Almeida, Manuel Mendes Tainha, Maria João Duarte, Maria José Estanco, Maurício de Vasconcelos, Pedro Cid, Pedro Vieira de Almeida, Pires Martins, Raul Chôrão Ramalho, Rui Mendes Paulo, Vera Malvar, Victor Manuel Teófilo, António Madeley de Portugal, Carlos dos Santos Ferreira, Costa Martins, Elísio Summavilla, Hugo Hugon, João José Tinoco, Joaquim Sampaio, José Almeida Segurado, José Carlos Ferreira de Almeida, Fernando Gomes da Silva, José Manuel Cruz Rodrigues, José Mota Carvalho, Jorge

Arquitectos: António Figueiredo Cardoso, António Matos Gomes, António Veloso, Ana Lebre, Amalido Araújo, Artur Rosa, Carlos Alberto dos Santos Gomes, Fernando Figueiredo, Fernando Torres, Francisco Pires Keil do Amaral, Francisco Silva Dias, Frederico George Rodrigues, Gustavo Marques, Helder de Almeida, Isabel Serra, João Simões, João Vasconcelos, Jorge Manuel Correia, José Barata Moura, José Borrego, José Norberto, Justino de Moraes, Leopoldo de Almeida, Manuel Mendes Tainha, Maria João Duarte, Maria José Estanco, Maurício de Vasconcelos, Pedro Cid, Pedro Vieira de Almeida, Pires Martins, Raul Chôrão Ramalho, Rui Mendes Paulo, Vera Malvar, Victor Manuel Teófilo, António Madeley de Portugal, Carlos dos Santos Ferreira, Costa Martins, Elísio Summavilla, Hugo Hugon, João José Tinoco, Joaquim Sampaio, José Almeida Segurado, José Carlos Ferreira de Almeida, Fernando Gomes da Silva, José Manuel Cruz Rodrigues, José Mota Carvalho, Jorge

Arquitectos: António Figueiredo Cardoso, António Matos Gomes, António

Segunda-feira, 6

Possíveis manifestações

Tudo indica que a «AD» será novamente colocada em minoria na Assembleia da República. Confiante nesse resultado das eleições, o povo prepara-se para festejar a vitória democrática.

Nas cidades de Lisboa, Porto e Coimbra, a Aliança Povo Unido fez entrega nos respectivos governos civis da documentação necessária para a realização de manifestações na próxima segunda-feira.

Tendo em conta, por um lado, a previsível derrota das

forças da direita nas eleições do próximo domingo e, por outro, as exigências legais para a realização de manifestações públicas, a APU acautelou assim a possibilidade de, nas próximas segunda e terça-feira, os trabalhadores, os democratas, o Povo português poderem publicamente festejar a vitória da democracia e o seu apoio à concretização política da vontade popular de consolidação do 25 de Abril que tudo indica será reafirmada nas próximas eleições.

A violência da AD não passou!

A violência da AD não passa!

A violência, o ódio vêm-se nas realizações da direita, na gritaria antidemocrática e anticomunista dos seus comícios, no barulho que lançam nas noites de descanso de quem trabalha, na ralva com que destróem, pela calada, a propaganda das forças democráticas. Mas essa violência, esse ódio — concreto, palpável — foi, nesta campanha, mais desejo que permanência, mais desespero que afirmação.

Para isso contribuiu a firmeza e a serenidade das forças democráticas, a sua íntima e profunda radicação no seio da sociedade portuguesa, a ligação às massas das suas forças mais consequentes.

A grande diferença entre o ódio e a violência da direita, e a firmeza e serenidade das forças democráticas é esta, simples, clara: a primeira é uma arresta que a direita segura para esconder a derrota que pressente e com ela intimidar os portugueses; a segunda é uma acção feita de esclarecimento, de persistência, de verdade.

É certo que, nesta campanha, as forças reacçãoárias, utilizaram a violência: militantes democráticos foram agredidos em várias localidades por bandos de arruaceiros da AD — agressões essas cometidas algumas vezes com armas de fogo — e, aqui e ali, caciques da AD tentaram pela agressão física intimidar democratas.

Mas os seus planos não foram realizados e a violência ficou-se, muitas vezes, pelos desejos. Não porque tais casos de agressão e de violência da ordem democrática tenham constituído meros actos

isolados; mas porque, pela frente e na maioria dos casos, se ergueu, serena mas firmemente, a muralha dos que defendem a democracia. Dos que, defendendo-a, defendem a dignidade da campanha eleitoral — e com ela a liberdade.

Muitas vezes, no dia-a-dia desta campanha, espontaneamente unidos, os democratas encontraram-se lado a lado na barreira que não deixou passar a violência. Pode dizer-se que as ameaças da reacção fizeram que se congregassem esforços para as gorar. E conseguiram-se.

Não totalmente, é verdade. Porém, os actos de violência que bandos da AD desencadearam aí ficam, mostrando à evidência o que seria o nosso país, caso a direita ganhasse. Os casos dos militantes do PCP agredidos a tiro em Mora, e da jovem militante da FRS selvaticamente atropelada em Celorico da Beira são, infelizmente, exemplos do que não queremos para o nosso país: um país diariamente agredido, com constantes atropelos à ordem democrática e aos direitos dos cidadãos.

Portugal não será a selva de ódio e violência que a AD quis implantar. Muito pelo contrário: a cada vez maior audição do PCP junto da população portuguesa e de cada vez mais largos sectores sociais aí estão para o demonstrar.

É este facto que enraivece a direita; mas é também este facto que, quanto mais cresce e se avoluma, mais transforma a violência e o ódio da direita apenas e cada vez mais num desejo. Que tem muito a ver com desespero, mas que não tem nada a ver com futuro. As eleições do próximo domingo demonstrá-lo-ão.

Propaganda da APU:

a seriedade e o esclarecimento

A propaganda da Aliança Povo Unido, nesta campanha, tem reflectido o dinamismo e o empenhamento da APU em todo o País. É uma dinâmica de vitória que a move, as ruas encheram-se e enchem-se ainda de cartazes, milhares de documentos, diversificados foram e são ainda distribuídos. Hoje, à beira do fim da campanha é já possível alinhar algumas notas breves fazendo um balanço sucinto do que tem sido a propaganda da APU.

Iniciada em pleno Verão, a pré-campanha desenrolou-se de modo intenso, desdobrando-se em múltiplas iniciativas, aproveitando as férias, realizando amplas distribuições, em muitas festas populares, de documentos que denunciaram a política da «AD» e do seu Governo, cuja campanha se fez à custa dos meios públicos.

À medida que a campanha propriamente dita se aproximava foram entretanto

editados materiais centrais. Não apenas de crítica, mas acentuando as propostas da APU, nomeadamente as 40 medidas concretas que comunistas e seus aliados propõem. Foram ainda divulgados documentos sobre as grandes questões nacionais que preocupam todos os portugueses. «Votar em Quem?» foi um documento também amplamente distribuído, no qual se procurou esclarecer o eleitorado sobre as forças políticas concorrentes, e se acentuou a importância do voto na APU.

Materiais sectoriais, destinados a camadas e sectores bem definidos da população foram editados e distribuídos: aos reformados, aos agricultores (foi editado um «Borda d'Água» eleitoral), as mulheres, sobre o ensino, sobre a saúde, sobre o desporto aos deficientes, aos pequenos comerciantes, aos quadros técnicos, entre outros.

Desenvolveu-se entretanto um conjunto de iniciativas interessantes — espectáculos com tournées em todo o País e abarcando todos os distritos, carros de esclarecimento nas feiras e festas que obtiveram grande sucesso mesmo em áreas de menor influência da APU. A nível local e regional também se realizaram festas, espectáculos e torneios, sendo nota dominante a procura do contacto com as pessoas em mini-comícios, porta-a-porta e visitas.

Não se fizeram menos sessões e comícios que em anteriores campanhas, mas o número de contactos directos multiplicou-se.

Um dado claro da dinâmica dos propagandistas da APU é o facto de muitos materiais se esgotarem rapidamente — o número vasto de contactos e o bom acolhimento das pessoas registado de um modo geral em todas as iniciativas,

sendo isolados os casos de rejeição, tem excedido as previsões. Há mesmo a opinião generalizada de que a campanha da APU tem sido muito forte. E muito irritante para a direita — os cartazes da APU têm merecido, por exemplo, da parte dos jornais da direita e dos oradores da «AD», comentários onde é nítida a irritação. Porque são capazes que resultam.

A propaganda da APU é baseada na seriedade e no esclarecimento e não se limita à denúncia da política da «AD», apresentando também propostas concretas de solução para os problemas do povo e do País, procurando esclarecer o eleitorado sobre as ambiguidades das propostas da FRS. As afirmações daquela frente, das quais se pode deprender a aceitação de alianças à direita tem obrigado a demonstrar que o PS não é, só por si, uma alternativa. Que só com a APU essa alternativa existirá.

Centro de Trabalho de Almada

Do desejo à realidade passaram apenas dez meses

O novo Centro de Trabalho do PCP, em Almada, mais precisamente no Largo do Pombal, foi inaugurado no último fim-de-semana.

Um edifício novo, de quatro andares, será utilizado a partir de

agora pelos milhares de comunistas que habitam aquela cidade.

A necessidade de um novo edifício para instalar o Centro de Trabalho já há muito se fazia sentir. Agora ele ali está para regalo dos militantes que nunca deixaram de

acreditar ser possível a concretização daquela obra, na qual está o esforço e o apoio financeiro de muitos e muitos camaradas, e por isso mesmo impossível de referenciar.

No último fim-de-semana

a inauguração do Centro de Trabalho foi uma festa. Em primeiro lugar porque se concretizava um velho anseio dos comunistas do concelho — terem um local condigno da projecção do Partido na zona. Depois, porque a campanha eleitoral, decorrer da mostras que a «AD» vai irremediavelmente ficar em minoria na Assembleia da República.

Disso mesmo falou o camarada Domingos Abrantes, membro do Secretariado do CC do PCP no acto inaugural, ao salientar a importância das próximas eleições de 5 de Outubro:

«O reforço do PCP — disse — não interessa só aos comunistas, uma vez que o Partido é o maior e consequente lutador pela liberdade e pela democracia. Dai, termos a confiança em que o Partido Comunista Português será cada vez maior.»

Na sessão inaugural intervieram ainda os camaradas Orlando Laranjeira, da Comissão Concelhia de Almada, e Carlos Ramilões, do CC do PCP.

O primeiro saudou as diferentes células do concelho que fizeram ofertas de diverso mobiliário para o Centro.

Por seu turno, Carlos Ramilões falou da importante realização que é «a construção desta nova casa do Partido. Quando, no início deste ano, a Comissão Concelhia de Almada se decidiu abalancar na tarefa gigantesca de inaugurar o novo Centro ainda em 1980, poucos acreditavam ser possível».

A inauguração do novo Centro de Trabalho foi motivo para a realização de uma grande caravana automóvel pelas ruas do concelho, apelando ao voto na APU e ainda a realização de diferentes espectáculos tanto no sábado como no domingo, com a participação do Grupo de Teatro de Campolide, Barata Moura, José Jorge Letria, Io Apolloni, o conjunto «Os Vermelhos» e o grupo «Cantando Unidades».



«A juventude está do lado de cá...»

«A juventude está do lado de cá. Está com a democracia e os trabalhadores». Ouvimos estas palavras não sabemos bem onde. Ouvimos-las talvez com pouco por toda a parte: na abertura da campanha eleitoral em Lisboa, ou no Porto, ou nas grandes colagens da APU em qualquer outro ponto do país.

Tais palavras reflectem bem uma realidade indelével na batalha eleitoral, na preparação da vitória de Abril. Os jovens marcaram presença destacada na campanha da APU e comparando com Dezembro de 1979, por exemplo, foi uma participação mais dinâmica, alegre e entusiasta.

Foi assim em todo o país, quer nas suas realizações autónomas, quer integrados nas actividades do PCP e da APU. Entregando-se de alma e coração, participando com o espírito alegre e aberto ao convívio, tão característico da jovem geração de Abril, os jovens estudantes e trabalhadores das mais variadas idades foram sem dúvida grandes animadores dos desfiles, caravanas automóveis, distribuição de propaganda em porta-a-porta, sessões e comícios, nas grandes colagens, nas iniciativas culturais, nos debates e colóquios, nas festas e bailes, nas bancas, nas sessões de Canto Livre e nas realizações desportivas.

De Norte a Sul do país foi assim: a juventude de Abril esteve na campanha APU com uma

mensagem de fraternidade e também de futuro. Nas zonas industriais, nas terras da Reforma Agrária, nas aldeias, vilas e cidades, nas regiões onde o caciquismo ainda dita as suas «leis» a presença juvenil foi uma constante.

A prova de ciclismo no Cartaxo ou a caravana de bicicletas em Lagos, a calorosa recepção a Alvaro Cunhal no Norte, a participação viva em grandes acções da APU em Braga, Porto

e Viana do Castelo, a contribuição para o esclarecimento popular em zonas como a Guarda, Vila Real de Trás-os-Montes e Bragança, a sua presença activa nas realizações da APU em Santarém, Leiria, Setúbal, Alentejo e Algarve, bem como nas outras regiões do país, a Meia-Maratona em Sintra, as «cegadas» no Rossio, em Lisboa, ou o «Dia da Juventude na Campanha», na zona da DORL (actuação do grupo «UHF», comício com Octávio

Pato, caravana de 16 camionetas de caixa aberta cheias de jovens pelas ruas de Lisboa, além de numerosas iniciativas em todos os concelhos da capital) — são como que apontamentos rápidos, necessariamente incompletos, de uma panorâmica geral que se distinguiu na campanha da APU.

Que os senhores da «AD» não tenham ilusões: em 5 de Outubro a juventude vota em Abril, vota na APU.



OTELO SARAIVA DE CARVALHO

E A «VERDADE REVOLUCIONÁRIA»

No espaço que o diário socialista «Portugal Hoje» gentilmente lhe pôs à disposição, Otelio Saraiva de Carvalho tem-se multiplicado em prolíficas exposições de atabalhoadas teorias e análises — em tudo concordantes com a sua prática e o que generosamente se pode designar pelas suas ideias.

Naturalmente, que os ataques ao PCP constituem parte importante das enfatuadas prosas. No número do passado domingo, porém, Otelio Saraiva de Carvalho exorbita, não tanto pela cacofonia insultuosa de alguns comentários, mas pela estanhada desvergonha da mentira.

Afirma concretamente Otelio Saraiva de Carvalho:

Ponhamos os pontos nos ii: em primeiro lugar, eu não sou um «pseudo-revolucionário», como afirma o dr. Cunhal, mas apenas um revolucionário cujas opiniões políticas não têm a mínima identificação com as opiniões de qualquer dos partidos reacçãoários. Também não têm identificação, em termos de objectivos e de tática, com as dos dirigentes dos partidos de esquerda tradicional reformista como é o caso do PCP, lá isso é verdade. Tivéssemos nós uma outra Televisão a servir o Povo e os trabalhadores e propor-lhe-ia um face a face a sério para debate frontal destes assuntos; em segundo lugar, e só em referência às últimas mentiras grosseiras lançadas aos ouvidos dos crentes, com enorme luta, pelo dr. Cunhal, bastam as minhas múltiplas tomadas de posição, orais e escritas e até o programa da FUP, para que as pessoas saibam, ou devam saber, que sou vigorosamente contra a revisão constitucional e, logicamente, contra o referendo ao qual nunca me referi em nenhuma entrevista, que me bato pela conquista da independência nacional e pelo «não alinhamento» e, por isso, sou contra a integração de Portugal na CEE e pela criação de um outro espaço económico com países europeus e árabes da orla do Mediterrâneo e com as antigas colónias portuguesas de África, e que nunca afirmei que «Ramalho Eanes é o candidato do PCP», embora não tenha qualquer relutância em anunciar que se aquele candidato estiver

3. Presidente da República

Diz agora Otelio: «Nunca afirmei que «Ramalho Eanes é o candidato do PCP».

Mas, na entrevista dada ao «Jornal de Notícias», em 25 de Agosto passado, afirmava: «Para o PCP, Eanes é o homem providencial, é o homem que convém de facto ao PCP».

— Não acredita que o PCP aposte num candidato próprio?

— Penso que sim, penso que é isso que vai acontecer, porque, como em 1976, o PCP está profundamente interessado na vitória do general Ramalho Eanes. Para o PCP, Eanes é o homem providencial, é o homem que convém de facto ao PCP. Este partido facilmente esquece o que foi o seu conflito com o general Ramalho

4. Coincidências com a reacção

Diz agora Otelio: «Eu não sou um «pseudo-revolucionário», como afirma o dr. Cunhal, mas apenas um revolucionário cujas opiniões políticas não têm a mínima identificação com as opiniões de qualquer dos partidos reacçãoários».

Para além do já indicado e do muito mais que se poderia citar, sublinhe-se: Em 13 de Agosto passado, Otelio escrevia no «Portugal Hoje»: «Não vejo condições, hoje, para o sucesso de qualquer golpe de Estado a desencadear pela direita militar».

— Não tive, pois, qualquer dúvida em afirmar ao jornalista que me fez a pergunta, que não vejo condições, hoje, para o sucesso de qualquer Golpe de Estado a desencadear pela direita militar.

E oxalá a falta de coesão se mantenha nas Forças Armadas. Mal poderão ir as coisas para os trabalhadores e a esquerda em Portugal se não existir. Coisas são as Forças Armadas do

Cinco dias depois, o general Soares Carneiro afirmava, segundo «O Dia»: «no nosso país não é possível haver mais golpes de Estado».

Segundo o «Expresso» de 11 de Agosto, que entrevista Otelio, este produziu esta mimosa sentença (em nada semelhante às da direita, está visto...): «Prefiro um governo do PSD a um governo do PCP. Teria, pelo menos, mais possibilidades de não ser preso».

Otelio sente-se de facto afastado dos comunistas e deixa-o aqui bem claro. «Prefiro um governo do PSD a um governo do PCP» — dir-nos-ia Saraiva de Carvalho numa parte da conversa que não foi gravada especificando: «Teria, pelo menos, mais possibilidades de não ser preso».

Convidado a pronunciar-se sobre os recentes encontros

No texto do «Portugal Hoje» que citamos, Otelio diz ainda que «para os trabalhadores a verdade deve ser clara, limpa, e por isso revolucionária».

Sem dúvida.

Quando Otelio Saraiva de Carvalho se diz e desdiz, mente e insulta, naturalmente que os trabalhadores retiram conclusões sobre o que entende ele por verdade, por clareza, por limpidez — por revolução...





Vinte dias de campanha APU: vinte dias para a vitória democrática e a derrota da «AD»

Uma intervenção do camarada Álvaro Cunhal, antecedida pela acção do APUTEose (Carlos Mendes, Carlos do Carmo e Paulo de Carvalho) assinalará o encerramento amanhã à noite, no Rossio, da campanha eleitoral da APU. Isto na cidade de Lisboa, porque em diversas outras localidades do distrito, a APU vai igualmente aí realizar sessões de encerramento da campanha eleitoral.

Lisboa, que foi Abril toda a campanha, vai continuar a ser Abril cada vez mais forte nestes dois dias. E vai continuar a sê-lo, para que, depois de domingo, com a derrota da AD, com a vitória democrática, o seja cada vez mais. Abril vai encher as ruas de Lisboa hoje e amanhã, os votos de Abril vão encher as urnas eleitorais de todo o distrito no próximo domingo. Assim o exige a defesa do Portugal democrático.

Uma campanha como Lisboa nunca viu!

● Hoje e amanhã todos à rua com o PCP, com a APU

Quando, amanhã, soar a meia-noite, em Lisboa vai dizer-se: com a APU, uma campanha como nunca se viu! Estas palavras traduzem fielmente a realidade destes vinte dias vivida na cidade de Lisboa e em todo o distrito em defesa do Portugal de Abril.

Realidade que se foi construindo ao correr dos dias, desde que, na noite de 13 para 14 de Setembro, Lisboa ficou literalmente forrada de APU, o mesmo acontecendo a outras localidades do distrito.

O arranque foi em força, deu o tom ao desfile de abertura da campanha e ao entusiástico início da Alameda. Depois, foram mais de 400 comícios e sessões de esclarecimento; foram os parta-à-portas em todos os bairros; foram as bancas nos 45 mercados da cidade, realizadas em 4 sábados seguidos, e também nos principais mercados dos concelhos da cintura industrial; foram os

loja-a-loja, que permitiram o contacto com trabalhadores e clientes das casas comerciais da «baixa» lisboeta, da zona da Praça do Chile e de Alcântara; foi a distribuição de materiais de propaganda, aos fins-de-semana, nos principais cinemas da capital; foi a ida aos hospitais de Lisboa, com a realização de bancas; foi a distribuição de propaganda em todos os campos de futebol de Lisboa onde, no decorrer da campanha, se disputaram jogos da primeira divisão.

Estas acções especiais integradas no âmbito da campanha eleitoral da APU no distrito de Lisboa foram acompanhadas de outras numerosas realizações de diversa ordem, todas elas tendo um objectivo — o contacto directo com os cidadãos capaz de estabelecer o diálogo entre a voz da APU e o sentir da população do distrito. Neste âmbito, integram-se os milhares de bancas de rua, as várias centenas de mini-comícios, as dezenas de visitas a empresas por parte de membros da direcção do nosso Partido e candidatos da APU, os passeios fluviais de praticamente todos os domingos, os inúmeros desfiles a pé e de veículos (automóveis, camionetas, bicicletas), as acções de colagem, os almoços e jantares de convívio, as provas desportivas de diversas modalidades (nomencladamente o ciclismo e o atletismo).

PCP intervieram ainda activamente na campanha do distrito de Lisboa. Assim, Octávio Pato participou em comícios e sessões na Póvoa de Santa Iria, em Vila Franca de Xira, em Linda-a-Velha, em Odiveiras, na Venda Nova, em Montelavar, na Malveira, no Sobralinho, em S. Domingos de Rana, em Queluz, em Torres Vedras, em Sacavém, em Lisboa (uma sessão no Teatro Adãoque, duas no Teatro Vasco Santana, e ainda sessões e comícios no Bairro da Liberdade), em Chelas, na Ameixoeira e na Praça Paiva Couceiro, além de ter

contactado com os trabalhadores da Lisnave-Rocha, da «Olaio» e da «Covina» (ambas no concelho de Loures) e da «Previdente» (no concelho de Vila Franca). Carlos Brito participou numa sessão em Lisboa (na Academia de Santo Amaro); António Gervásio esteve em Alcântara; Bláncul Teixeira numa sessão na Póvoa de Santo Adrião; Joaquim Gomes na Apelação e em Loures; Dias Lourenço no Sobral, em Arruda, no Teatro Vasco Santana e com os trabalhadores da Carris; Ângelo Vêlo numa sessão na Voz do Operário; José Casanova em comícios e sessões em Benfica, no Beato e na Póvoa; Jorge Araújo em Cascais e no Alto de S. João; Raimundo Cabral em Alenquer; e Jaime Félix na Ajuda.

Tudo isto sem contar as numerosas sessões em que participaram outros membros do CC do PCP, candidatos a deputados, esclarecedores — centenas de militantes de Abril levando a voz do PCP, as propostas da APU seguramente a dezenas de milhares de democratas numa afirmação sem igual da intervenção democrática na vida política nacional.

A cidade de Abril que foi e será

A campanha eleitoral da APU no distrito de Lisboa foi, de longe, a mais diversificada e viva de todas as realizadas até agora. Mais do que isso, a campanha realizada pela APU foi a que, pela forma como decorreu e pelo modo como se ligou às populações, mais no seio esteve

dos problemas, interesses e anseios dos cidadãos. Em primeiro lugar e desde logo, porque decorreu com um objectivo que, no Portugal de Abril, vai congregando cada vez mais vontades e acções democráticas: assegurar a vitória de Abril, derrotar a AD.

Mas também porque soube ser diferente, viva, interveniente. Várias iniciativas especiais aí estão para o demonstrar. As diversas iniciativas promovidas, por exemplo, por um numeroso e prestigiado grupo de intelectuais democratas, de que se destacam o abaixo-assinado de apoio à APU, a que nos referimos noutra local, o encontro-festa realizado no passado domingo no Instituto Superior de Agronomia (com a realização de espectáculos e debates), o debate sobre a situação cultural em Portugal realizado na segunda-feira no Teatro Aberto e, para culminar, o jantar de convívio que hoje à noite se realiza no Mercado do Povo.

Mas também a Festa Distrital das Mulheres de Lisboa, que decorreu no Teatro Vasco Santana e que culminou com um desfile por algumas ruas da zona de Entrecampos e Avenida de Roma. Ou a Festa Africana — organizada por retornados que apoiam a APU — que levou a Camarate mais de um milhar de pessoas que participaram num comício com Zita Seabra, seguido de baile africano e a acção do cantor Vum-Vum. E os espectáculos da APUTEose e do grupo de «rock» UHF, Carlos Mendes, Carlos do Carmo, Paulo de Carvalho e os músicos que os acompanham realizaram até hoje 33 espectáculos por todo o distrito, a que assistiram mais de 50 mil pessoas. Quanto ao grupo «UHF», 17 espectáculos para mais de 35 mil pessoas.

Lisboa viveu sob o signo da APU. Hoje e amanhã, Lisboa vai continuar a ser APU, para que no próximo domingo, a AD no distrito seja derrotada. Para que Lisboa continue a ser a Cidade Abril do Portugal democrático.

De manhã à noite: a APU por toda a cidade

Amanhã, logo de manhã, realizar-se-ão grandes acções de distribuição de documentos e propaganda, à entrada dos transportes públicos.

Também logo de manhã 12 caravanas automóveis e várias camionetas de jovens percorrerão as ruas da cidade, acompanhadas de numerosos carros de som. Estas caravanas automóveis funcionarão durante todo o dia.

Uma fanfarrinha da juventude desfilará, na parte da manhã, entre o Largo da Graça e o Largo do Chafariz de Dentro; na hora do almoço, a mesma fanfarrinha fará um desfile entre as instalações do «Baptista Ruivo» e Moscaide; à tarde, percorrerá artérias entre o Largo do Rato e o Rossio.

Uma outra fanfarrinha, a «Povo Unido», iniciará também a sua

actividade de manhã, com um desfile entre a Praça Paiva Couceiro e o Rossio; à tarde, esta fanfarrinha estará em circulação na «baixa» lisboeta e na Avenida da Liberdade.

Dezenas de bicicletas conduzidas por jovens farão durante todo o dia a Volta à Cidade de Lisboa em Bicicleta, ao mesmo tempo que outros grupos realizarão sessões de animação em S. Paulo (de manhã), no Calvário (ao almoço) e na estação do Rossio (à tarde).

Além de muitas dezenas de bancas que funcionarão em numerosos locais da cidade durante todo o dia, está também prevista uma grande acção de distribuição de documentos e propaganda no maior número possível de restaurantes.

Ao fim da tarde, quando se

começar a aproximar a hora para a grande concentração no Rossio, a juventude efectuará um gigantesco desfile pela Avenida da Liberdade — desfile que integrará um «quadro humano». Numerosos outros desfiles a pé realizar-se-ão noutros pontos da capital, e novas caravanas automóveis engrossarão o número de veículos APU a circular nas artérias de Lisboa.

Durante todo o dia, no palco instalado no Rossio, exibir-se-ão ranchos folclóricos, bandas de música e numerosos artistas. Uma grande banca APU estará também instalada no Rossio a partir das 9 e até às 24 horas, com livros e discos; nela terão lugar sessões de autógrafos com escritores e será vendido, a preço especial, o livro «As Eleições no Portugal de Abril».

A voz do PCP, da APU em todo o distrito

De entre os mais de 400 comícios e sessões de esclarecimento realizados no distrito de Lisboa, destacam-se aqueles que contaram com a participação do secretário-geral do PCP. O camarada Álvaro Cunhal realizou comícios e sessões em Sacavém, Damia, Carnaxide, Olivais, Albarque, Cacém e Lisboa (no Teatro Adãoque), tendo estado ainda em duas empresas — Utic e Sorefame. Outros membros da Comissão Política e do Secretariado do CC do

Distrito de Viseu

Ampliação do espaço democrático em Viseu

Grande apoio popular, viva e estreita ligação da APU com as populações do distrito, algumas, poucas, provocações; estes os traços que caracterizam a campanha que está prestes a findar. Uma campanha que, independentemente dos seus resultados, encerra já por si uma vitória — a ampliação do espaço democrático no distrito de Viseu, pela penetração em zonas que a reacção gostaria de manter como tabú para a democracia. O aprofundamento e alargamento da ligação às massas que

a campanha trouxe, reflectiu-se, quer na preocupação manifestada pelos trabalhadores — nos contactos à porta das empresas — de apresentar desde já os seus problemas; quer num manifesto alargamento da unidade democrática. Centenas de intelectuais, trabalhadores dos serviços, funcionários públicos, bancários, assinaram um manifesto de apoio às listas APU. Militantes e simpatizantes de pequenos partidos manifestaram a sua decisão de votar APU. Um

dirigente do PS em Viseu tomou posição pública de apoio à candidatura da APU.

As provocações da direita — que entre tanto assumiram proporções nitidamente menos marcadas que nas últimas eleições, testemunhando um enfraquecimento de posições — não obtiveram quaisquer resultados. O Rossio de Viseu foi das forças democráticas, as tentativas de impedir o comício em Carregal do Sal não puderam impedir que o pavilhão se enchesse — os

arruaceiros foram isolados. Destruição de cartazes e faixas, ameaças e telefonemas anónimos, tentativas de boicote, não surtiram qualquer efeito. Como o ridículo boato de que a APU vai eleger um deputado porque fez deslocar para Viseu 5 mil eleitores de outros distritos. A medida que é possível ampliar as zonas onde se esclarece, se contacta com as populações, se recolhem os seus problemas e os seus testemunhos, lançam-se as bases da democracia, onde a reacção portava em a negar. E o povo está com a democracia.

Criadas as condições para o enfraquecimento do caciquismo

Distrito de Castelo Branco

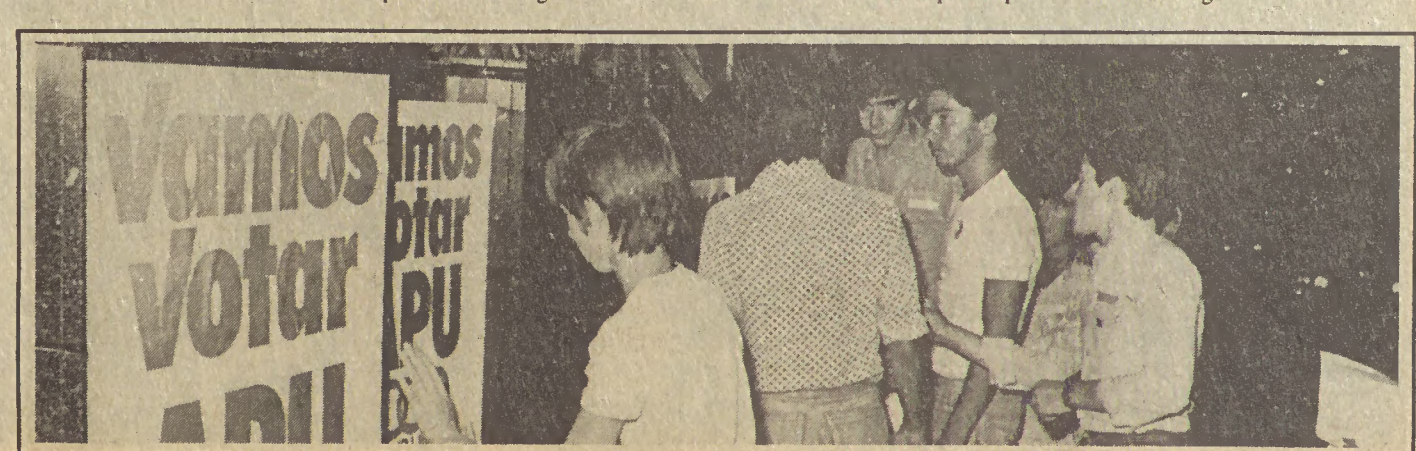
Estão criadas as condições objectivas e subjectivas para o enfraquecimento do caciquismo — esta uma importante conclusão da campanha no distrito de Castelo Branco. A campanha eleitoral demonstra isso mesmo. Mais de uma dezena de milhares de homens e mulheres da Beira Baixa — com importante destaque para a juventude — participaram já nas centenas de sessões, festas e convívios organizados pela APU.

Só no último fim-de-semana se realizaram várias dezenas de sessões de esclarecimento, carnavais e festas populares, muitas das quais as maiores de sempre nas respectivas zonas. Na Covilhã, neste fim-de-semana, realizaram-se 4 sessões de esclarecimento.

Exemplos dispersos atestam da dinâmica — bem correspondida a nível popular —, conseguida pela campanha, do esforço, igualmente conseguido, de penetração em zonas até há bem pouco domínio «indiscutido» dos caciques, da reacção. São os casos do concelho da Sertã, de Caria, de Penamacor.

A crescente aceitação da APU é uma realidade incontestável. A imagem geral da campanha é de um trabalho na frente de propaganda, na frente do esclarecimento.

Na recta final verifica-se uma nitida subida de tom na agressividade da AD. Provocadores aparecem em sessões de esclarecimento, mesmo armados de varapas. Foi lançada a afirmação caluniosa e ridícula de que se estaria a registar uma «deslocação de eleitores» para garantir uma vitória APU, com a eleição de um deputado pelo distrito — calúnia que deu lugar não só à sua denúncia como à instauração de um processo-crime. O centro da Covilhã ficou literalmente coberto de pichagens da APU e da AD atesta da aspreza da batalha.



«De braço dado com o povo!» — entrevista com Carlos Carvalhas



«Tudo na rua, de braço dado com o povo» — é a ideia chave para o encerramento da campanha da APU no distrito de Viseu.

E constituiu de facto a tônica dominante de toda a campanha eleitoral da APU.

Isto mesmo foi destacado pelo camarada Carlos Carvalhas, cabeça-de-lista da APU por Viseu que, num curto

depoimento, deu o balanço do que foi a campanha numa zona que a reacção considerava em grande medida coutada sua.

«A APU foi-se afirmando com uma força crescente, com uma cada vez maior implantação — declarou Carlos Carvalhas — abrindo e alargando assim o espaço democrático. Foi, em todo este período, a força mais interessada no contacto com as populações, no esclarecimento. «Hoje a sua presença é uma

realidade em todo o distrito, facto que se deve ao esforço anónimo de milhares de militantes que procuravam as ainda poucas sedes que há no distrito para pedir propaganda que iriam distribuir e divulgar um pouco por toda a parte.

«Lá onde os caciques diziam que não entraríamos, entramos mesmo, contactámos com as populações, realizamos sessões de esclarecimento em sítios como o Rossio de Viseu, ou Carregal do Sal, e outras aldeias. O que na verdade prova

que o povo está com as forças democráticas e progressistas, com a paz, com a estabilidade democrática.

«O encerramento da nossa campanha traduziu-se por uma animação crescente, por uma intensificação de pequenas caravanas de motorizadas e automóveis, por um contacto permanente e directo com as populações, nos cafés, nas feiras, nas entradas e saídas das fábricas. Tudo na rua, de braço dado com o povo».

A CONFIANÇA NA VITÓRIA NAS SESSÕES

Tomar, Abrantes, Escoural, Estremoz, Moura, Mértola, Gilões e Faro, uma longa viagem pontuada de encontros, sessões e comícios, a realizada no último fim-de-semana pelo camarada Álvaro Cunhal, a culminar a campanha da Aliança Povo Unido. Distritos diversos, como Santarém, Évora, Beja e Faro, influência diversa dos comunistas e seus aliados. Mas sempre uma constante: o crescimento do apoio à APU, a entusiástica recepção ao secretário-geral do PCP, a vivacidade e atenção com que decorreram as iniciativas, a determinação com que se ouvia gritar que Abril vai vencer.

Para tal contribuiu a presença sempre massiva de milhares de pessoas nos comícios, de centenas de pessoas nas sessões, e a presença dinâmica da juventude que vimos sempre nas primeiras filas em grande número. E em muitos casos a sessão, o comício e o simples encontro transformaram-se em festa, animada pela confiança na vitória.

Temos andado um pouco por toda a parte no País e a ideia que temos é que a «AD» está a descer, a APU está a crescer, que Abril vencerá!, repetiu Álvaro Cunhal, em algumas iniciativas que se sucederam ao gigantesco comício do Escoural. E estas palavras eram sempre saídas das bocas aplauso de todos.

Foi salientada a importância de continuar e aprofundar o esclarecimento — **Não há dois milhões e seiscientos mil reacccionários no nosso País, multipliquemos ainda mais os nossos esforços nesta ponta final. Façamos um último arranque para esclarecimento daqueles que ainda possam hesitar e vacilar.**

Sublinhando que a «AD» tem um projecto para os próximos quatro anos, projecto contra os trabalhadores, contra o País e contra o regime democrático, o secretário-geral do PCP demonstrou a falsa alternativa com que a FRS pretende iludir o eleitorado, pois, mesmo que o PS recupere boa parte de votos e dos deputados que perdeu para a direita, a FRS ficará muito longe de ter a maioria absoluta. **Nas condições actuais — afirmou também — não existirá nem poderá existir qualquer maioria democrática na Assembleia da República sem os deputados do PCP, sem os deputados da APU.**

Álvaro Cunhal referiu-se ainda nos vários comícios e sessões, à inutilidade dos votos nos partidos esquerdistas, candidaturas que aparecem para dividir e dificultar a eleição de candidatos do PCP e da APU.

Explicando que a derrota da «AD» deve considerar-se como efectiva logo que se conclua que a Aliança Reaccionária não tem a maioria absoluta de deputados, o dirigente comunista reivindicou a **demissão imediata do Governo de Sá Carneiro logo que, como esperamos, se verificar a derrota da «AD».**

E em Faro diria aos milhares de presentes que, nos próximos dias 6 e 7 de Outubro, em todo o País, o povo sairá para as ruas a festejar a vitória de Abril.



Com uma excelente participação popular,

realizou-se no cine-teatro de Tomar uma sessão de esclarecimento em que o camarada Álvaro Cunhal, depois de breves palavras sobre importantes temas da acção política orientada para as eleições, respondeu a algumas perguntas que lhe foram colocadas pelos presentes. A importância do esclarecimento das populações, a denuncia objectiva da política da AD e do seu Governo em diversos sectores, o problema da falsa

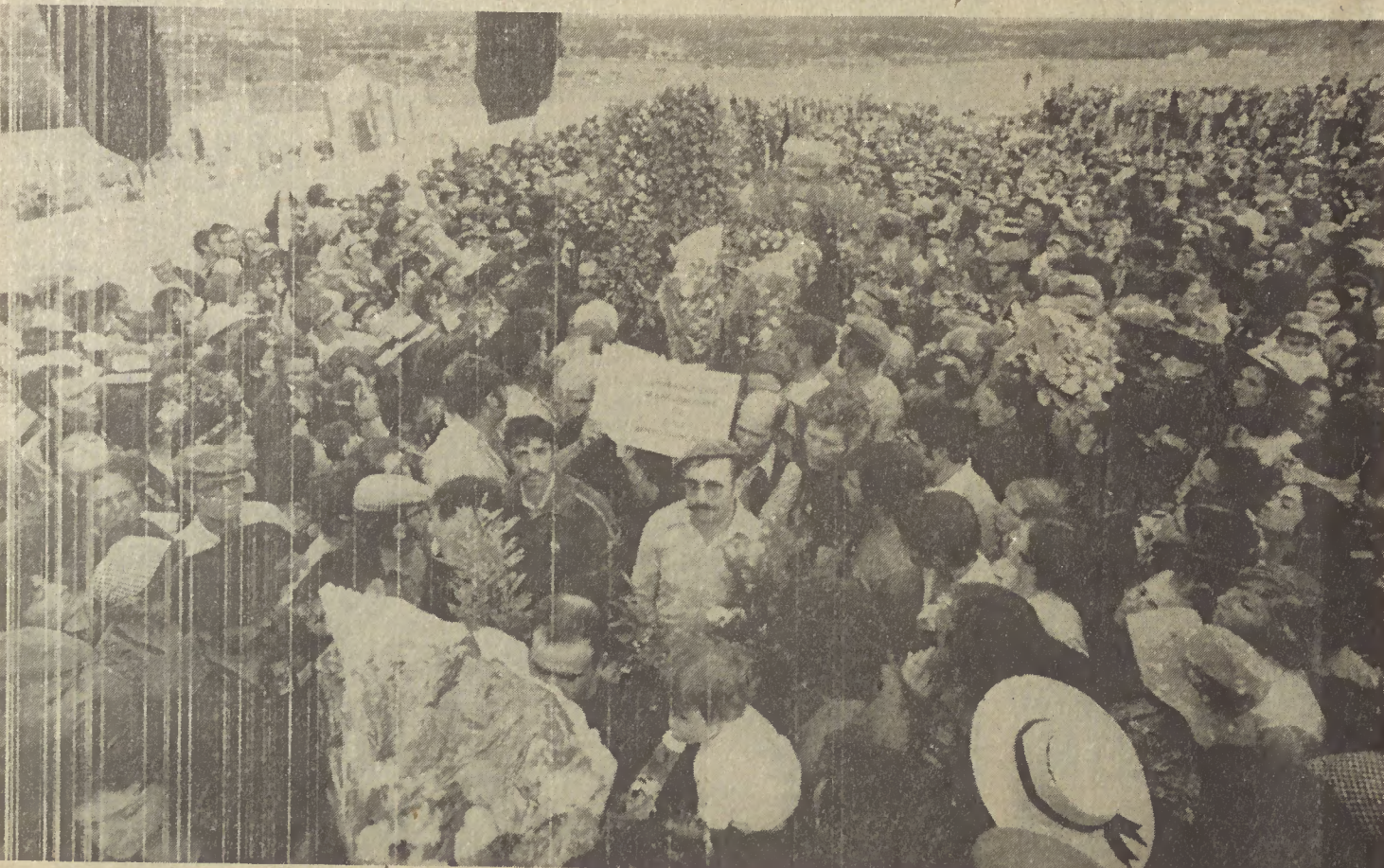
alternativa propagandeada pelo PS/FRS, as posições dos esquerdistas, a necessidade da constituição de um governo que avance com os projectos da sociedade democrática foram alguns dos temas em foco nesta sessão, presidida pelo camarada Custódio Ferreira, trabalhador ferroviário e candidato à Assembleia da República. O respeito rigoroso dos comunistas pela liberdade de culto religioso e as lutas dos trabalhadores do cancelho, designadamente os da empresa Mendes Godinho, foram também assuntos em debate.



Quase duas dezenas de perguntas

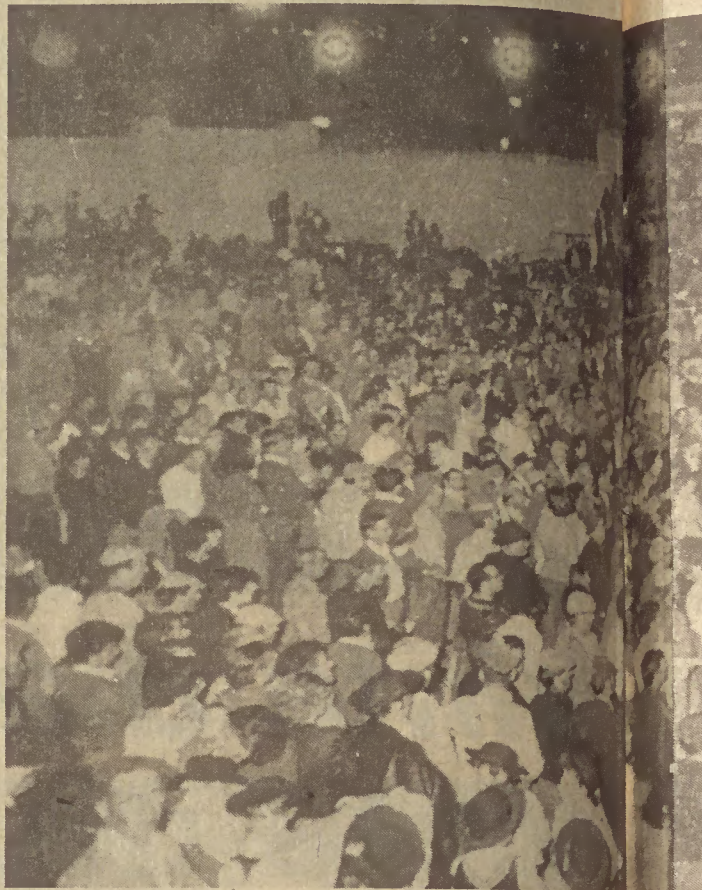
foram feitas a Álvaro Cunhal na sessão de esclarecimento realizada em Abrantes, no cine-teatro. O projecto da AD sobre horários de trabalho (tema que mereceu também a intervenção do conhecido sindicalista metalúrgico, José Branco, presente na mesa), o acordo de pesca assinado pelo Governo AD com a Espanha, a Revolução Afgã, a situação na Polónia,

a revisão da Constituição da República, a crise do capitalismo internacional e o inquérito sobre o assassinato dos camaradas Caravela e Casquinha foram assuntos abordados pelo secretário-geral do PCP. A sessão foi presidida pelo dr. José Vasco, médico, candidato independente da APU pelo círculo de Santarém, pessoa muito conhecida e estimada em Abrantes. Na altura, falou sobre os problemas da saúde em Portugal, referindo-se também ao projecto de Serviço Nacional de Saúde aprovado na Assembleia da República com votos comunistas e socialistas.



Vinte mil pessoas

guardaram no Escoural, um minuto de silêncio, no comício realizado no passado sábado, dia em que passava um ano sobre o assassinato dos camaradas Casquinha e Caravela. Vinte mil pessoas que não esquecem os crimes contra a Reforma Agrária e ali estavam presentes, vindos dos campos onde o Governo da Aliança reaccionária procede à distribuição da mais bela conquista da Revolução portuguesa. Vieram dos campos e dos lugares em redor, eram os companheiros de trabalho dos camaradas assassinados, eram homens, mulheres e sobretudo muitos jovens e estavam ali a dizer que Abril vai vencer e que o Governo de Sá Carneiro tem de ir para a rua. «A reacção quer impedir que a verdade se volte contra ela», disse José Gama, da CC do JCP, perguntando porque é que, um ano passado, não foi divulgado o resultado do inquérito sobre a morte dos dois trabalhadores. «A melhor homenagem aos camaradas Casquinha e Caravela é continuar a luta para defender a Reforma Agrária e as liberdades», afirmou por sua vez a camarada Luísa Salsinha, da Comissão Distrital de Évora do PCP, que interveio antes de o secretário-geral do PCP, camarada Álvaro Cunhal, tomar a palavra. No comício, realizado no Estádio 25 de Abril, no Escoural, estavam presentes na mesa, além dos oradores, os candidatos por Évora, entre os quais o camarada António Gervásio, membro da Comissão Política do Comité Central. Tomaram lugar na mesa, membros das células das UCP's «Bento Gonçalves» e «Joaquim Salvador do Pomar», sindicalistas responsáveis de organizações locais do Partido. Após o comício, uma impressionante romagem ao cemitério onde estão sepultados os dois camaradas, incorporou milhares de pessoas. Coroas e ramos, onde abundavam os cravos de Abril, transportados por trabalhadores, juntaram-se a placas de mármore onde se gravaram palavras de homenagem. «Já ninguém na terra se lembrará dos nomes dos agrários e dos Casqueiros e ainda os nomes de Casquinha e Caravela brilharão com letras de ouro na história da luta da classe operária e do povo português», disse o camarada Álvaro Cunhal.



A juventude estava lá.

Na sessão de esclarecimento da APU em Estremoz, na Esplanada do Parque, parecia mais um comício e o ambiente era de festa. A juventude estava lá, organizada, com os seus painéis humanos onde se dizia que Abril vai vencer. Mas mesmo à frente da assistência, mostrando entusiasmo e a confiança que se repetiu em outras sessões e comícios. Na mesa, pela juventude, falou um membro da APU, António Sebastião, um independente, candidato APU. «A APU, anda lá p'ra frente. Vence as eleições pr'animar a gente cantavam jovens rapazes e raparigas...

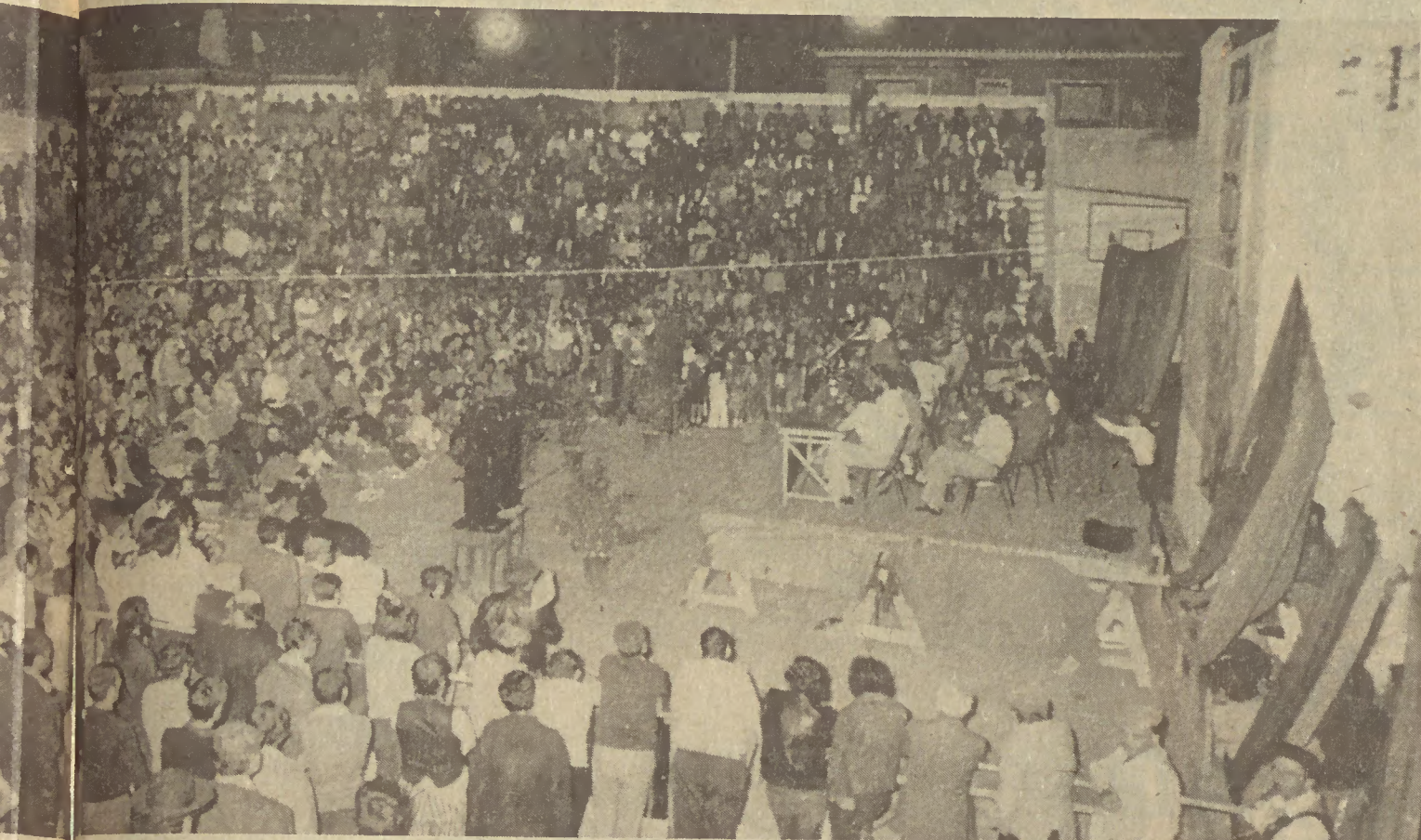


A visita marcada transformou-se em comício

A população de Mértola assim o quis na tarde de domingo. Milhares de pessoas, muito antes da hora marcada, concentraram-se à volta de um estrado onde a instalação sonora fora montada. Chovia, mas a alegria dos presentes e a sua certeza na vitória de Abril não se deixaram abater. O comício, festa, baile, foi o que aconteceu em Mértola, onde os candidatos pelo distrito de Beja também estiveram presentes. O presidente da Câmara, que falou no comício, referiu-se aos malefícios do Governo e da maioria reaccionária. «Houve em Mértola menos 116 440 contos, ficaram por fazer artefactos, alcatoamentos em várias estradas, pedras, barragens e trabalhos para apoiar as UCP's e os pequenos agricultores. O camarada Frade, da JCP também falou. Em António Sebastião, um independente, candidato APU. «A APU, anda lá p'ra frente. Vence as eleições pr'animar a gente cantavam jovens rapazes e raparigas...



ÇÕES E COMÍCIOS COM ÁLVARO CUNHAL



pos de um rancho folclórico marcavam a cadência das
ras de ordem: «Abril vencerá! Além dos candidatos por Évora
listas APU, estavam na mesa membros da Comissão
melha do PCP, das Comissões de Freguesia, de células,
representantes do MDP/CDE e independentes, membros de
aquelas locais entre os quais o Presidente da Câmara. Paulo
astre leu uma saudação recordando a luta do PCP durante
cismo e, por fim, o camarada Álvaro Cunhal fez uma breve
ção sobre a situação política actual: «Pelo ambiente» — disse

— «isto não é uma sessão de esclarecimento, os camaradas já
estão esclarecidos de que é preciso votar APU para derrotar
a «AD». Mas lembrou que os dois milhões e seiscentos mil de
eleitores da «AD» nas últimas eleições não são todos reaccionários
e que é preciso esclarecê-los. Numa viva sessão em que muitas
perguntas foram postas e respondidas, o secretário-geral do PCP
afirmaria que, em 5 de Outubro, de uma só cajadada, se vai
derrotar dois Carneiros: o Primeiro-Ministro e o candidato da «AD»
às presidenciais.

Era festa em Moura. A festa de Nossa
Senhora do Carmo. A «AD» tinha já começado a propagar que
a APU projectara boicotar esta festa popular. À chuva, porém,
milhares de pessoas aglomeravam-se no Largo de S. Francisco,
surdas às calúnias reaccionárias, atenção aberta para as
intervenção do comício que começou às 10 horas da manhã de
domingo, sob as primeiras fortes chuvas do Outono. O camarada
Diniz Miranda, da Comissão Política do CC do PCP, cabeça de lista
por Beja, com os outros candidatos da APU pelo distrito,
o presidente da Câmara de Moura, camaradas da organização do

Partido, ouviram a primeira intervenção, produzida pela camarada
Mariana Ranita, que desmentiu as falsidades da «AD»: «Se a «AD»
sempre que diz uma mentira lhe caísse um dente, a Aliança
Reaccionária já estaria desdentada. A «AD» ainda há-de remoeir
mais raivas e desesperos no dia 5 de Outubro». A falar no fim do
comício, o camarada Álvaro Cunhal insistiu no desmascaramento
da propaganda «AD», nomeadamente recordando as acções do
Governo e as suas promessas: «Em 130 mil hectares roubados às
UCP's e aos trabalhadores, mais de 120 mil foram dados aos
grandes agrários e não aos pequenos agricultores»...



«Deixem-me ir dar-lhe um abraço».

Ou: «Vejam lá se os outros vêm assim falar com o povo, se têm assim o povo na rua
à espera». Eram frases que se ouviram em Giões, logo à chegada de Álvaro Cunhal
que se apeou do carro em que seguia, vindo de Mértola, a caminho de Faro. Foi uma
curta paragem na pequena localidade do concelho de Alcoutim, já na paisagem
algarvia, a planície transformada em serras. Uma centena de pessoas rodeou
o secretário-geral do Partido Comunista, que tinha à sua espera o camarada Carlos
Brito, membro da Comissão Política do Comité Central e cabeça de lista APU por
Faro. E todos juntos subiram a rua, dirigindo-se ao salão paroquial onde já muitas
pessoas aguardavam e romperam em aplausos. O salão foi pequeno para tanta
gente. Jovens e menos jovens, mulheres e homens, em todos os rostos se via

a determinação de derrotar a reacção instalada no Governo e na Assembleia da
República, de ir votar APU em 5 de Outubro. Em breves palavras, que o tempo era
escasso, o camarada Álvaro Cunhal mais uma vez demonstrou que o único voto
seguro para a vitória sobre a «AD» era o voto na Aliança Povo Unido; que a prática do
Governo já tinha mostrado a muita gente o engano em que caíram os que votaram
«AD»; que o voto na FRS não assegurava ao eleitor que o PS não iria de novo
aliar-se à direita como no passado o fez e como as declarações de responsáveis
socialistas deixam entender. Não houve perguntas. O tempo era curto e, por outro
lado, como constatou o próprio secretário-geral do PCP, ali todos já estavam
convencidos da necessidade de votar APU. Muitas crianças, que tinham vindo com
os pais, brincavam perto. E uma mulher idosa disse a Álvaro Cunhal: «Que seja para
que eles não vivam o que nós já vivemos». Abraços, apertos de mão, a despedida,
o até à vista dos amigos. A viagem ia continuar, a caminho de Faro.



A esplanada S. Luís vibrava em

Faro, com a presença entusiástica de milhares de pessoas que aguardavam
o comício com a participação do camarada Álvaro Cunhal, o culminar de uma
viagem repleta de encontros, sessões e comícios da APU. Quando tomou a palavra,
o secretário-geral do PCP, resumiu assim a ideia de crescendo da campanha da
APU: «A Aliança Reaccionária está a amorrinhar, esta a perder influência; a APU vê
cada vez mais a sua influência subir». A camarada Margarida Tengarrinha, membro
do Comité Central do PCP e candidata APU pelo distrito de Faro abriu o comício
apresentando a composição da mesa, onde, além do camarada Carlos Brito e de
Luís Catarino, membro da Comissão Nacional, do Secretariado e da Presidência do
MDP, se encontravam os outros candidatos e ainda membros da Direcção da
Organização Regional do Algarve do PCP. Luís Catarino, o primeiro orador definiu

a campanha como uma vitória da APU no Algarve e o candidato independente
Baltazar Pereira, que salientou a importância e o número dos independentes nas
listas APU, afirmou: «Não somos neutros perante o avanço da direita». A
intervenção final do camarada Álvaro Cunhal, produzida já ao cair da noite,
centrou-se sobre a necessidade de derrotar a Aliança reaccionária e de impedir as
possíveis alianças com a direita, realçando o facto de alguns dirigentes socialistas
considerarem, por um lado, Sá Carneiro um democrata e, por outro, considerarem
o PPD um partido democrático, com o qual se poderiam aliar se Sá Carneiro lá não
estivesse, como se fosse «um PPD(R), um PPD recauchutado»...
A nota de confiança na vitória e o discurso de Álvaro Cunhal produziu, arrancou
prolongados aplausos aos presentes: «No dia 6 e no dia 7, o povo português deve vir
para a rua festejar a derrota da Aliança reaccionária, sem mesmo esperar que
comecem as negociações para a formação de novo Governo. O Governo da «AD»
derrotada deve demitir-se imediatamente».



No Porto: Balanço da campanha revela confiança na derrota da «AD»

Distrito de
Porto

A campanha eleitoral da APU no distrito do Porto tem assumido — e o encerramento da campanha, amanhã, no Estádio das Antas será mais uma prova disso — o carácter de uma grande campanha política de massas.

O envolvimento de muitos milhares de militantes e activistas da APU, a intensa actividade das comissões eleitorais com um leque de ampla unidade, têm assegurado um íntimo e profundo contacto com as populações.

As iniciativas da campanha da APU — centenas de comícios, festas, sessões de esclarecimento, «meetings» nas empresas, contactos porta-a-porta, distribuições de propaganda mão-a-mão, contactos dos candidatos com as populações e outras iniciativas — têm sido marcadas por grande receptividade e participação.

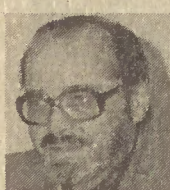
O andamento da campanha dá boas razões para confirmar que os objectivos da APU estão

perfeitamente ao seu alcance e serão alcançados. Sobre isto vale a pena reafirmar — desmentindo toda a demagogia e mistificação eleitoralista dos dirigentes do PS/FRS e da UDP, que é a APU quem está em melhores condições no distrito do Porto para retirar um deputado à «AD», para contribuir eficazmente para a derrota da «AD».

Ainda sobre este assunto, vale a pena referir que a «AD» talvez consciente da derrota que vai sofrer — é a única força política que não manifestou publicamente a esperança de aumentar a sua representação na Assembleia da República. Esta frustração da «AD» tem sido comum aos outros distritos.

O camarada Carlos Costa, membro da Comissão Política e do Secretariado do CC do PCP e cabeça de lista da APU pelo círculo do Porto dir-nos-ia referindo-se à campanha eleitoral

ali desenvolvida e nomeadamente no respeitante aos contactos com as populações:



A aceitação de tal contacto em todas as fábricas, feiras, bairros, freguesias e lugares foi absolutamente extraordinária.

Mas não menos importante do que registar esta capacidade que tivemos para fazer tal campanha é registar que os caciques reacçãoários já não tiveram capacidade para manipular as pessoas de forma a impedir-nos este tipo de campanha.

Um outro aspecto que ressaltou nesta campanha — em que milhares de eleitores jovens aparecem pela primeira vez a participar na escolha dos destinos do país — foi a enorme e esmagadora participação dos jovens na campanha eleitoral da

APU. Eles estiveram na primeira linha juntamente com outros camaradas, eles foram o contributo indispensável.

Em todas as iniciativas a juventude lá estava, de uma forma mais visível do que sucedeu nas eleições intercalares.

Mas se a participação da juventude foi uma nota dominante, justo é referir uma maior participação das populações do distrito do Porto, onde as iniciativas de propaganda não se limitaram à cidade, antes procuraram abranger e em força as zonas limítrofes, as localidades mais distantes.

No dia 6, a «AD» — em minoria perante as forças democráticas — assistirá impotente às manifestações de regozijo das massas trabalhadoras que irão exigir a imediata demissão do Governo Sá Carneiro.

A palavra de ordem tantas vezes proferida «Sá Carneiro para a rua!» vai finalmente cumprir-se.



Eleger em Viana Todas as razões para ter confiança e nenhuma para desanimar

Fazer um balanço da campanha da APU no distrito de Viana do Castelo obriga, necessariamente, a falar da actividade das outras forças políticas mais importantes — «AD» e FRS.

A coligação Carneiro-Amaral-Teles tem encontrado neste círculo dificuldades que não surgiram no ano anterior. Ainda neste último fim-de-semana caravanas da coligação «AD» provocaram incidentes com as populações de Caminha, Valença e Ponte da Barca.

Localidades onde gozavam de grande influência depararam apesar disso com uma reacção que não contavam — muitos carros saíram dali de vidros partidos e amolgadelas na chapa.

Flagrante o facto das caravanas da «AD» terem este ano menor

participação. Em Dezembro último uma caravana «AD» no concelho de Viana juntou imensos tractores. Este ano apenas dois participaram. Isto apesar do subsídio de gasóleo que a «AD» diz ter pago a todos os agricultores.

Um outro exemplo é o que se passou recentemente na feira de Paredes de Coura. Enquanto a «AD» realizava um comício praticamente fracassado — com uma assistência ínfima — o cabeça de lista da APU pelo distrito, Vítor Louro, percorria a feira falando com os agricultores e as pessoas presentes, trocando pontos de vista, discutindo os seus problemas, inteirando-se das dificuldades que urge resolver na região.

Muito mais se poderia dizer da «AD», assim como muito se pode dizer da campanha da FRS no

distrito, imbuída de anticomunismo e negando uma unidade que cada vez mais se faz sentir nas bases, pois se os dirigentes da Frente aparecem com uma linguagem anticomunista o que se verifica é um largo sentimento de esquerda entre as massas que apoiam a Frente.

A juventude é outro factor que joga na importância da campanha e faz crer na obtenção dos resultados previstos — eleger o primeiro candidato da APU por Viana.

Anteriormente pouco participativa, apareceu este ano em massa. A juventude colabora, trabalha, anima a campanha como só ela sabe fazer. Só o facto da juventude participar em massa é, em si, uma vitória.

Mas a campanha da APU foi uma coisa nunca vista no distrito — até à exaustão foram feitos porta-a-

porta, contactos directos com as populações, deslocações a feiras e a praticamente todas as empresas do distrito, com «meetings» à saída do trabalho. Pode-se dizer, sem faltar à verdade, que não há freguesia no distrito que não tenha sido abordada no aspecto do diálogo com as populações.

Entretanto, provocações, boicotes e outras iniciativas em que as forças de direita eram férteis nas eleições anteriores este ano não se verificaram e as poucas que houve tiveram um cunho isolado, e de imediata repudiada pela população.

Um outro panorama existe hoje em Viana do Castelo. Disso mesmo se apercebeu a direita que não esconde o pânico. Disso mesmo se aperceberam certas forças políticas — alguns elementos socialistas

Distrito de
Viana do Castelo

e pequenos partidos de esquerda — que não escondem a sua intenção de votar útil na APU. Isso mesmo apela António Barreto, candidato da UEDS nas últimas eleições, no documento que tornou público ao dizer que a esquerda revolucionária do distrito deve votar na Aliança Povo Unido.

A direita, é visível, tem estampada nas suas acções a sensação de que vai perder. Pelo contrário, a APU, força sempre crescente no distrito, não poupa esforços para eleger o primeiro deputado pelo distrito. O trabalho desenvolvido é uma razão para ter confiança na vitória.

Ultrapassando eleições anteriores Campanha dá dimensão distrital

Distrito de
Guarda

Aumento crescente da receptividade das populações à APU, penetração em freguesias onde nunca se tinha ido, freguesias que os caciques locais tinham tentado

manter de fora do sistema democrático conquistado com o 25 de Abril, esclarecimento de muitos que nas últimas eleições votaram AD, e que hoje não voltarão a fazê-lo, carácter relativamente esporádico do anticomunismo como base dos sermões nas igrejas, e repúdio desse anticomunismo nalguns dos locais onde surgiu, numa zona onde a massa da população é católica — são factos que caracterizam a actual campanha eleitoral na Guarda. Campanha que deu à APU, às forças democráticas, uma dimensão verdadeiramente distrital. A acção desenvolvida no último

fim-de-semana dá uma imagem justa do que tem sido a campanha APU na Guarda. Sábado e domingo, em todos os concelhos, e na quase totalidade das freguesias foram organizados contactos massivos com a população local, sendo distribuído o programa distrital e a lista de candidatos e realizadas sessões de esclarecimento com centenas de pessoas em várias localidades e sedes de concelho.

Este fim-de-semana caracteriza toda uma acção virada para o contacto directo, pessoal, quer nos mercados, nomeadamente na feira anual de Foz Coa, quer nas empresas, como é o caso das fábricas de lanifícios de Seia, Gouveia e Manteigas, entre outras. Por toda a parte a presença da APU, a nível de propaganda, é um

facto marcante. O desespero da direita face a essa realidade conduziu a acções como a concretizada em Pinhel, onde toda a propaganda da APU foi arrancada. Festas-comícios nas principais sedes de Concelho, na Guarda, em Gouveia, Seia, Manteigas, Pinhel, Celorico, Sabugal, entre outros, marcarão, no dia 3, o encerramento de uma campanha que trouxe já os seus frutos: o esclarecimento, o contacto vivo, que a reacção local já não poderá apagar. Um grande e irreversível esforço da APU na Guarda.

Propaganda entregue mão-a-mão, caracteriza uma campanha marcada pela confiança

A maioria da propaganda em Coimbra foi entregue mão-a-mão, nas feiras, nos porta-a-porta, nas salas de ordenha, nas festas. Este simples facto testemunha do carácter profundamente popular da campanha APU, a insistência no contacto directo e, simultaneamente, a grande receptividade em toda a parte, mesmo nas zonas tradicionalmente mais difíceis porque dominadas pelo caciquismo. Aliás, em linhas gerais, é a receptividade, os contactos directos, a presença dominante da juventude, que ressaltam de uma campanha que tem, aqui, como objectivos centrais: derrotar a AD nos níveis nacional e distrital, eleger o segundo deputado, esclarecer que

a FRS, por si só, não é alternativa nem dá segurança, pela sua manifestação prática de se aliar à direita.

Nos centros urbanos a forma privilegiada de propaganda foi o porta-a-porta. A quase totalidade das freguesias foram abrangidas, não só por realizações locais, festas e sessões de esclarecimento, mas também por caravanas automóveis e motorizadas (por vezes mini-caravanas). No domingo 30 automóveis percorreram a zona da Serra. Também o Baixo Mondego foi «coberto» pela propaganda da APU, com paragens nas terras, entrega de documentos, o diálogo. Pequenos comícios foram realizados à porta das empresas de cerâmica e outras, distribuindo-se

propaganda nas entradas dos hospitais, em bancas localizadas nos locais mais movimentados. Mais de cem jovens percorreram as ruas de Coimbra, cantando e distribuindo documentos. Ao nível de propaganda mural, a APU domina.

A campanha APU em Coimbra testemunha assim da íntima capacidade de mútuo contacto entre as massas populares e as forças que consubstanciam os seus interesses, que estão determinadas para a defesa dos interesses dos trabalhadores. Outros factos ilustram igualmente esta indelével realidade. No comício de apresentação dos candidatos, foi destacado que só a APU soube alargar o seu espaço

Distrito de
Coimbra

de intervenção e de diálogo e conquistar a crescente confiança do Povo português — e assim, em Coimbra, as listas da APU integram três independentes, enquanto as da AD e da FRS não incluem nenhum. Este facto liga-se a outros — muitas personalidades destacadas do distrito apoiam a lista da APU, nomeadamente na Universidade, como é o caso do professor Orlando de Carvalho.

Outro facto: a APU é a única força eleitoral a estudar e avançar soluções para os problemas dos trabalhadores. Os candidatos da APU pelo círculo eleitoral de Coimbra divulgaram um documento de análise dos problemas da agricultura na zona e de denúncia, nesse domínio, da política do Governo AD, quer no que respeita à falta de escoamento dos produtos agrícolas, às importações irresponsáveis, aos subsídios aos grandes intermediários, às medidas demagógicas que, no caso concreto do arroz, por exemplo, beneficiam de forma escandalosa os grandes proprietários. Não é por acaso que a APU, em Coimbra, é a única que tem nas suas listas agricultores. A festa-comício de encerramento da campanha, a realizar na praça-velha de Coimbra, com diversas iniciativas culturais, ranchos folclóricos, a brigada Victor Jara, gaiteiros — estará à medida de uma campanha que assenta num amplo e profundo apoio popular, no crescente isolamento da direita e dos seus provocadores. Uma campanha diferente, pela receptividade das populações, o estrondoso fracasso da provocação. Uma campanha marcada pela alegria e a confiança.



Dezenas de milhares de pessoas participam nas realizações da APU

Distrito de
Aveiro

78 sessões de esclarecimento realizadas, reunindo cerca de 16 000 pessoas. Mais 28 sessões programadas. São números reveladores da amplitude da campanha no distrito de Aveiro.

Números que ilustram o que foi a tónica dominante — o contacto directo com as populações e os seus problemas; a profunda confiança na concretização de um objectivo central — a eleição de mais um deputado APU pelo distrito.

São sérias as bases em que assenta esta confiança: nas primeiras eleições a APU teve 9 933 votos; em 1976, 12 198; em 1979, 28 238. A somar a estes dados há a experiência dos resultados positivos que a presença de um só deputado APU na Assembleia da República traz. A experiência simultânea das consequências da política do Governo AD, política

antipopular, política de traição nacional. E o salto de uma campanha profundamente dinâmica e ligada às massas trabalhadoras, com ampla e determinante participação da juventude.

Isto não significa que a campanha em Aveiro esteja a ser um processo linear. As provocações organizadas pelos caciques são um facto. Vários casos há de padres que têm utilizado o púlpito para influenciar no sentido do voto na direita (como é o caso de Ilhavo, mas não só).

A AD não se coíbe de violar a lei eleitoral, colando os seus cartazes nas paredes das igrejas, por exemplo. Tão pouco a violência está ausente deste processo. Este fim-de-semana, em Albergaria-a-Velha, numa acção planeada, foi destruída grande parte da propaganda APU. Em Vale Maior

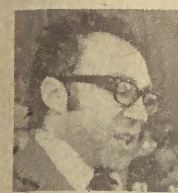
faixas da APU foram queimadas com archotes. Na freguesia de Angeja foi agredido um jovem que tinha participado numa acção de propaganda da APU.

A tónica, entretanto, está no impacto de uma campanha dinâmica, virada para as populações, para os seus interesses mais sentidos. As visitas e mini-comícios realizados em zonas industriais como São João da Madeira, Oliveira de Azeméis, Estarreja, Ovar têm sido muito positivos. Uma sessão de propaganda na Feira da Lourosa transformou-se numa autêntica festa APU: foram distribuídos cerca de 3 000 autocollantes e, mesmo assim, as solicitações ultrapassaram largamente as disponibilidades em propaganda. A festa de Ovar foi particularmente bem sucedida.

O encerramento da campanha englobará sessões em todas as sedes de concelho e uma grande festa em Aveiro, com a participação de Vital Moreira, primeiro candidato e actual deputado pelo distrito, e Manuel Freire, assim como todos os restantes candidatos APU do distrito. Confiança e alegria culminam uma batalha em que o traço dominante é a participação popular, a participação da juventude, o crescente reconhecimento de que os interesses dos trabalhadores são os interesses dos comunistas, das mais conseqüentes forças democráticas.



Setúbal Um distrito da APU



Mais de 150 sessões de esclarecimento, cerca de 20 comícios foram realizados no distrito de Setúbal desde a abertura da campanha — dizia-nos na segunda-feira passada o camarada Domingos Abrantes, cabeça de lista da APU pelo distrito e membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central do PCP, adiantando que os oito dias finais seriam preenchidos por mais 112 sessões a encerrar uma campanha em que se tem verificado uma grande participação e cujo ponto alto foi o fim-de-semana passado, com caravanas realizadas em quase todos os concelhos do distrito

e comícios em Almada e Alcácer e o desfile do Barreiro. Os candidatos — continuou o camarada — já contactaram praticamente todos os concelhos, falando com as pessoas, presentes permanentemente nas ruas, nas empresas, nas praças e mercados.

Distrito de Setúbal

A receptividade da população a estas iniciativas confirma o prestígio e a grande influência e implantação do PCP e da APU, e toda a dinâmica registada na campanha aponta para a possibilidade da eleição de 10 deputados por Setúbal. A APU é a força que está

mais bem situada para eleger mais um deputado — sublinhou Domingos Abrantes. Com efeito, e como refere uma tarjeta amplamente divulgada no distrito, para retirar um deputado à «AD», a APU precisa aumentar 18,6%, a FRS 25,8% e a UDP 40,6%. Nalguns locais aparece mesmo gente, ligada a grupos esquerdistas, que apoia a APU, no sentido de possibilitar a derrota da «AD» retirando-lhe deputados. Nestes últimos dias os contactos com as populações vão intensificar-se. No último dia da campanha, em quase todos os concelhos, haverá desfiles, comícios e caravanas. Mais uma vez estamos certos de que Setúbal será um distrito APU e o povo vai confirmar nas eleições a confiança que a Aliança Povo Unido lhe merece.

Recepção calorosa às iniciativas da APU

Santarém é um distrito essencialmente rural, onde de encontram sectores de características bem diferentes: a Reforma Agrária, os pequenos e médios agricultores ao lado de grandes quintas e empresas agrícolas e ainda importantes «manchas» industriais, como Torres Novas, Entroncamento, Tramagal, Tomar, Abrantes, etc. É neste quadro que se desenvolveu a campanha eleitoral da Aliança Povo Unido, uma campanha muito viva em que o contacto directo com as populações assumiu papel de destaque. Com uma participação e um entusiasmo superiores aos da campanha de Dezembro/79, efectuaram-se em todo o distrito numerosas sessões de esclarecimento, comícios, jornadas porta-a-porta, visitas a empresas, caravanas, bailes, festas, iniciativas especialmente dedicadas à juventude (Canto Livre, espectáculos em que, com outros artistas, participaram Ranchos folclóricos e Conceição Simões, concertos «rock», provas desportivas, etc.), entre outras realizações. Dias Lourenço, cabeça de lista da APU por Santarém,

esteve em Alcanena (Peral, Vila Moreira e Tojal), Rio Maior, Cartaxo, Almeirim, (caravanas em todo o concelho), Torres Novas (freguesias das Lapas); visitou várias empresas (MDF, Somapre, FRA, etc.); participou na inauguração do parque infantil de Montalvo (Constância) e falou num grande comício no Couço, com a participação de cerca de duas mil pessoas. Expressão viva da ligação dos que fazem a APU com essa bela conquista de Abril que se chama Reforma Agrária, o comício ouviu interessado a intervenção dum elemento da direcção da Cooperativa Unidade a qual integra uma importante oficina metalomecânica que serve 19 UCP's e cuja construção e equipamento custou cerca de 5 mil contos, tendo sido fundamental a contribuição da Câmara Municipal de Coruche e dos trabalhadores e técnicos da Cintura Industrial de Lisboa. Além de iniciativas diversas em que participaram os candidatos «Povo Unido», é de destacar ainda realizações como a Festa da Liberdade em Alpiarça mais de mil

pessoas), em que actuaram conhecidos artistas nacionais, e as sessões de esclarecimento com Álvaro Cunhal em Tomar e Abrantes. A recepção calorosa

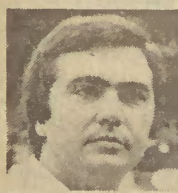
e aberta das populações às iniciativas da APU e o trabalho intenso das camaradas e amigos do distrito são a razão maior da confiança firme dos democratas na

Distrito de Santarém

eleição do quarto deputado do «Povo Unido» por Santarém, contributo importante para a derrota da «AD» na região e a nível nacional.



A campanha prenuncia a vitória



Podemos dizer que a nossa campanha tem decorrido conforme o que esperávamos, e mesmo que excedeu as nossas expectativas — afirmou-nos o camarada Joaquim Miranda, deputado comunista e candidato à nova Assembleia, cabeça de lista de Portalegre pela Aliança Povo Unido.

Foi uma campanha diferente das anteriores e muito diferente das que as outras forças políticas têm feito — continuou —. Tem sido uma campanha muito viva e alegre, uma campanha de rua, durante a qual temos contactado com a população que de forma crescente tem participado nas nossas iniciativas. Fizemos grandes porta-a-porta, festas, bailes, e levámos música popular à generalidade das nossas sessões, promovemos sessões de cinema, transformámos as nossas sessões em iniciativas vivas em que

o aspecto cultural e popular foi bem evidenciado. Enquanto se verificava no distrito que as campanhas de outras organizações andavam claramente a reboque da nossa, sentia-se crescentemente a aproximação de uma vitória que esperamos vá ser concretizada em 5 de Outubro. O objectivo de derrotar a «AD» e de eleger dois deputados pela APU começa já a afigurar-se real

Distrito de Portalegre

e pensamos que é isso que vai acontecer. A «AD» está desesperada e aqui e além entra mesmo em arruaças e tentativas de confrontação, tendo já espancado um camarada em Elvas e feito provocações recentemente em Alter do Chão a uma equipa de colagem da APU. Entretanto o PS tem tentado mostrar uma cara nova no distrito,

mas a sua campanha tem vindo a apagar-se, sendo hoje claro que não é o PS a força que pode retirar um deputado à «AD». É a Aliança Povo Unido que poderá fazê-lo. A questão da composição da nossa lista e a sua comparação com as outras é também um factor importante a considerar para a eleição de 2 deputados: é a APU a única que integra dois operários nos quatro primeiros lugares; a única que tem um pequeno agricultor; é a lista aberta e unitária que prova o facto de, além de 4 comunistas, haver na lista um membro do MDP e três independentes, sendo um deles precisamente o 2.º deputado que queremos eleger. A fase final desta campanha, que tem sido muito participada, particularmente em zonas onde a influência da APU era menor, vai ser virada principalmente para as ruas, embora se continuem a fazer sessões. Pensamos acentuar a vivacidade e a alegria neste final de campanha que é já o prenúncio da vitória de 5 de Outubro.

A campanha mais participada



Aqui no distrito de Évora fez-se uma pré-campanha, com um conjunto de festas amplas, do Partido e de unitários, em que participaram largos milhares de pessoas — disse-nos o camarada António Gervásio, cabeça de lista por Évora nas listas do Povo Unido, membro da Comissão Política do CC do PCP. Sessões e plenários, comícios e outras iniciativas tiveram no conjunto, a participação de mais de uma centena de milhar de pessoas.

Um plenário distrital, com a participação de 440 militantes do Partido tinha, na pré-campanha, definido as grandes linhas orientadoras de toda a actividade e desde logo se empenharam esforços no sentido da formação de comissões eleitorais de apoio à APU. Há mais de 120, muitas delas numerosas, com mais de 100 pessoas, e bastante amplas (na maioria, as pessoas que as formam não têm filiação partidária). Foi muito importante esta organização, estas comissões foram os pés para a campanha se levantar e se movimentar. Ao contrário do que antes se verificara, estas comissões levaram a cabo dezenas e dezenas

de festas e de actividades políticas, porta-a-porta, distribuição de documentos, elaboração de listas de apoio.

A abertura da campanha em Évora foi marcada por um desfile em que dez mil pessoas se incorporaram, com carros alegóricos. Houve mais de 200 sessões e jornadas porta-a-porta, comícios e festas no distrito. O porta-a-porta tem sido a forma de propaganda preferida, o grosso do nosso trabalho. Ao passo que os outros partidos têm meios financeiros poderosos, nós não dispomos deles. Mas nem mesmo assim conseguimos acompanhar-nos. Nem aparelhagens sofisticadas nem

balões dirigíveis são tão eficazes. Só em 1975 tivemos tanta participação popular e tão intensa como agora — salas repletas, entusiasmo, interesse, participação. O comício do Escoural, com 20 mil pessoas, as cerca de 4 mil em Estremoz são exemplo disso. E a receptividade aos nossos porta-a-porta faz lembrar as eleições de 1978 para a autarquia de Évora.

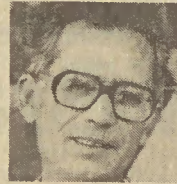
Estamos assim confiantes de que vamos ultrapassar os 50 por cento no distrito. É grande a confiança na

Distrito de Évora

derrota da «AD» e na subida da APU.

O encerramento está agora voltado, na quinta e na sexta-feira, para as ruas. Nós passámos a pente fino o distrito, pensamos que não houve monte, localidade, casa, que tivesse escapado ao nosso contacto. Hoje e amanhã as pessoas vão sair para a rua, homens, mulheres e jovens, em todos os concelhos, entregando os últimos documentos, fazendo as últimas colagens confiantes de que a AD vai perder, de que Abril vai vencer!

Alarga-se o apoio ao Povo Unido



Mais presenças nas sessões da APU, no distrito de Beja, que em todas as outras iniciativas realizadas por outras forças políticas, é uma constatação que nos foi comunicada pelo camarada Diniz Miranda, candidato do Povo Unido por aquele distrito alentejano, membro da Comissão Política do Comité Central do PCP. Nos comícios também assim acontece, como de resto nos foi dado verificar no passado fim-de-semana. E, como sublinhou o dirigente comunista, todos os comícios têm sido a nível concelhio e não distrital. Em todos os concelhos, lugares e freguesias, tem havido comícios, sessões e porta-a-porta. Não nos parece que tenha havido algum lugar onde não se tivesse ido. Numa campanha caracterizada por grande

alegria, os porta-a-porta e outros contactos têm tido grande receptividade, mesmo em zonas de influência da direita, como Ourique, ou do PS, como

Almodôvar. A APU ganha às ruas em todo o distrito, quer na propaganda escrita, quer na sonora, sempre com iniciativas novas. Os exemplos de iniciativas originais



sucedem-se: o «anúncio» luminoso em Beja — «Vota APU» — tem atraído milhares de pessoas. Há grandes painéis um pouco por toda a parte, as colagens de cartazes marcam a presença da APU. Embora se constate que as outras forças políticas procuram desenvolver grandes esforços, a actividade da APU tem feito praticamente anular os efeitos de tais esforços. A disputa na propaganda é grande e ganha as pessoas, aparecendo mesmo inscrições que não se sabe quem as faz, incitando ao voto na APU e à derrota da «AD». Muitas novidades vão ainda aparecer nos últimos dias da campanha. Em todas as sedes do concelho preparam-se caravanas, vindas das freguesias, utilizando ora motorizadas, ora «pedaleiras», ora automóveis. E vai haver balões, bandas de música, largadas de pombos, desfiles aninados com cartazes de crítica ao Governo. Em todos os concelhos, no último dia,

Distrito de Beja

sexta-feira, excepto em Ourique, que foi no domingo, há desfiles. As comissões eleitorais da APU, formadas em todo o distrito, são numerosas e amplas. Há comissões formadas, por exemplo, só com socialistas que apoiam a APU, socialistas que sempre votam no PS — em Serpa, por exemplo — e que desta vez apoiam a Aliança Povo Unido. Há também exemplos de pessoas ligadas à UDP que também apoiam a APU. Em Albernou, por exemplo, um elemento ligado à UDP aceitou mesmo a presidência de uma mesa em representação da APU. O apoio às nossas iniciativas dá-nos a certeza de que vamos subir, de que a «AD» vai descer na votação do distrito de Beja.

Contra a arruaça da «AD» A APU foi a clareza, o civismo, a alegria

Levar a palavra, as propostas, as soluções para o País e para o Algarve à sua população, ao povo trabalhador de todo o distrito foi o lema da campanha da APU no Algarve. Objectivo cumprido, nesse sentido podemos desde já dizer que a nossa campanha foi vitoriosa — são as primeiras palavras do camarada Carlos Luís Figueira, do CC e responsável da DORAL, solicitado pelo «Avante!» a fazer um rápido balanço do que foi ali a campanha da APU. «Nortecada desde o início por uma grande linha de força que era ir ao encontro do eleitorado do distrito, a nossa campanha desdobrou-se dia a dia pelo grande empenhamento do nosso Partido e de muitos outros activistas da APU, e pelas propostas concretas que levámos ao eleitorado, uma vez que a APU foi a única força que se apresentou com um programa no qual são detalhadamente tratados os variados problemas da região e apresentadas propostas muito claras para a sua solução. Paralelamente, foi possível esclarecer largamente o eleitorado sobre a viabilidade de resolver os problemas nacionais e designadamente sobre a possibilidade de formação de um governo democrático, saído da derrota da AD. «Este é um traço claramente distintivo — acrescenta Carlos Luís — da nossa campanha em relação às

que os outros partidos ou coligações desenvolveram, contrastando com a dificuldade que os dirigentes do PS tiveram para convencer o seu eleitorado de que iam obter a maioria, ou com o que a AD também por aí fez: a demagogia desenfreada, capitaneada pelo seu candidato José Vitorino na continuidade de outras piruetas em que é exímio». Outro facto que se revelaria de grande importância foi o ter uma mulher, e uma mulher de prestígio, nas listas da APU — justamente «o candidato ao 3.º deputado por que

grande participação dos candidatos, a lotas, mercados e bairros, foram extremamente proveitosos: enriqueceram as propostas da APU, conquistaram para elas novas adesões. Grandes realizações como o comício do passado domingo, em Faro, com a participação do camarada Álvaro Cunhal, os comícios de Vila Real de Santo António, Monte Gordo e Lagos, assim como muitas das mais de 130 sessões de esclarecimento realizadas, são iniciativas de massas de que há que reter o entusiástico acolhimento que suscitaram.

Entusiasmo, alegria — acrescentaria ainda Carlos Luís — a que não será estranha a assinalável presença da juventude, mas para que todos, candidatos e activistas, democratas de todas as idades, contribuam incansavelmente. O alto civismo, a fraternidade que enformou todo o trabalho de esclarecimento, é outra das marcas da nossa campanha de que nos orgulhamos e que mais repulso torna, por contraste, o que foi a AD por esse país fora, e também no Algarve: além da mentira e da mais descarada demagogia, os seus carros de provocadores, os seus «meninos», os insultos, a destruição de propaganda da APU, as agressões e outros actos de intimidação fizeram da campanha da AD a campanha da arruaça.

Depois desta campanha nada voltará a ser como antes!

As campanhas eleitorais para a Assembleia da República e para a Assembleia Regional — a eleger, ambas, no próximo domingo — foram as mais activas desde sempre realizadas nos Açores. Quem o afirma é um açoriano, comunista, profundamente conhecedor das difíceis condições em que ali se vive e trabalha e do constante atropelo às liberdades democráticas a que, pela mão e do abuso do poder do PPD, o povo açoriano continua a estar sujeito. Chama-se José Decq Mota e é o primeiro candidato pelo círculo de S. Miguel à Assembleia Regional dos Açores.

«As campanhas estenderam-se a todas as ilhas da Região, com um número muito elevado de

iniciativas em que vale a pena destacar mais de meia centena de sessões de esclarecimento com participação assinalável na maior parte dos casos. Muitas dessas sessões foram acompanhadas de filmes, muitas outras tiveram o concurso de artistas idos do continente: Carlos Paulo, Maria do Amparo e Carlos Alberto Moniz na fase inicial, Bartolomeu Dutra e nestes últimos dias José Peixoto. Foi uma arma de solidariedade a que a população de muitas localidades dos Açores não ficou indiferente, foi uma forma simples, mas muitas vezes calorosa de estreitar laços entre os trabalhadores dos Açores e os do Continente.

«O esclarecimento mais proveitoso

— prossegue Decq Mota — terá porventura sido o que se fez nas acções de contacto directo com as populações, junto de empresas e em outros locais de concentração da população, como portos e aeroportos e estações de camionagem. «Pela primeira vez nos Açores, as paredes encheram-se de cartazes — quer os cartazes nacionais da APU quer os que se dirigiram especificamente à eleição da Assembleia Regional. Pela primeira vez também, ali estão os panos e pendões da APU, trazendo para as ruas das cidades e vilas os cravos de Abril. Incididas foram igualmente as caravanas, que no passado fim-de-semana animaram a Terceira e o Faial, o camarada

Decq Mota faz questão de sublinhar: «Tudo isto se fez graças à dedicação e entusiasmo dos candidatos, dos militantes do nosso Partido e de outros apoiantes da APU, graças à adesão e vigilância da população que soube muitas vezes defender corajosamente o seu direito à informação e ao esclarecimento. «Os apoios que a campanha fez nascer são significativos. Ao longo destas escassas semanas, constituíram-se mais de uma dezena de comissões de apoio, a maior parte delas por local de residência, outras por empresas. Um dos últimos actos políticos de grande impacto da campanha foi o lançamento de um documento intitulado «Resolver os problemas.

promover os Açores — 46 medidas propostas pela APU — são as nossas propostas. Fruto dum conhecimento profundo da realidade açoriana e das soluções que se lhe adequam, provam mais uma vez a capacidade e a legitimidade da representação da APU na Assembleia Regional se — de acordo com a adesão popular que a nossa campanha tem suscitado — a APU for a «nova voz democrática na Assembleia Regional». De qualquer modo, porém — afirma — a terminar Decq Mota —, só a campanha que realizámos foi já um importante passo para impor o respeito pelas liberdades democráticas na Região Autónoma. Nada voltará a ser como antes!

Região Autónoma dos Açores

A APU será a nova voz democrática na Assembleia Regional

Na Região Autónoma da Madeira, uma batalha está ganhando: a do esclarecimento. Apesar dos dispendiosos meios de outras forças políticas, e mesmo da manipulação a que afluência de meios de comunicação social, a APU foi ali a única força que conseguiu levar ao eleitorado a voz confiante do esclarecimento, baseado na verdade, na denúncia firme das manobras do PPD e dos seus compadrios, bem como das ambiguidades do PS e do palavreado óco e sem sentido da UDP. Os contactos directos com a população são a acção mais significativa e proveitosa de toda a campanha. Todos os dias, em dezenas de locais, nas freguesias, em muitas empresas de todos os ramos de actividade, candidatos e dezenas de outros activistas contactaram com a população, levando-lhe a voz da APU, que será a nova voz democrática na Assembleia Regional — o objectivo essencial desta campanha. A propaganda da APU, sobretudo faixas e pendões, apesar da destruição raiosa em que reacções e esquerdistas se sucedem, engalanou as ruas do Funchal, o «voto APU» inscreve-se em estradas e caminhos de toda a ilha. Comícios e sessões de esclarecimento — nos últimos dias em Santa Cruz, Câmara de Lobos

e Ribeira Brava, hoje na Ponta do Sol — e, sobretudo, o comício no Funchal no sábado passado, realizado no belo Parque de Santa Catarina com a participação estatística de mais de um milhar de pessoas, que aplaudiram a intervenção do camarada Blanqui Teixeira e as canções de José Afonso, referenciam claramente o carácter de massas que esta campanha chegou a atingir, inédito na Madeira dominada pelo caciquismo corrupto em que o PPD local se apoia. Isto foi a campanha da APU. O que foi a campanha das outras forças políticas da oposição? O PS saiu dela mais apagado, sem autoridade para desmentir a inoperância dos seus deputados eleitos à Assembleia Regional (contra as acusações que lhe são feitas de exercer um poder autocrático, por uma vez o presidente do Governo Regional fala verdade: durante a presente legislatura, a «oposição» limitou-se a três interpeleções...). A UDP, por seu lado, como o fez na sua campanha na televisão mente para fazer crer que o voto na APU é inútil, quando se sabe que, mesmo tendo só os votos que lhe foram dados nas eleições intercalares de Dezembro para a Assembleia da República, a APU elegerá pelo menos um deputado. Das empresas, sobretudo junto dos

trabalhadores da construção civil, procura desacreditar o Sindicato e alguns dos seus dirigentes mais prestigiados; o seu presidente, que é candidato independente pela APU à Assembleia Regional, e outros apoiantes da APU. Tenta apagar vitórias como foi a recente assinatura do novo Acordo Colectivo de Trabalho para os trabalhadores da Construção Civil (que, nomeadamente, obriga a um aumento de mais de 25% nos salários) para apagar o papel dos dirigentes sindicais e trabalhadores

mais consequentes e combativos, e apagar, simultaneamente, o papel que ela própria, UDP, tem tido, de desagregação no sindicato, e de alheamento na Assembleia Regional, em que tem dois eleitos. De facto, também na Madeira, o voto útil é assim providamente na APU.

O encerramento da campanha será assinalado hoje no Funchal com uma festa no Largo da Restauração. Hoje e amanhã, nos porta-a-porta, na distribuição de

documentos, nos últimos cartazes que se colarão, a batalha por levar uma nova voz (verdadeiramente) democrática à Assembleia Regional vai prosseguir. Com o entusiasmo que marcou desde início, com o entusiasmo e combatividade com que, para além das eleições, prosseguirá — até à derrota da maioria PPD na Madeira, que teima em negar as conquistas de Abril a uma super-explorada parte do povo português; o povo trabalhador da Madeira.

Região Autónoma da Madeira



Confiança na eleição do segundo deputado



É francamente positivo o balanço do trabalho realizado no decurso da campanha eleitoral no distrito de Leiria — esta a conclusão que foi expressa ao «Avante!» pelo primeiro candidato da Aliança Povo Unido no círculo, camarada Joaquim Gomes, membro do Secretariado e da Comissão Política do Comité Central do PCP.

Ao confirmar tal balanço podem-se destacar não só o número das iniciativas mais ainda a forma entusiástica e participada como a elas aderiram as populações do distrito. É o caso, por exemplo, dos porta-a-porta, da entrega de documentos de propaganda (todos de mão em mão), das sessões de esclarecimento e comícios. Comparando com campanhas eleitorais anteriores, designa-

damente a de Dezembro passado, não há qualquer dúvida que, como nos diria Jaime Félix, membro suplente da Comissão Política do CC do Partido, «fomos mais longe» e conseguimos agora avançar com «um trabalho em profundidade», sendo de destacar neste aspecto as zonas mais difíceis: por exemplo Batalha, Alcobaça e concelhos rurais do norte.

Reflexo do seu desespero, a «AD», embora com resultados fracassados no geral devido à pronta resposta dos democratas, ainda boicotou sessões do «Povo Unido» e desencadeou atitudes provocatórias em diversos pontos da região, como sucedeu na freguesia da Graça, concelho de Pedrógão, em que um camarada foi brutalmente agredido. A resposta dos democratas foi firme e na mesma localidade realizou-se uma sessão com dezenas de pessoas, além da distribuição de materiais de esclarecimento num porta-a-porta.

Em Alcobaça, Marinha Grande e Leiria a «AD» inutilizou propaganda da APU, nomeadamente murais, cartazes e panos. Todas estas ilegalidades por parte da «AD» demonstram claramente o estado de desespero que se vive entre a direita, que já se apercebeu da sua desdida no distrito. O trabalho das camaradas e amigos da APU proporcionou, por outro lado, um esclarecimento sobre a utilidade do voto. Mesmo que a FRS recuperasse todos os votos que o PS perdeu não conseguiria eleger outro deputado, com votos retirados à «AD». Além disso, a colocação de Maldonado Goncalves como cabeça de lista da FRS foi uma má jogada. Os trabalhadores sabem bem quem é o que fez esse dirigente socialista enquanto ministro do Trabalho. É o próprio Goncalves que reconhece a impossibilidade do PS/FRS eleger outro deputado. Mesmo a deslocação de Mário Soares ao

distrito não foi feliz: acabou por não realizar o comício programado para Leiria e no das Caldas da Rainha apenas escassas dezenas de pessoas o esperaram. Em relação aos sectores esquerdistas (8 mil votos desperdiçados em Dezembro de 79), com destaque para a UDP, a argumentação da APU tem contribuído para uma certa tomada de consciência. A APU surgiu, pois, nesta campanha eleitoral com uma grande dinâmica caracterizada também pela viva participação da juventude (em nada comparável com a campanha de Dezembro último), pela realização de acções orientadas especificamente para os pequenos e médios agricultores (como sucedeu em Caldas, Pombal e nos concelhos mais ao Norte) e pelo entusiasmo que marcou as grandes iniciativas. Joaquim Gomes a propósito sublinhou-nos as actividades realizadas no último fim-de-semana em Peniche (uma

caravana de 4 horas com centenas de motorizadas e dezenas de automóveis e outros veículos percorreu todo o concelho) e na Marinha Grande (cortejo com carros engalanados). Jaime Félix salientaria, por seu turno, a excelente iniciativa realizada em Alpedriz (Alcobaça). Ao encerrar a campanha, e com o mesmo ânimo e a mesma confiança na eleição do segundo deputado APU pelo círculo (Oswaldo de Castro, professor, membro do PCP), a palavra de ordem dos activistas da APU é: **prosseguir até ao fim!** O último dia da campanha será o culminar de uma linha ascendente de iniciativas, contactos, esclarecimento. É neste espírito que se enquadra a realização de três grandes caravanas (uma no sul, outra no centro e outra ainda no norte do distrito), além de vários porta-a-porta, sessões um pouco por toda a região e comícios nas localidades principais.



Distrito de Leiria

Até em Bragança as provocações perderam força

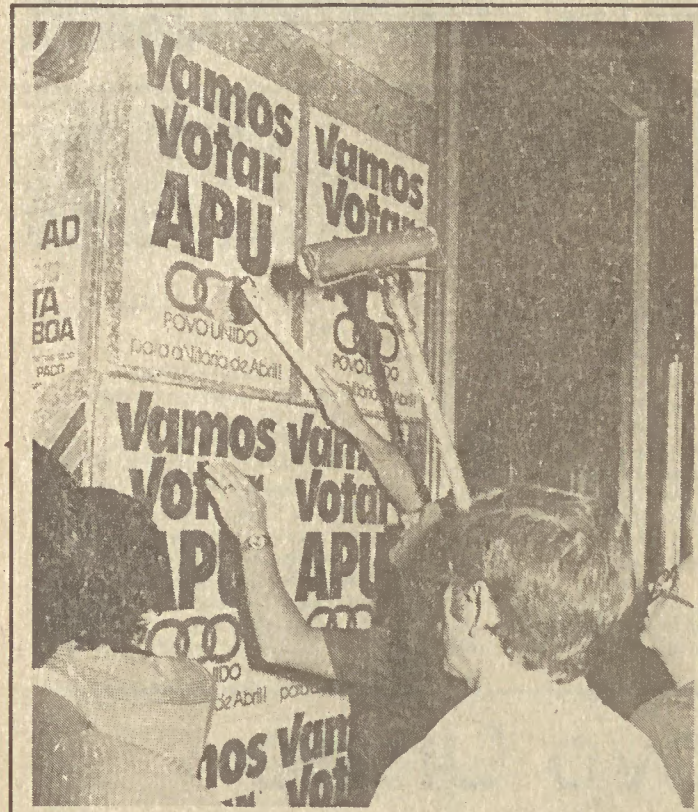
Se, por um acaso remoto, a aliança reacçãoária voltasse a ter a maioria de deputados, que não de votos, na Assembleia da República, uns milhões de portugueses ficariam proibidos cantar o Hino Nacional. Proibição semelhante fez o candidato «ad» por Bragança, Adriano Moreira, antigo ministro fascista de Salazar durante uma sessão realizada em Freixo de Espada à Cinta, e na qual disse que os presentes que não fossem da «AD» não podiam cantar o Hino. Se isto não fosse tão grave daria vontade de rir. Felizmente que esta atitude escandalizou profundamente os presentes. Os dirigentes fascistas pensam que o País ainda está subordinado pela censura e pela FIDE. Mas o panorama é bem diferente. Por isso mesmo, poucos dias depois

desta cena, cerca de 250 pessoas participaram num comício, em Freixo de Espada à Cinta, promovido pela APU e no qual esteve presente o cabeça de lista pelo distrito, Modesto Navarro. Referindo-se a este caso abjecto, Modesto Navarro afirmou que essa

Distrito de Bragança

múmia do fascismo é o ponto mais rasteiro desta campanha eleitoral. A sua presença nas listas da «AD» constitui uma ofensa aos democratas e às profundas aspirações de desenvolvimento e justiça social do povo

transmontano. Entretanto, no distrito de Bragança, a APU não tem estado inactiva como o provam as dezenas de sessões e comícios já realizados e a realizar ainda até amanhã. Trabalho difícil, tem deparado por vezes — menos do que no anterior — com provocações e boicotes organizados pelos caciques locais. Mesmo assim muitos destes boicotes têm sido desmontados pelos candidatos da APU que com a sua presença serena ultrapassam as provocações e continuam as sessões que a direita queria ver anuladas. Também aqui a direita reacçãoária está a perder força. E não tarda o dia em que o 25 de Abril e as conquistas que possibilitou cheguem plenamente ao distrito de Bragança.



Apoios que vêm de Angola e Canadá

Agora que está na hora de mudança — não tenhamos dúvidas: a aliança reacçãoária vai ficar em minoria e 6 de Outubro será dia de festa para a esmagadora maioria dos portugueses — o entusiasmo toca também os emigrantes portugueses, como sucedera aliás logo após o 25 de Abril de 1974. No decorrer de uma sessão de esclarecimento recentemente realizada pela APU, em Toronto, Canadá, os presentes aprovaram um moção em que se exigia a demissão de Sá Carneiro e do seu Governo dado não oferecer idoneidade e integridade suficientes para assumir um tão importante e responsável cargo num país onde a Constituição é, em matéria de democracia, um exemplo para o mundo inteiro.

Emigração

De Angola: apoio à APU

Subscrita por 765 assinaturas, circula na República Popular de Angola uma «Carta aberta a todos os portugueses residentes e cooperantes na República Popular de Angola». Aí se faz o apelo ao voto unitário na Aliança Povo Unido, sublinhando-se que é hoje uma exigência nacional a união de todos os homens honestos, de todos os democratas e patriotas em redor da

APU, com vista à formação de um governo efectivamente democrático e de unidade nacional, garante de estabilidade e da retomada de Portugal no caminho de Abril, da Amizade e da Cooperação com todos os Povos do Mundo. No documento em causa salienta-se ainda ser imperiosa a definição de uma política externa alinhada pelos princípios do diálogo, compreensão, entrelaçada e cooperação e que, por isso e para isso, no caso da República Popular de Angola, tem de ser acompanhada de posições firmes e de real repúdio e condenação vigorosa das agressões e crimes hediondos dos racistas sul-africanos contra a Pátria e o Povo irmão de Angola.

Nas eleições de 76, em Braga, a APU não era ainda um problema para os partidos da direita. Isso alterou-se em Dezembro de 79 quando, folgadoamente, a Aliança Povo Unido elegeu o seu candidato por aquele círculo e fica a uma margem pequena (os votos dos partidos de esquerda eram suficientes) de eleger o segundo. Em Outubro de 80, a direita está apreensiva, diríamos mesmo, está preocupada — a APU criou condições para eleger dois deputados pelo distrito. — Vitor de Sá e Oscar Jordão Pires.

Situações destas não surgem por acaso, resultam antes de muito trabalho. E trabalho foi coisa que não faltou na campanha eleitoral deste ano no distrito de Braga por parte da APU. Uma campanha massiva que estabeleceu um contacto directo com as massas foi feita sem poupar esforços. Todas as feiras, todas ou quase todas as empresas, nas ruas, nos bairros, nos mais diferentes locais públicos, candidatos, militantes e activistas da APU lá estavam, esclarecendo a utilidade do voto na APU.

A par disto, verificava-se por parte das populações uma procura da propaganda da Aliança Povo Unido. Aliás, neste distrito, várias informações são coincidentes quanto à profusa utilização dos autocollantes APU. As pessoas, em número elevado, ostentam-nos na lapela, nas bolsas ou nas pastas. Por outro lado, cartazes e panos surgem nos locais mais diversos do distrito. Existem freguesias onde nunca, nestes anos, tinha sido colado um cartaz e agora aparecem nas paredes por iniciativa das pessoas da terra.

As sessões de esclarecimento realizadas nas freguesias mais afastadas têm registado participação fora do normal, verificando-se o interesse das pessoas daquelas localidades em estarem presentes. Também aqui a juventude que participa aumentou relativamente ao ano passado. E também aqui se verifica o desejo de uma unidade de esquerda por parte das bases locais da FRS. Trabalhadores há que dizem: **Se eles voltam a trair-nos rasgo o cartão e acabou-se de vez o voto no PS!**

Distrito de Braga

Entretanto, a direita, reconhecendo que está a perder terreno já lançou mão dos irmãos Corréios, que há quatro dias apareceram novamente na cidade. Tem também procurado rasgar a propaganda da APU que cobre a cidade e ruas do distrito. Quanto às provocações que lança, verifica-se serem actos isolados e desesperados, sem qualquer apoio da população, o que não sucedia anos atrás. Braga, mais outra preocupação nestas eleições para a troica «Carneiro-Amaral-Teles. Mas não só.

A «AD» em Braga Ver por um canudo o aumento de deputados



Também em Vila Real é visível o reforço da APU

Distrito de Vila Real

No distrito de Vila Real, nem por ser uma zona com menos possibilidades da APU eleger um deputado, a campanha deixou de ser feita com o empenhamento verificado nos outros distritos. Os democratas, os militantes e activistas da APU naquele distrito de Trás-os-Montes embora trabalhem afinadamente para isso podem realmente não eleger um deputado mas sabem que o seu esforço se vai traduzir num reforço da votação, num aumento das pessoas que começam a encetar a seriedade das propostas

apresentadas pela APU, no tomar possível a curto prazo a eleição do primeiro deputado, como em Dezembro passado sucedeu em Aveiro e Braga e como este ano se desenhava já em Viseu, Viana do Castelo e Castelo Branco. Com efeito, das iniciativas levadas a cabo uma nota dominante ressalta — e todas as informações indicam que o mesmo se passa a nível nacional — a grande participação da juventude. Mas um balanço mais cuidadoso indica que nas iniciativas deste ano estiveram o dobro das pessoas que

em Dezembro passado participaram em idênticas realizações. Quer isto dizer que a APU no distrito vai aumentar para o dobro a votação obtida em Dezembro? Não necessariamente. Mas não deixa de ser um indicador de que realmente a votação aumentará. Também ali não faltaram as nossas caravanas automóveis. Deslocando-se pelos principais pontos do distrito deram uma animação diferente da habitual. Por outro lado, verificou-se que nas sessões de esclarecimento surgiram

frequentemente as perguntas — as questões mais diversas, tocando os mais diversos assuntos — revelador de uma assistência diferente da habitual. Mais de uma centena de sessões de esclarecimento, comícios-festa em Vila Real, Alijó, Régua, Chaves, Vila Pouca de Aguiar, Boticas e Murça e em que participaram alguns milhares de habitantes da região é um saldo positivo, que no futuro poderá contribuir para um avanço ainda maior. Também aqui a reacção já não pode contar com a participação da

população para os boicotes e iniciativas semelhantes. Os reduzidos casos que se verificaram — dois ou três — são prova disso. Não há dúvida — dizem-nos — a prática do Governo «AD» foi também uma ajuda para a transformação democrática que se verifica no distrito, onde as populações começam a estar cansadas de serem enganadas, nomeadamente das promessas não cumpridas, mesmo que nas vésperas das eleições surgem os ministros a dizer que sim, que agora é que tudo vai mudar.

URSS COMEMORAÇÕES DA REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

4 a 11 DE NOVEMBRO MOSCOVO-LENINEGRADO Preço 29 350\$00

4 a 18 DE NOVEMBRO MOSCOVO-LENINEGRADO KIEV-VILNIUS Preço 37 850\$00

VIAGENS ORGANIZADAS PELA Associação PORTUGAL - URSS

Com a colaboração da

CONTACTE-NOS NA RUA DES. CAETANO, 30 LISBOA Telef. 60 10 99 - 60 11 99 - 60 11 24



Para você acompanhar os resultados eleitorais

é fundamental ter um livro com tudo sobre as eleições anteriores

- A mais completa compilação de dados sobre todos os actos eleitorais do Portugal de Abril
- Cerca de 350 quadros de dados estatísticos
- 240 páginas — 250\$00

ELEIÇÕES PARA O PORTUGAL DE ABRIL

CDL — a distribuição — À venda em todo o País

NO ROSSIO DIA 3 GRANDE BANCA DA APU

VENDA DE LIVROS E DISCOS DAS 9 ÀS 24 HORAS

SESSÃO DE AUTÓGRAFOS COM ARTISTAS E ESCRITORES

GRANDE PROMOÇÃO DO LIVRO

«AS ELEIÇÕES NO PORTUGAL DE ABRIL»

~~250\$00~~ 150\$00

Acompanhando a subida da APU pela TV consulte o livro que tem tudo sobre as eleições anteriores

Semana

23

Terça-feira

1978 — Realiza-se em Évora um Encontro Regional de UCPs e Cooperativas Agrícolas, onde é apresentado um plano agro-pecuário a curto e médio prazos.



«Bem» acompanhado

Francisco Pinto Balsemão, ministro-adjunto do Primeiro-Ministro Sá Carneiro, desloca-se a Chaves em campanha eleitoral acompanhando por «gorilas» de boina preta, sete dos quais exibindo autocolantes do «ELP». Os jornalistas da imprensa diária e não diária, agências noticiosas e Radiodifusão iniciam dois dias de greve em luta por novas condições de trabalho, nomeadamente um novo enquadramento profissional e uma actualização salarial, condições que consideram importantes para a sua independência e dignificação profissionais; esta greve é a maior da Comunicação Social em Portugal desde 1921.

24

Quarta-feira

1958 — Morre o actor Alves da Cunha



Greve na imprensa

Com sete meses de atraso, o Banco de Portugal publica o seu relatório e contas de 1979, onde se divulga que a dívida externa portuguesa aumentou 21,5%; esta demora deveu-se, em grande parte, a uma determinação do ministro das Finanças, Cavaco e Silva, que fez publicar no «Diário da República» um despacho proibindo a divulgação do relatório sem a sua aprovação prévia. O director de programas da RDP, Oliveira Pires, manda substituir, sem qualquer explicação, a equipa de locutores que estava escalada para trabalhar no centro de escrutínio da Gulbenkian no dia das eleições; a equipa em causa era a mesma que já trabalhara no centro de escrutínio da Gulbenkian nas últimas eleições e que pelo serviço isento e competente desenvolvido merecera um louvor em ordem de serviço. O Sindicato dos Jornalistas considera um êxito a greve de dois dias levada a cabo pela imprensa diária e não diária, agências noticiosas e Radiodifusão.

25

Quinta-feira

1975 — É nacionalizado o monopólio da CUF.



«Derrama» sobre o Porto

Personalidades de todos os sectores sociais e culturais enviam ao primeiro-ministro Sá Carneiro um abaixo-assinado condenando a recusa de vistos de entrada em Portugal a cidadãos de países socialistas. É aprovado com votos dos deputados municipais da AD, PS, e UDP o lançamento de uma derrama de 10% em 1981, na cidade do Porto, que incide sobre as colectas da contribuição predial rústica e urbana, contribuição industrial e do imposto de turismo, cobrados na área do concelho do Porto; a única força política que se opôs àquela decisão foi a APU, que denunciou o lançamento da derrama como uma tentativa dos responsáveis camarários minimizarem os graves prejuízos causados ao concelho pela não aplicação da Lei das Finanças Locais pelo Governo AD, que assim consumou um roubo ao concelho de 420 916 contos.

26

Sexta-feira

1978 — O «Diário da República» publica o Decreto-Lei que extingue a chamada «Fundação Salazar».

O Conselho de Informação para a RDP aprova uma declaração criticando a actuação da comissão administrativa daquela emissora, que foi acusada de tentar calar a informação livre e pluralista e evitar que a RDP cumpra o seu relevante papel pedagógico e formativo. A principal estação de TV da RFA, a «ARD», considera que Sá Carneiro se apresenta ao eleitorado português em «posição desvantajosa» devido ao escândalo financeiro em que está envolvido. O «Diário da República» publica a Resolução 344/80, subscrita pelo primeiro-ministro Sá Carneiro, onde se publica uma lista de 104 empresas em que o Estado tem participação no capital social e que o Governo AD está disposto a oferecer aos grandes capitalistas a título de «indenização». O CR declara inconstitucional o decreto da Assembleia Regional dos Açores que regula o direito de antena na TV; o parecer havia sido solicitado pelo ministro da República para os Açores, almirante Silva Horta. Os jornalistas dos dois canais da RTP que ontem estiveram em greve, consideram em comunicado que ganharam a primeira batalha ao repor com a sua luta uma parte da legalidade — voltar a dar notícias sobre a campanha eleitoral — considerando ser o próximo objectivo a reposição completa da legalidade.

1979

Sábado

Dois trabalhadores da Reforma Agrária, António Maria Casquilho, de 17 anos e João Geraldo Caravela, de 57 anos, de Santiago do Escoural, são assassinados por uma força da GNR em terras da UCP «Bento Gonçalves», durante a entrega de uma «reserva» ao agrário Manuel António Padeira Júnior.

27

Sábado

Os cooperantes da União de Cooperativas do Couço inauguram as novas instalações de uma oficina metalomecânica que orçaram em cerca de cinco mil contos e constituem uma manifestação de confiança na Reforma Agrária e na democracia possível com o 25 de Abril. Em comunicado, o Movimento Unitário dos Reformados, Pensionistas e Idosos (MURPI) denuncia que o magríssimo aumento das pensões decretado pelo Governo AD no mês das eleições está longe de compensar a subida do custo de vida e exige a satisfação do seu caderno reivindicativo para 1980. Em comunicado o Sindicato dos Jornalistas dá conta à classe do resultado (nulo) da reunião efectuada no Ministério do Trabalho entre a CNS, a Associação de Imprensa Diária e os representantes daquele Ministério, acusando o patronato e o Governo de mais uma vez se aliarem contra os jornalistas.

28

Domingo

1400 — É assinado o Tratado de Sagóvia, que põe termo às hostilidades entre Castela e Portugal, que remontavam à morte de Fernando.

Pronunciando-se a propósito do projecto de decreto-lei do Governo AD sobre horários de trabalho, a CGTP-IN e 13 federações sindicais afirmam que os trabalhadores nunca aceitarão horários de trabalho que só servem, de uma forma escandalosa, os interesses dos grandes patrões da CIP, CAP e CCP e representam um agravamento escandaloso das suas condições de vida. O ministro das Finanças e do Plano, Cavaco e Silva, parte para os EUA a fim de, em nome do Governo AD, contrair com o FMI dois empréstimos no montante de 90 milhões de dólares (cerca de quatro milhões e meio de contos).

29

Segunda-feira

1933 — Salazar publica o decreto n.º 23 053 que proíbe os sindicatos livres da classe operária e cria a organização corporativa.

Começa na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa o Congresso Internacional sobre Aprendizagem e Desenvolvimento, promovido pelo Instituto Piaget; este encontro, que terminará no próximo sábado, conta com a presença de 60 especialistas portugueses e estrangeiros e mais de 500 participantes. Uma resolução do Conselho de Ministros datada do passado dia 17 prorroga, por um período suplementar de 180 dias, a intervenção do Estado em 26 empresas de diversos sectores de actividade; a prorrogação destina-se a possibilitar as negociações com os antigos titulares das empresas, com vista à desintervenção.

30

Terça-feira

1974 — O general Costa Gomes é nomeado Presidente da República.

Os trabalhadores da empresa pública «Notícias/Capital» decidem em plenário exigir do Conselho de Gerência o pagamento imediato de retroactivos e o levantamento das medidas decorrentes da declaração da empresa em «situação económica difícil». O Serviço Nacional de Bombeiros é dotado de personalidade jurídica e autonomia administrativa e financeira por forma a permitir-lhe a actuação que a relevância dos problemas do sector justificam. O Sindicato dos Professores da Grande Lisboa alerta para as dificuldades com que se debatem as escolas preparatórias e secundárias para conseguirem iniciar o próximo ano lectivo convenientemente e na data que o MEC determinou, devido à irresponsabilidade do Ministério, que não tomou as medidas convenientes em devido tempo, apesar de insistentemente exigidas pelo Sindicato.

Semana

23

Terça-feira

1934 — É fundado o Partido Comunista de Porto Rico.



Andrei Gromyko

O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko, denuncia na Assembleia Geral das Nações Unidas a política belicista praticada pelos EUA, afirmando que os governantes deste país estão empenhados numa campanha de propaganda a favor da guerra nuclear. Continua o conflito armado entre o Irão e o Iraque, incidindo os combates sobretudo sobre as instalações petrolíferas de ambos os países. O regime ditatorial sul-coreano, encabeçado pelo general Chun Doo-hwan, anuncia que vai recorrer ao referendo para impor ao país uma nova «Constituição», que ilegaliza os partidos políticos e reformula as normas eleitorais; dirigentes da oposição sul-coreana consideram que o anunciado referendo não passará de uma farsa com que a ditadura pretende «legalizar-se».

24

Quarta-feira

1973 — O PAIGC declara, em Madina do Boé, a independência da Guiné-Bissau.

Nove trabalhadores peruanos despedidos de diferentes empresas ocupam a embaixada de França em Lima, anunciando que se manterão em greve da fome até serem readmitidos nos seus postos de trabalho. A comissão executiva da Comunidade Económica Europeia (CEE) rejeita a decisão ministerial de reduzir o respectivo orçamento para o próximo ano, provocando nova crise no interior da organização. Morrem 25 pessoas e 20 ficam feridas em estado grave em Espanha, devido ao embate de um autocarro com um comboio da linha Madrid-Valença. Dirigentes do Partido Comunista Brasileiro (PCB), ainda legal no Brasil, anunciam no Rio de Janeiro que o partido realizará o seu VII Congresso em meados de 1981.

25

Quinta-feira

1968 — Morre no Rio de Janeiro o escritor brasileiro Machado de Assis.

A República Popular e Democrática da Coreia acusa o regime sul-coreano de lançar duas agressões armadas contra postos fronteiriços ao longo da zona desmilitarizada. Dois deputados do Parlamento de Israel, Charlie Biton e Tewfik Toubi, da «Frente Democrática para a Paz e a Igualdade», avistam-se em Sofia com o presidente da OLP, Yasser Arafat. Os dirigentes chineses rejeitam a proposta do Vietname para o reinício das conversações sobre a situação na fronteira entre os dois países, considerando que de momento não estão «criadas as condições» e a «atmosfera necessária» para tal tratamento.

26

Sexta-feira

1962 — No Iemen do Norte um grupo de oficiais derruba Iman Mohamed e proclama a República.

A nave soviética «Soyuz-38» regressa sem novidade à Terra trazendo de volta a tripulação internacional constituída por um astronauta cubano e outro soviético, que permaneceram durante uma semana na estação orbital soviética «Saliut». Com a presença da coroa de 2 400 delegados da maioria dos 152 Estados membros da UNESCO, inicia-se em Belgrado o debate desta organização das Nações Unidas para a Educação, Ciências e Cultura sobre o seu programa para o próximo ano, depois de terem sido resolvidas algumas questões processuais. Ao mesmo tempo que o governo iraquiano anuncia a suspensão total das suas exportações de petróleo, os EUA manobram junto dos seus aliados no sentido de prepararem uma intervenção na zona do Golfo. Os generais turcos, numa tentativa de reforçarem o seu poder, dissolvem todos os conselhos municipais, depõem os presidentes das câmaras e concedem uma amnistia para todos os portadores de armas não registadas.

27

Sábado

1940 — A Alemanha nazi, a Itália fascista e o Japão imperialista assinam o «Pacto Anti-soviético».



O nazismo impune na RFA

O governo italiano, de coligação de democratas-cristãos, socialistas e republicanos, demite-se na sequência da derrota no Parlamento de uma moção de confiança para o seu programa económico; em sequência a administração da FIAT anuncia que não despedirá nenhum trabalhador «pelo menos» até ao final do ano. Uma bomba colocada por um membro do bando nazi «Hoffmann — Artes Marciais» na entrada da «Festa da Cerveja» em Munique, RFA, provoca 14 mortos e 115 feridos, alguns deles em estado grave; o autor material do atentado foi vitimado pela deflagração do potente engenho que estava colocando. Cinco partidos da Galiza chegam a um acordo para propor a modificação do estatuto de autonomia desta província espanhola. Termina a reunião anual do Conselho Mundial da Paz, em Sofia, com a aprovação de um documento no qual lança um apelo ao desarmamento e define as suas tarefas a nível internacional para o ano de 1981.

28

Domingo

1949 — É fundado o Partido Guatemalteco do Trabalho.

Seis elementos do bando nazi «Grupo de Artes Marciais» são presos sob a acusação de serem os autores materiais do atentado bombista no recinto da «Festa da Cerveja», em Munique, quando se preparavam para atravessar a fronteira da RFA com a Áustria. O PCI considera que a demissão do governo italiano chefiado por Francesco Cossiga e o recuo da administração da FIAT sobre os despedimentos, constituem uma primeira vitória da luta dos trabalhadores. Um porta-voz da OLP anuncia em Beirute que os esforços de mediação desenvolvidos a diversos níveis para pôr fim ao conflito entre o Irão e o Iraque não deram ainda quaisquer resultados positivos. Morrem pelo menos 30 pessoas e 175 000 ficam sem casa no sueste do México, após três dias de chuva torrencial provocada pela tempestade tropical «Hermine». O director de Saúde do Estado norte-americano do Arkansas, Robert Young, revela que os níveis de elementos químicos tóxicos na água de um poço, perto do local onde explodiu o míssil nuclear «Titan-II», excedem dos índices normais e indicam que o silo deve estar a perder nitratos.

29

Segunda-feira

1977 — Entra em funcionamento, ficando em órbita terrestre, a estação espacial soviética «Saliut-6».



Teatro Bolshoi, de Moscovo

O Iraque, através de uma mensagem do seu presidente ao secretário-geral da ONU, afirma aceitar um cessar-fogo na guerra com o Irão, nas condições propostas pelo Conselho de Segurança, caso o regime iraniano também as aceite. Um juiz de instrução de Karlsruhe manda libertar cinco dos nazis detidos por implicação do atentado bombista de Munique, na RFA, por considerar que não tinha «provas suficientes». O presidente da Índia, Neelam Sanjiva Reddy, chega a Moscovo para uma visita oficial de oito dias à União Soviética. Combatentes da Frente Polisária aprisionam 16 pescadores espanhóis cuja traineira se encontrava a pescar em águas territoriais do Saara Ocidental. O Executivo Nacional do Partido Trabalhista britânico decide, por 20 votos contra cinco, apoiar uma moção pedindo a retirada da Grã-Bretanha da CEE, a apresentar na conferência anual do partido, que se realizará esta semana.

30

Terça-feira

1966 — Independência do Botswana.

O Irão anuncia que não aceitará qualquer cessar-fogo com o Iraque nem nenhum mediador enquanto a sua integridade territorial não for restabelecida. A China constitui formalmente um tribunal especial para julgar e executar a viúva de Mao Tsé-Tung e outros membros do denominado «bando dos quatro». Cerca de 50 pessoas são presas durante as últimas 48 horas no Egipto, numa operação de «desmantelamento» de uma «organização comunista clandestina».

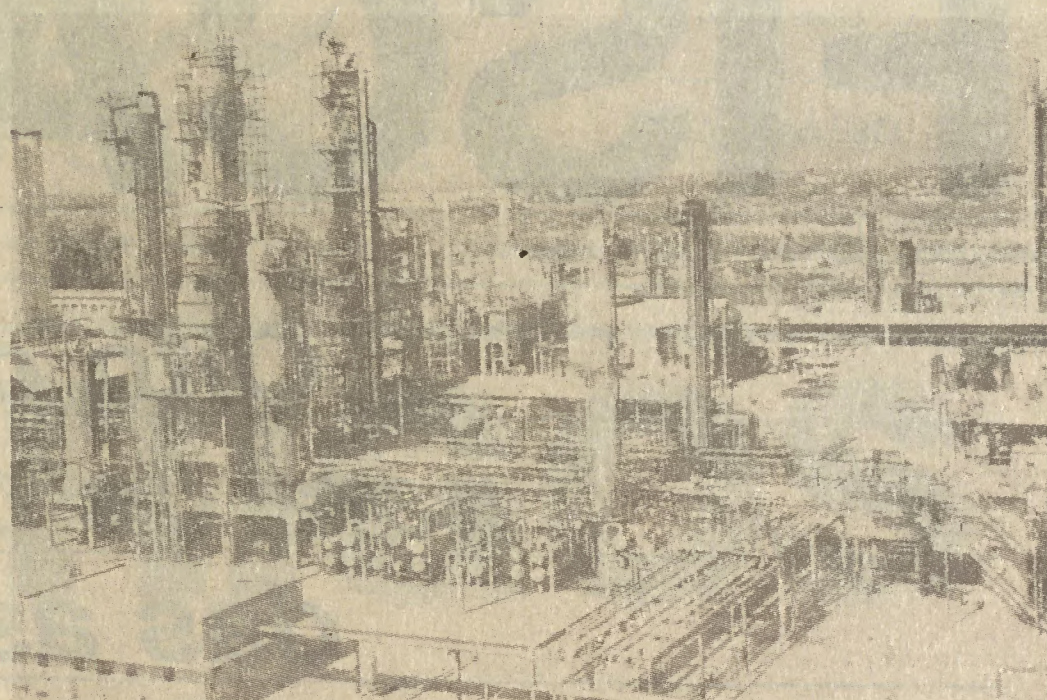
Agrava-se o conflito irano-iraquiano

Enquanto os esforços de mediação desenvolvidos a diversos níveis para pôr fim ao conflito armado que opõe o Iraque ao Irão ainda não deram quaisquer resultados concretos, os combates prosseguem cada vez com maior intensidade. Ambos os governos se mantêm intransigentes nas suas posições, formulando exigências mútuas dificilmente negociáveis.

É evidente para toda a gente que este conflito apenas serve os interesses do imperialismo e em particular dos EUA, os quais estão desenvolvendo (de resto como sempre fizeram) uma série de actividades subversivas contra as duas partes em litígio.

A afirmação de «neutralidade» proclamada pelos EUA em relação ao conflito é cortina de fumo muito mal erguida; não consegue, por exemplo, encobrir o envio de unidades militares suplementares para a zona nem desviar a atenção das intensas actividades ultimamente desenvolvidas pelo presidente Carter no sentido de, em conjunto com os principais países capitalistas, preparar uma intervenção militar no Golfo Pérsico, a pretexto dos riscos que corre a navegação no estreito de Ormuz.

Naturalmente que



Refinaria iraquiana. O petróleo, as suas «rotas» e os interesses «estratégicos» são o pano de fundo de um conflito que apenas interessa ao imperialismo. A guerra entre o Irão e o Iraque alastra enquanto os EUA reforçam a sua presença militar no Golfo Pérsico

a administração norte-americana desmentiu a convocação de uma cimeira ocidental para debater a «questão», embora não pudesse impedir que diversos dirigentes do mundo capitalista confirmassem as mensagens e os contactos, todos com o mesmo objectivo.

Entretanto segunda a agência TASS, em telegrama

do seu correspondente em Beirute, foi feito um apelo durante um comício realizado nesta cidade pelo presidente do Conselho Político Central das forças nacionais patrióticas do Líbano, Walid Joumblat, e Abu Ayad, membro do Comité Central da organização palestina «FAHD», no sentido de que seja solucionado o conflito.

Recordando que os EUA

constituem uma ameaça real para a estabilidade, segurança e independência do Médio Oriente, Walid Joumblat sublinharia que a continuação da guerra entre o Irão e o Iraque apenas responde aos interesses do Ocidente e acusaria os EUA de pretenderem utilizar as hostilidades entre os dois países para recuperarem as posições perdidas no Irão.

Conselho Mundial da Paz em Sofia, pelo desanuviamento

Terminou no passado sábado em Sofia, na Bulgária, a reunião anual do Conselho Mundial da Paz, que contou com a presença de 2 260 delegados representando 137 países. A delegação portuguesa era composta por membros do Conselho Português para a Paz e Cooperação, incluindo o general Costa Gomes e Silas Cerqueira, membros da presidência do Conselho Mundial da Paz.

Os 2 260 delegados presentes à reunião aprovaram

um documento no qual é lançado um apelo ao desarmamento e se definem as tarefas do Conselho Mundial da Paz a nível internacional para o ano de 1981. Apontando como objectivo essencial dos povos conseguir o fim da corrida aos armamentos, o documento, que foi aprovado na sessão de encerramento de sábado, sublinha que «o ano de 1981 deverá tomar-se no ponto de partida para uma ofensiva decisiva das forças amantes da paz na luta pela limitação da

corrida aos armamentos», criticando severamente, por outro lado, a chamada «nova estratégia nuclear norte-americana» que tem como base a monstruosa doutrina de uma «guerra nuclear limitada».

Além dos problemas do desarmamento, os participantes na reunião debateram ainda problemas energéticos, protecção do meio ambiente e a forma de criar uma nova ordem económica internacional que garanta

a independência dos países em vias de desenvolvimento.

O Conselho Mundial da Paz aprovou igualmente uma resolução sobre o actual conflito entre o Irão e o Iraque em que apela aos dois países para que cessem as acções militares e procurem uma via pacífica para solucionar as questões mútuas, recordando que apenas as forças imperialistas, que gostariam de restabelecer a sua influência na região do Golfo, têm vantagem naquele conflito.

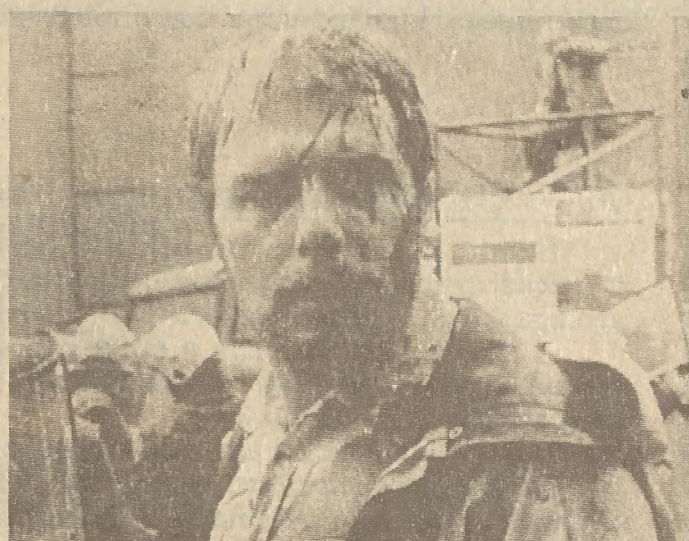
O crime de Munique é o rosto do fascismo

Na madrugada de sábado passado as autoridades da República Federal da Alemanha difundiram a notícia de que haviam sido mortas 12 pessoas e ficado feridas 115 num atentado bombista ocorrido no recinto da «Festa da Cerveja», em Munique — o atentado mais violento ocorrido na RFA desde o final da II Guerra Mundial. A bomba, de grande potência e colocada na entrada do recinto, deflagrou nas mãos do criminoso que a colocava num caixote do lixo: um jovem nazi, Gundolf Koehler, já anteriormente identificado como membro do «Grupo Hoffmann de Artes Marciais», agrupamento nazi já ilegalizado em Janeiro passado após contínuos protestos públicos contra a passividade das autoridades perante as acções terroristas de que era responsável.

Enquanto o número de vítimas mortais ascendia a 14, a polícia, seguindo a pista evidente, viria a capturar seis elementos do bando nazi responsável pelo crime, quando

estes se preparavam para atravessar a fronteira do país com a Áustria. Todavia a 29 de Setembro um juiz de instrução de Karlsruhe consideraria não ter «provas suficientes» para manter na prisão cinco dos detidos, não obstante estar provado que o autor material do atentado, Koehler, era membro do bando nazi «Artes Marciais». E entre os libertados foi o «chefe» Karl-Heinz Hoffmann...

A ocorrência deste crime hediondo registou-se imediatamente após o início de uma campanha contra o governo social-democrata de Helmut Schmidt levada a cabo pelo chefe da oposição de extrema-direita, o «democrata-cristão» Franz-Joseph Strauss, campanha denunciadora do desespero em que a direita alemã federal se encontra face às próximas eleições de 5 de Outubro, na RFA. Essa campanha assentava exactamente sobre o tema do terrorismo e a incapacidade governamental em o deter... Posto isto, não será difícil imaginar o tipo de argumentação e dividendos que



Esta foto é de um manifestante que, na RFA, foi «pressurosamente» agredido pela polícia; entretanto os nazis implicados no monstruoso crime de Munique foram libertados por «escassez de provas»

Strauss e C.ª tentariam obter do atentado de Munique, caso a detecção dos responsáveis não surgisse tão comprometedora, rápida e limpidamente.

Recorde-se ainda que este grupo nazi de Karl Hoffmann e suas «artes marciais» foi fundado em 1974 e tem tido

como «campo de manobras» os terrenos e o castelo do próprio Hoffmann, situados na Baviera. Lá, sob a asa protectora da administração de Joseph Strauss, os nazis têm desenvolvido tranquilamente os seus treinos militares, que iam desde a utilização de armas ligeiras a carros de combate...

Em Itália o governo cai e os trabalhadores ganham

Demitiu-se o governo italiano presidido por Francesco Cossiga. A coligação governamental, constituída precariamente na base de uma aliança de democratas-cristãos, socialistas e republicanos, caiu após a Câmara dos Deputados ter rejeitado um plano económico governamental, numa votação secreta, por 298 contra 297 votos.

Apesar da derrota tangencial, a votação demonstra que pelo menos 30 deputados da coligação governamental votaram contra a proposta do governo, recusando o voto de confiança para o seu programa económico.

Na sequência do anúncio da demissão do governo, a «FIAT» assegurou que não

despedirá nenhum trabalhador, pelo menos até ao fim do ano. Recorde-se que os últimos dias do governo desmoronaram-se no meio de graves confrontos laborais, devido à decisão anunciada por esta empresa construtora de automóveis em despedir mais de 14 000 trabalhadores.

Quando tomaram conhecimento destes aconteci-

mentos, os sindicatos italianos desconvocaram uma greve geral marcada para hoje, dia dois de Outubro, tendo o Partido Comunista Italiano considerado que a demissão do governo chefiado por Francesco Cossiga e o recuo da administração da «FIAT» sobre os despedimentos constituem uma primeira vitória dos trabalhadores.

Governo AD impede entrada de esgrimistas soviéticos

Uma delegação de esgrimistas soviéticos, entre os quais o campeão do mundial de sabre da categoria de juniores, Grigori Pogossow, e o vice-campeão da mesma modalidade e categoria, Andrei Alechan, viu recusados os vistos de entrada no nosso país

pelo governo Carneiro/Amaral.

Esta delegação deslocava-se ao nosso país ao abrigo do intercâmbio cultural luso-soviético e contava ainda com a presença de dois atiradores de florete e dois treinadores, um dos quais, Serfion Koltchinski,

director da escola de esgrima de Kiev, já havia estado entre nós.

Os esgrimistas soviéticos deveriam estar no nosso país, de 7 a 15 de Outubro próximo. A atitude deste governo fascizante em recusar os vistos à delegação, insere-se numa

campanha anti-soviética que tem procurado, através de atitudes semelhantes, deteriorar as relações luso-soviéticas e levar o nosso país, cada vez mais, para o isolamento internacional característico do fascismo.

Mas o fascismo não passará!

FISCALIZAÇÃO

Oito conselhos práticos para os delegados e membros das assembleias de voto

1.º – Estar presente logo no início dos trabalhos

Os delegados e membros das mesas devem estar presentes nos locais às 7 horas da manhã do próximo dia 5. Sucede contudo que não é obrigatória a presença de todos os elementos da mesa para que se dê início aos trabalhos preparatórios e se proceda à abertura da assembleia. Nestas circunstâncias, acontece frequentemente que delegados e membros de mesas que não residem na localidade ou área da assembleia para a qual foram indicados aguardam a abertura da mesa onde eles próprios votam, entregam o seu voto e só depois se deslocam para o cumprimento das funções de fiscalização. **Isto é um profundo erro.** Na realidade, todo o processo de início dos trabalhos (conferência dos boletins e cadernos, abertura dos votos por correspondência, identificação dos membros e delegados, etc.) é um dos momentos mais delicados e que mais se presta a fraudes e maningâncias para as quais a cacicada local na ausência de delegados fica com as mãos livres.

Considerando que qualquer delegado ou membro da mesa se pode ausentar durante o período da votação, **é preferível que aqueles compareçam ao início dos trabalhos e mais tarde se desloquem então para votar**, sendo eventualmente o seu lugar ocupado por um delegado substituto.

2.º – Toda a atenção aos votos inutilizados

Contam-se por milhares os votos inutilizados que nas últimas eleições foram considerados válidos.

Existem mesmo indicações de que foram organizadas fraudes a partir dos votos inutilizados. O «truque» é relativamente elementar: uns quantos eleitores (dezenas, centenas?) devidamente industriados comparecem para votar e recebem o respectivo boletim; chegam à câmara de voto, assinalam a cruz na «AD» e regressam à mesa dizendo que se enganaram; entregam o voto inutilizado e recebem outro novo, onde novamente assinalam a cruz na «AD» e que entregam para ser depositado na urna. Acumulam-se assim votos inutilizados sobre a mesa onde se encontra a urna e mais não é necessário do que no final, para a contagem, conseguir misturar tudo – **se o voto inutilizado não tiver imediatamente sido referenciado como tal.**

A lei é clara no processo a seguir: logo que é entregue um voto inutilizado, o presidente da mesa deve imediatamente escrever sobre ele a palavra **inutilizado e rubricar.**

É uma tarefa essencial de delegados e membros da mesa assegurarem que a lei seja cumprida neste caso e em nenhuma circunstância deixar acumular votos enganados sem qualquer referência em cima da mesa. Estes devem **imediatamente** ser assinalados e rubricados pelo presidente da mesa, procedendo-se logo após o encerramento da mesa de voto à sua contagem e ao seu encerramento num envelope, conforme determina a lei.

3.º – Os eleitores acompanhados

Entrou já quase no campo da anedota a quantidade de «cegos» e «deficientes» que a cacicada reacçãoária inventou em Dezembro de 1979 para permitir que «pessoa de confiança» acompanhasse o eleitor e colocasse a cruz onde convinha à «AD»!

A lei é igualmente clara a este respeito: ninguém pode votar acompanhado, ou melhor, **ninguém pode preencher o seu boletim acompanhado** a não ser em caso de manifesta incapacidade física para o fazer.

A questão é delicada mas não é difícil afinal de resolver.

Os delegados e membros das mesas têm de tomar uma atitude firme a este respeito. As únicas deficiências que manifestamente impedem um eleitor de preencher pessoalmente o seu boletim de voto são a cegueira ou amputação ou paralisia dos membros superiores. No caso da cegueira, contudo, muitas vigarices se podem cometer e **deve ser sempre exigido o atestado médico que autentica a deficiência do eleitor.** Os delegados e membros da mesa devem alertar os eleitores e seus acompanhantes que invoquem estas impossibilidades para as penalidades que a lei prevê para as burlas.

Quanto a eleitores que necessitem ser acompanhados por dificuldades de deslocação, apenas podem ser acompanhados até à câmara de voto, devendo o acompanhante afastar-se enquanto o eleitor preenche o boletim. **É de toda a conveniência que seja um elemento da própria mesa a acompanhar o eleitor nessa deslocação.**

4.º – As questões de identificação

Especialmente nos meios rurais onde muitos eleitores (por dificuldades naturais de deslocação e outros motivos) não têm toda a sua documentação em ordem colocam-se frequentemente dificuldades de identificação.

Para votar não basta apresentar o cartão de eleitor. É necessário também o Bilhete de Identidade ou, na falta deste, qualquer documento habitualmente utilizado para identificação,

desde que tenha fotografia (carta de condução ou passaporte). Na falta de qualquer documento identificativo o cidadão só poderá votar se a sua identificação for reconhecida **unanimente** (por todos) os membros da mesa ou se for atestada, sob compromisso de honra, por dois cidadãos eleitores.

5.º – Quem pode estar presente nas mesas de voto

A presença de caciques no interior ou nas redondezas das assembleias de voto é um dos processos de intimidação a que frequentemente a direita recorre para intimidar os eleitores. Outras vezes, o «sr. dr.» desloca-se em «caravana», eventualmente em ambiente de pseudofesta, acompanhando pessoas sobre as quais, por motivos económicos ou outros, exerce influência que pretende se manifeste igualmente na votação.

A lei é clara: para além dos membros das mesas, delegados das listas, mandatários e candidatos ninguém mais pode estar nas assembleias ou secções de voto. Logo que um cidadão eleitor exerça o seu direito de voto deve sair da respectiva assembleia. Assim, não é permitida a presença de eleitores que já votaram ou de quaisquer outras pessoas, para além das já referidas e dos jornalistas e desde que não perturbem o decorrer do acto eleitoral.

E mais: não é permitida a propaganda até uma distância de 500 metros das assembleias de voto, tal como não são permitidas ofertas de qualquer tipo no quadro do acto eleitoral (aquelas «desinteressadas» manifestações caciqueiras do estilo «Então venha lá uma grade de cervejas aqui para o pessoal» dão... cadeia!).

6.º – Serenidade e firmeza

O exercício da sua função pode naturalmente colocar um delegado ou um membro da mesa em discordância com os outros elementos. Mesmo que não se esteja face a um caso de burla ou fraude, podem gerar-se susceptibilidades, discordâncias. É evidentemente necessário actuar com serenidade e cortesia, mas com toda a firmeza, **chamando a atenção para todos os elementos da mesa que a salvaguarda da honestidade da votação é do interesse de todos.**

Muitas vezes criam-se situações (como no caso da intransigente exigência da inutilização e rubrica pelo presidente da mesa dos votos inutilizados) de susceptibilidade do estilo «mas o senhor está a desconfiar de mim ou quê?» Há que serenamente exigir o cumprimento da lei sem transigências pois manifestamente não se trata de casos de confiar ou não confiar mas cumprir os preceitos legais.

Também no caso da identificação de eleitores que, como vimos, a ser feita pela mesa exige a **unanimidade** de todos os membros há que ser firme e não alinhar no facilitar, no «bom, se vocês o conhecem está bem»!

7.º – Passar tudo a escrito

Uma das exigências básicas para uma eficaz fiscalização é o de assegurar que eventuais protestos sejam lavrados na acta da assembleia eleitoral, bem como que esta corresponda rigorosamente ao que se passou.

Não adianta fazer protestos verbais e depois de terminada a votação vir contar que «aquilo foi uma pouca vergonha, fulano fez isto e aquilo e eu protestei, mas os outros não estiveram de acordo», etc., etc.

No caso de se ter verificado uma fraude qualquer, **se não houver documentos escritos de protestos de delegados ou membros da mesa, não há nada a fazer depois:** os tribunais não se podem pronunciar.

Neste caso, mais vale pecar por excesso do que por falta!

8.º – Levar o livrinho!

A Editorial Caminho editou recentemente um «Manual dos delegados e dos membros das mesas das assembleias de voto» **que é um instrumento essencial** para o trabalho e de que todos os delegados devem estar munidos durante a votação.

O «Manual» é separata de um outro livro contendo a legislação anotada relativa às eleições que é igualmente de grande utilidade, mas o primeiro é verdadeiramente essencial.

Entre outras indicações úteis, contém uma série de minutas de reclamações e protestos que podem facilitar extraordinariamente a passagem a escrito que se viu ser fundamental.

Há todo o interesse que, no próximo sábado, todos os delegados e membros das assembleias ocupem umas horinhas em suas casas folheando o «Manual» para se familiarizarem com a legislação e as normas que regem a importantíssima tarefa que vão desempenhar no próximo dia 5.

A fiscalização do acto eleitoral é uma condição essencial para a honestidade das eleições e para a verdade dos seus resultados.

A experiência ensina e a realidade prova que são as forças da reacção que sistematicamente recorrem às burlas, às «chapeladas», ao condicionamento e intimidação dos eleitores.

A fiscalização eficaz das votações é assim não apenas uma tarefa exigida pela legalidade democrática como também um contributo efectivo para a derrota da direita.